

HABITAR OLÍMPICO

ANÁLISE CRÍTICA DOS COMPLEXOS RESIDENCIAIS CONSTRUÍDOS PARA OS JOGOS OLÍMPICOS



João Carlos Bernardo Mendes

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Sob orientação do Professor Catedrático José António Bandeirinha e co-orientação da Arquitecta Carolina Coelho

Departamento de Arquitectura, FCTUC, Setembro 2017

HABITAR OLÍMPICO

João Carlos Bernardo Mendes
Setembro 2017

A presente dissertação segue o Antigo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e as normas da APA para a referência bibliográfica.

As citações directas de fonte estrangeira, que integram o corpo de texto, encontram-se na Língua Portuguesa, por tradução livre do autor, por forma a facilitar uma leitura continuada do texto.

Em nota de rodapé transcreve-se a citação na língua original.

Agradeço ao Professor Catedrático José António Bandeirinha pelas cativantes conversas que proporciona aos seus alunos e pela sabedoria transmitida na sua orientação.

À Professora Carolina Coelho, pela confiança depositada e disponibilidade constante ao longo do trabalho.

A todas as entidades, arquivos nacionais, bibliotecas locais e Comités Olímpicos Nacionais e Internacional que foram contactados e que, de alguma forma, contribuíram para esta dissertação, em especial Alma Brand (Los Angeles Public Library), Anna Di Luca (Comité Olímpico Nacional Italiano), C. Hopkins (London Metropolitan Archives), Claude Zachary (USC Libraries Special Collections), Julianna Jenkins (Library Special Collections), Matt Norman (The National Archives of the United Kingdom), Michael Holland (Los Angeles City Archives), Raynald Lepage (McGill University Library), Schulze Forsthövel (Federação Alemã dos Jogos Olímpicos) e Shirley Ito (LA84 Foundation).

A todas as amizades que me ajudaram a construir enquanto pessoa, principalmente aos meus amigos do curso pela companhia nas noitadas de trabalho e na vida académica desta cidade.

À Inês Pinheiro pelos momentos de cumplicidade e apoio incondicional ao longo deste nosso percurso.

Por fim, aos meus pais, irmãos e família, no qual as palavras não são suficientes para agradecer o que aprendo com eles todos os dias.

The creation of an Olympic village is precisely that — a creative act — for one does not build an atmosphere conducive to the harmonious accommodation of every race and religion, every color and creed, out of mere bricks, steel, and concrete. Indeed not. Much more is required. It is not by defining its physical characteristics, therefore, that one understands exactly what an Olympic village is.

Sumário

I	RESUMO
III	ABSTRACT
IV	INTRODUÇÃO
1	1. O ESPAÇO DOS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS E O CONCEITO DE ALDEIAS OLÍMPICAS
17	2. ANÁLISE CRÍTICA DO ESPAÇO DAS ALDEIAS OLÍMPICAS
19	2.1. PIONEIRAS: ALDEIA OLÍMPICA COMO CONCEPÇÃO DE RESIDÊNCIA OLÍMPICA
21	PARIS 1924
25	LOS ANGELES 1932
33	BERLIM 1936
43	CONCLUSÃO SOBRE AS ALDEIAS PIONEIRAS
49	2.2. CATALISADORAS: ALDEIA OLÍMPICA COMO MEIO DE CRESCIMENTO URBANO
51	HELSÍNQUIA 1952
55	MELBOURNE 1956
59	ROMA 1960
65	TÓQUIO 1964
69	CIDADE DO MÉXICO 1968
73	CONCLUSÃO SOBRE AS ALDEIAS CATALISADORAS
79	2.3. CONDENSADORAS: ALDEIA OLÍMPICA COMO COMPLEXO UNITÁRIO DE HABITAÇÃO E SERVIÇOS
81	MUNIQUE 1972
87	MONTREAL 1976
91	MOSCOVO 1980
97	CONCLUSÃO SOBRE AS ALDEIAS CONDENSADORAS
103	2.4. REGENERADORAS: ALDEIA OLÍMPICA COMO MEIO DE REGENERAÇÃO DA MALHA URBANA EXISTENTE
103	LOS ANGELES 1984
109	SEUL 1988
113	BARCELONA 1992
123	ATLANTA 1996
127	CONCLUSÃO SOBRE AS ALDEIAS REGENERADORAS
131	2.5. CONTEMPORÂNEAS: ALDEIA OLÍMPICA COM UMA VISÃO MAIS SUSTENTÁVEL
133	SYDNEY 2000
137	ATENAS 2004
141	PEQUIM 2008
147	LONDRES 2012
155	CONCLUSÃO SOBRE AS ALDEIAS CONTEMPORÂNEAS
159	3. SISTEMATIZAÇÃO DOS DESENVOLVIMENTOS OCORRIDOS NAS ALDEIAS OLÍMPICAS E REFLEXÃO FINAL SOBRE O ESPAÇO PÓS-EVENTO
175	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
193	SUMÁRIO DE IMAGENS

Esta dissertação propõe fazer uma reflexão sobre os espaços que as Aldeias Olímpicas disponibilizaram aos atletas, desde o seu início até à contemporaneidade. Para tal, é feita uma análise crítica aos complexos residenciais Olímpicos, identificando momentos de mudança, a nível de concepção programática e espacial, em relação aos anteriores.

Inicialmente, como forma de contextualização do tema, é feito um estudo sobre os Jogos Olímpicos Modernos e como surgiu a necessidade de acolher os atletas participantes em residências construídas para estes eventos. É ainda apresentado o conceito de Aldeia Olímpica, assim como, os espaços necessários para o seu funcionamento.

Seguidamente, estrutura-se o trabalho em cinco momentos de investigação: *Pioneiras*, *Catalisadoras*, *Condensadoras*, *Regeneradoras* e *Contemporâneas*. Cada um tem como objectivo retratar um determinado conjunto de Aldeias Olímpicas, através dos planos gerais e das tipologias das residências, através dos respectivos desenhos, para identificar formas e escalas em que a mudança ocorreu.

O estudo que se elabora para a caracterização de como os espaços destes equipamentos eram vividos pelos atletas e, posteriormente, pelo utilizador permanente, respondendo às suas necessidades principais, pretende ainda perceber se existe uma linha contínua de desenvolvimento destes conceitos, tendo em conta a época, as vanguardas da arquitectura suas contemporâneas e o contexto em que cada evento está inserido.

Por fim, conclui-se de forma sistematizada os conteúdos abordados ao longo da dissertação e procede-se a uma reflexão final sobre o espaço pós-evento.

Palavras-chave: Aldeia Olímpica; evolução espacial; evolução programática; tipologias; utilizadores.

This master thesis proposes a reflection about the Olympic Villages and the facilities available to the athletes, since their beginning until today. To do so, a critical analysis is done to the Olympic residential complexes, in order to identify their changing moments, regarding spatial and programmatic conception.

First of all, as a way to contextualize the subject, it is crucial to study the Modern Olympic Games and the need to receive and host the athletes in residences, specific built for these events. It is also important to define the concept of Olympic Village, as well as the necessary spaces for them to work.

Then, the thesis is structured into five investigation moments: *Pionners*, *Catalysts*, *Congregators*, *Regenerators* and *Contemporaries*. Each moment aims to portray a certain group of Olympic Village, through its general concept and residence typology, architectural drawings, in order to recognize the different changes between form and scale, through time.

A study that aims to understand and portray the way these specific Olympic spaces were built and lived in by athletes and, subsequently, by the end user, answering to their main needs, intents also to understand if there is a continuous line of development underneath the Olympic Villages construction concepts, regarding the related architectural era and context of each and every one of the Olympic Villages and events.

Finally, in a systematized form, a conclusion about the spoken subjects is made, as well as a final reflection about the Olympic space after the event.

Keywords: Olympic Village; spatial evolution; programmatic evolution; typologies; users.

O Homem é um ser complexo, que nem sempre foi urbanizado, porém a indispensabilidade de abrigo é intrínseca à natureza humana. A cidade surge como um produto social e ao analisá-la, estudamos, por sua vez, parte da história do Homem e das suas necessidades quanto à habitação.

Habitar Olímpico surge como um novo modelo de experienciar a habitação, materializado na Aldeia Olímpica. A residência Olímpica apresenta-se como a habitação construída no âmbito dos Jogos Olímpicos para alojar temporariamente atletas, membros das respectivas delegações e funcionários do complexo. As Aldeias Olímpicas são o centro da actividade durante as competições Olímpicas, têm o objectivo de proporcionar condições favoráveis para a fase final da sua preparação para o evento e pretendem que os atletas absorvam valores de fraternização entre si, através da vivência conjunta com pessoas de diferentes religiões, raças e culturas.

Perante a efemeridade da utilização das Aldeias Olímpicas por parte dos atletas, por vezes, torna-se difícil que as tipologias criadas respondam às suas necessidades tão fugazes e complexas. À medida que cada país anfitrião projecta um novo modelo de residência olímpica, esta relaciona-se com a cidade de maneira diferente e disponibiliza serviços inéditos ao programa Olímpico, o que reproduz diversas interpretações ao traçado da Aldeia. Esta situação gera a questão: *Quais as mudanças que se constataam no desenvolvimento do desenho das Aldeias Olímpicas?*

Desta forma, compreende-se como objectivo geral deste trabalho de investigação fazer uma análise crítica aos espaços que as Aldeias Olímpicas têm vindo a oferecer aos atletas participantes e perceber em que escalas de análise houve mudanças no projecto da residência olímpica, desenvolvido pelos países anfitriões, em relação aos anteriores.

Como objectivos específicos, para um aprofundamento na procura de resposta à questão, importa compreender o complexo das Aldeias Olímpicas em diferentes escalas de análise. Inicialmente, como se desenvolveu o espaço dos Jogos Olímpicos Modernos e porque surgiu a necessidade de serem criadas residências dirigidas aos seus utilizadores, sendo importante entender o que elas apresentam, em termos práticos, enquanto elemento essencial na preparação dos atletas, mas também como conjunto integrante do programa dos Jogos Olímpicos. Pretende-se reflectir sobre os momentos que motivaram mudanças nas diferentes escalas de intervenção

Abordagens	Jogos	Cidade Anfitriã
	1896	Atenas
	1900	Paris
	1904	St. Louis
	1908	Londres
	1912	Estocolmo
	1916	- I Guerra Mundial -
	1920	Antuérpia
Pioneiras	1924	Paris
	1928	Amesterdão
	1932	Los Angeles
	1936	Berlim
	1940	- II Guerra Mundial -
	1944	- II Guerra Mundial -
	1948	Londres
Catalisadoras	1952	Helsínquia
	1956	Melbourne
	1960	Roma
	1964	Tóquio
	1968	Cidade do México
Condensadoras	1972	Munique
	1976	Montreal
	1980	Moscovo
Regeneradoras	1984	Los Angeles
	1988	Seul
	1992	Barcelona
	1996	Atlanta
Contemporâneas	2000	Sydney
	2004	Atenas
	2008	Pequim
	2012	Londres
	2016	Rio de Janeiro

Figura 1 - Tabela com os Jogos Olímpicos realizados, com as abordagens estudadas das Aldeias Olímpicas.

e perceber como as necessidades dos atletas tiveram influência nas decisões de arquitectura dos complexos residenciais, compreendendo se as referidas escalas foram sendo lineares ou alteraram-se conforme as necessidades dos países anfitriões. Ao nível da escala urbana propõe-se examinar a Aldeia Olímpica na relação com a cidade e com o Parque Olímpico. Quanto à escala do edifício tenciona-se examinar as tipologias das residências, quanto à inserção de espaços comuns, à relação dos quartos e perceber quais foram as adaptações que ocorreram e os diferentes espaços inseridos no complexo residencial para responder ao aumento do número de atletas e à convivência de géneros.

Esta investigação considera como objecto de estudo as Aldeias Olímpicas principais dos Jogos Olímpicos de Verão, tendo um arco temporal alargado, desde o seu modelo embrionário (1924), até à contemporaneidade. Contudo, o estudo não contempla, de forma intencional, os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016) pela falta de distanciamento crítico e pela decorrente escassez de estudos e informação, que seriam essenciais para um equilíbrio de conteúdos entre as diferentes fases do corpo de texto.

Posto isto, a presente dissertação encontra-se estruturada em três partes. A primeira parte, *O espaço dos Jogos Olímpicos Modernos e o conceito de Aldeias Olímpicas*, vem estabelecer uma contextualização do tema. Este capítulo pretende explorar o processo de desenvolvimento dos Jogos Olímpicos Modernos, apresentando os espaços antecedentes e o que eles implicavam em termos de espaços para as competições. Num segundo momento procura apresentar o conceito de Aldeia Olímpica, como complexo residencial exclusivo para o acontecimento, assim como os seus espaços e programas pressupostos para o seu funcionamento e a sua relação com a cidade. Em termos de metodologia, a análise baseou-se na leitura da bibliografia que trata os temas em estudo, com destaque para os documentos oficiais do Comité Olímpico Internacional (COI) para o conceito das Aldeias Olímpicas.

A segunda parte, *Análise crítica do espaço das Aldeias Olímpicas*, foi segmentada em cinco abordagens de estudo, associadas a arcos temporais (figura 1), que abrangem os diversos pontos-chave de desenvolvimento das residências, com o propósito de extrair os conteúdos transversais às mesmas: *Pioneiras*, *Catalisadoras*, *Condensadoras*, *Regeneradoras* e *Contemporâneas*. Os conceitos foram definidos e propostos pelo autor da presente dissertação após a leitura e

reflexão crítica da bibliografia disponível, como forma de estruturar a abordagem crítica ao desenvolvimento das residências. Em cada tema é realizada uma análise sequencial, em escalas diferenciadas, de desenhos de arquitectura. É feita uma leitura das obras quanto à distância ao Parque Olímpico e à cidade, às áreas utilizadas, à tipologia e volumetria dos edifícios e núcleos habitacionais, assim como ao tipo de programas de entretenimento e treino, anexos às habitações, que são disponibilizados aos atletas.

O tópico *Pioneiras* pretende mostrar como as respectivas organizações olímpicas nacionais desenvolveram as primeiras Aldeias Olímpicas, pois foram elas que, não havendo modelos antecedentes, idealizaram como seriam os alojamentos destinados aos atletas e fizeram nascer um novo conceito de habitação temporária. No âmbito das *Catalisadoras* são analisadas as Aldeias em que os países aproveitaram o evento olímpico para expandir habitacionalmente as suas cidades, após a Segunda Grande Guerra. O tema *Condensadoras* aborda as residências para atletas que tenham desenvolvido o conceito de edifícios com serviços de apoio à estadia do atleta no mesmo bloco habitacional. Em *Regeneradoras* estudam-se os casos de Aldeias que tenham servido para os países anfitriões intervirem na malha urbana existente, reabilitando-a com novos programas para a cidade. No último conceito, *Contemporâneas*, exploram-se os modelos mais recentes que aproveitaram este programa olímpico para desenvolver soluções de arquitectura e urbanismo sustentável.

O último capítulo, *Sistematização dos desenvolvimentos ocorridos nas Aldeias Olímpicas e reflexão final sobre o espaço pós-evento*, surge como cruzamento dos conhecimentos adquiridos nas duas primeiras partes, sintetizando o discurso para se responder ao inicialmente proposto, colocando ao mesmo tempo novas interrogações ao leitor para dissertações futuras, tais como a abordagens destes espaços a nível do pós-evento.

Os trabalhos académicos de investigação realizados à data incidem na implantação urbana do programa dos Jogos Olímpicos num determinado espaço-tempo. O alargado arco temporal retractado ao longo do presente texto, a sua abordagem sequencial e análise crítica aos espaços disponibilizados pelos complexos residenciais Olímpicos, assim como estes respondiam às necessidades dos seus diferentes utilizadores, tanto temporário como permanente, permitem que esta dissertação seja pertinente e original para o estudo das Aldeias Olímpicas.

Metodologicamente analisa-se em particular os Relatórios Oficiais dos Comitês Organizadores, mas também bibliografia relacionada a cada caso, em parte de uso directo de fontes primárias obtidas pelo autor através do contacto directo com os respectivos Comitês Nacionais, entidades competentes e bibliotecas e arquivos das cidades anfitriãs, que gentilmente nos disponibilizaram a informação pretendida, ao longo do percurso de trabalho para esta Dissertação, que decorreu entre Setembro de 2016 e Setembro de 2017. Como referência bibliográfica utiliza-se os nomes desses comitês, para um acompanhamento mais fácil ao longo do texto.

No que diz respeito à análise espacial, na relação entre os espaços e respectivas funções, estuda-se o desenvolvimento do conjunto no tempo, a nível de diferentes escalas de investigação. Esta é desenvolvida através de uma sistematização de conteúdos, informação e suportes gráficos dos projectos, onde se procurou ser o mais rigoroso e informado. Contudo, em certos casos, devido à falta de informação gráfica e teórica, não é possível identificar com exactidão as diferentes zonas da Aldeia Olímpica. Paralelamente, a multiplicidade de representações dos desenhos de arquitectura é representativa das diferentes datas em que foram desenvolvidos os projectos, atribuindo um peculiar significado à imagem gráfica da dissertação. Inclusive houve mesmo a possibilidade do autor realizar os desenhos do núcleo de habitação de Los Angeles 1932. Os registos fotográficos da época, apresentados ao longo dos textos, desempenham um papel essencial, pois através da sua observação, compreende-se melhor como é que os atletas e restantes utilizadores usufruíam do espaço.

Em suma, pretende-se que este trabalho focado no tema das Aldeias Olímpicas, revele o que este programa representa e, actualmente, em que medida pode potenciar as metrópoles anfitriãs nas mais diversas escalas. Permite também perceber o que se faz hoje, em que é suportado e quais as preocupações contemporâneas, se são decorrentes das anteriores ou se são inovadoras e quais as questões colocadas no presente e para o futuro neste programa.

1. O espaço dos Jogos Olímpicos Modernos e o conceito de Aldeias Olímpicas



Figura 2 - Santuário de Olímpia na Antiguidade, pintura de Heinrich Gärtner.

A cultura física sempre foi um tema que despertou particular interesse no povo grego. Dos eventos desportivos realizados por toda a Grécia, os que mais se notabilizaram foram os Jogos Olímpicos. Eles deixaram um importante legado na cultura grega, tanto ao nível desportivo como religioso, pois eram eles que moldavam estes dois princípios. Os atletas, na procura de obterem um equilíbrio mental e corporal, tentavam transpor o limite humano, alcançando um lugar divino, lugar esse reservado somente aos deuses:

“[...] é de religião que devemos falar ao tratar dos jogos na Antiguidade. Mas é, acima de tudo, de integração no cosmos, da forma de ver o Mundo e o Homem. [...] Uma visão do Homem que assenta na superação. Na afirmação de valores de competição através da busca dos limites.” (Pinto, 2013, p.22)

Apesar das incertezas quanto ao ano de começo dos Jogos, segundo tradições gregas, os primeiros foram realizados em 776 a.C.. O santuário de Olímpia (figura 2) era o palco deste evento durante as duas últimas semanas de Julho e este período de tempo designava-se “[...] «trégua sagrada», ao longo da qual eram esquecidos os problemas e suspensas as guerras.” (Redacção QuidNovi, 2004, p.8). Após esta proclamação de paz pelos embaixadores dos Jogos, todos os participantes das cidades-estado da Grécia apresentavam-se um mês antes do começo das provas, na cidade de Elis – situada a cerca de 57 quilómetros a Norte de Olímpia – para treinar nos ginásios e na palestra¹ e provar que tinham treinado nos últimos dez meses (Yaloris, 1997, p.24), para assim poderem integrar as competições. Segundo o arqueólogo Yaloris, em Elis, “havia actividades que hoje-em-dia estão reservadas às Aldeias Olímpicas durante cada Olimpíada.”² (*ibidem*, p.25), permitindo-nos dizer que revela ter sido a primeira Aldeia Olímpica.

Depois desta fase de preparação os atletas e árbitros partiam em procissão para Olímpia, para iniciarem as competições desportivas e as cerimónias religiosas, onde ficavam alojados nas suas tendas ou em estruturas temporárias:

¹ Palestra: do grego *Palaístra*, lugar onde os jovens faziam exercícios de ginástica e luta.

² Tradução do autor da citação original: “[There] were activities which nowadays are reserved to the Olympic Villages during every Olympiad.” (Yaloris, 1997, p.24).



Figura 3 - Exposição Universal no Crystal Palace, Londres, 1851.

“[...] na cidade fora de Altis, que consistia em várias habitações, cabanas e tendas, algumas de facto simples em aparência, mas outras sumptuosamente adornadas com ouro e roxo e outras decorações ricas. Esta cidade improvisada florescia por um curto período de tempo, para o festival, mas logo após a celebração desaparecia.”³
(Lambros & Polites, 1896, p.54)

Estes rituais perpetuaram-se durante quase trezentas edições, até ao ano de 393 d.C., ano em que o imperador romano Teodósio aboliu o festival (Gold & Gold, 2016, p.21).

Apesar dos séculos que passaram desde a sua extinção, a presença dos Jogos ainda era sentida um pouco por toda a Europa: “Desde a Idade Média, Olímpia e os Jogos Olímpicos eram mencionados de vez em quando em numerosos escritos” (Müller & Todt, 2015, p.27) e o desejo de os reestabelecer estava bem patente pela quantidade de eventos desportivos que foram surgindo, desde a primeira metade do século XIX, nos países europeus. Dois acontecimentos históricos que despoletaram fortemente essa vontade foram a descoberta arqueológica, em 1807, por parte de Lord Spencer Stanhope, de “um imponente complexo repleto com templos, ginásios, estádio, hipódromo e alojamento”⁴ (Gold & Gold, 2016, p.22) e a independência da Grécia da ocupação dos turcos, em 1830, que pretendiam utilizar os Jogos como meio de “restaurar os valores e identidade grega.”⁵ (Gold, 2016, p.333) através da reconstrução da cidade de Atenas.

Na segunda metade do século XIX, os países ansiavam por estabelecer relações com diferentes culturas, procurando mercados alternativos e novas formas de divulgar os seus produtos. As Exposições Universais surgiram na Europa, em 1851 (figura 3), como sucessoras das exposições de cariz nacional, que dinamizaram a economia e a indústria de alguns países, no fim do século XVIII e início do século XIX (Ferreira, 2005, p.124). Tinham índole temporária e atraíam pessoas com o objectivo de responder às necessidades referidas, mobilizando a sociedade para o consumo de novos produtos e para dar a conhecer as “inovações científicas e tecnológicas de países e empresas específicas” (Indovina, 1999, p.135.).

³ Tradução do autor da citação original: “[...] in the city outside the Altis, which consisted of various dwellings, huts and tents, some indeed simple in appearance, but others sumptuously adorned with gold and purple and other rich decorations. This improvised city, which flourished for a short time, for the festival, but which immediately after the celebration disappeared.” (Lambros & Polites, 1896, p.54).

⁴ Tradução do autor da citação original: “an imposing complex repleto with temples, gymnasia, stadium, hippodrome and accommodation.” (Gold & Gold, 2016, p.22).

⁵ Tradução do autor da citação original: “restore Greek values and identity” (Gold, 2016, p.333).



Figura 4 - Estádio Panatenaico nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896.

O mundo estava cada vez mais global e, segundo Ferreira (2005, p.10), “as Expos sempre comunicaram mais do que aquilo que expõem materialmente”, elas são idealizadas para, através do seu poder propagandístico e da apresentação de novos objectos, de edifícios e de arquitectura, apresentarem objectos intangíveis, como instituições colectivas ou ideologias projectuais, a uma audiência internacional, que, sem este meio, seria muito mais difícil de se darem a conhecer.

Foi esta a oportunidade visionada por Pierre de Coubertin – fundador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna – com o objectivo de exportar internacionalmente o evento desportivo, como novo bem essencial de uma sociedade moderna. Já que “o internacionalismo social e a cultura do final do século XIX tornava necessária a internacionalização do esporte.”⁶ (Müller & Todt, 2015, p.29), os Jogos Olímpicos foram o evento internacional encontrado para responder à incessante procura por parte de diversos países de desenvolverem culturas desportivas nos seus países.

A Grécia não queria perder a oportunidade de ser o primeiro país a acolher os Jogos Olímpicos Modernos e assim sendo, em 1894, o Congresso Olímpico Internacional, reconhecendo todo o seu passado ligado ao acontecimento, elegeu Atenas como cidade anfitriã. Ficou ainda definido, que os Jogos seriam promovidos junto dos visitantes de países estrangeiros na Exposição Universal de 1900, em Paris:

“Coubertin acreditava que os Jogos Olímpicos podiam tirar proveito dos muitos visitantes da Feira e do cenário festivo e, em particular, queria construir uma réplica de Olímpia, com templos, estádios, ginásios e estátuas e uma exibição arqueológica.”

⁷ (Gold & Gold, 2016, p.30)

A 5 de Abril de 1896 “o grande evento desportivo era recriado e recebia uma inovação importante: alargava as suas fronteiras muito para lá das da Grécia antiga.” (Redacção QuidNovi, 2004, p.7). Atenas atravessava uma fase de dificuldades política e económica o que a levou a reaproveitar estruturas existentes, tendo como exemplo o mítico Estádio Panatenaico (figura 4), questionando se “deveria dinheiro ser gasto nos Jogos Olímpicos como projecto de prestígio à

⁶ Do livro original editado por Norbert Müller e Nelson Scheneider Todt: *Pierre de Coubertin, 1863-1937: Olympism, Selected Writings*, de 2000, aqui transcreve-se a versão traduzida para Português do Brasil, por Luiz Carlos Bombassaro, em 2015.

⁷ Tradução do autor da citação original: “Coubertin believed that the Olympics could capitalize on the Fair’s many visitors and festive backdrop and, in particular, wanted to build a replica of Olympia, with temples, stadia, gymnasia and statues and an archaeological display.” (Gold & Gold, 2016, p.30).



Figura 5 - Corrida de Balões de ar quente nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900.

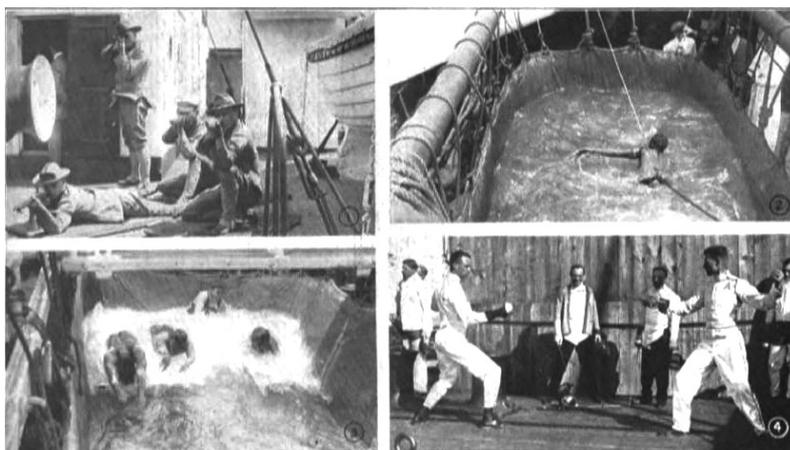


Figura 6 - Atletas da Equipe Olímpica Americana a treinar a bordo do navio S.S. Finland, em 1912.

luz das necessidades competitivas?”⁸ (Gold & Gold, 2016, p.28). Apesar de tudo, mostrou haver potencial para o renascimento das competições. Mas os dois Jogos seguintes – Paris (1900) e St. Louis (1904) – entraram em conflito com a importância das Exposições. Se por um lado, a capital francesa tinha falta de organização e separação entre os dois eventos, por outro, os organizadores americanos adicionaram os seus próprios desportos. Estes factores levaram a que alguns atletas não soubessem se estavam a participar na Exposição ou nos Jogos (*ibidem*, p.30) (figura 5).

Pelas suas características de competição de média duração, o tema da habitação está presente no âmbito dos Jogos Olímpicos. Este é inerente à necessidade humana e, por isso, sempre que o ser humano necessita de permanecer num determinado local tem que arranjar alojamento. Inicialmente, segundo Sainsbury (2016, p.181), os atletas e todos os elementos da competição hospedavam-se nas cidades, como se de turistas se tratassem, em hotéis ou em edifícios militares ou públicos. Excepcionalmente, nos Jogos Intercalares de 1906, em Atenas, houve uma tentativa de alojar os atletas no *Zappeion*⁹ e em 1912 e 1928 alguns comités participantes ficaram alojados nos próprios navios de transporte, onde tinham condições favoráveis à preparação dos atletas para as provas (figura 6), como descreve Pierre de Coubertin:

“A equipe americana viajou em um grande navio que pôde atracar em Estocolmo [1912] e lhe servir de alojamento. Além disso, estava equipado para o treinamento contínuo com pistas sobre a ponte; bicicletas estáticas; piscina de lona na qual os nadadores estavam sujeitos a uma corda que os puxava para trás a cada braçada; discos e dardos amarrados a cordas, de modo que podiam cair no mar sem maiores problemas.”¹⁰ (Müller & Todt, 2015, p.432)

Todavia com o aumento do número de participantes, os alojamentos das cidades começaram a não conseguir dar resposta e surgiu a necessidade de serem criadas residências que albergassem temporariamente os intervenientes respondendo às suas necessidades, não só enquanto pessoas, mas, também, enquanto atletas. Em relação a esta necessidade já o fundador dos Jogos tinha tornado público a sua posição:

⁸ Tradução do autor da citação original: “should money be spent on the Olympics as a prestige project in light of competing needs?” (Gold & Gold, 2016, p.28).

⁹ *Zappeion*: edifício neoclássico situado em Atenas, actualmente utilizado para reuniões e cerimónias oficiais. Intimamente ligado a diversas provas Olímpicas, no ano de 1906 foi utilizado como alojamento Olímpico, nos Jogos Intercalares.

¹⁰ Do livro original editado por Norbert Müller e Nelson Scheneider Todt: *Pierre de Coubertin, 1863-1937: Olympism, Selected Writings*, de 2000, aqui transcreve-se a versão traduzida para Português do Brasil, por Luiz Carlos Bombassaro, em 2015.

“Em 1910 Pierre de Coubertin tinha promulgado a ideia de uma *Cité Olympique*, onde as instalações desportivas estavam concentradas numa área específica da cidade anfitriã para ajudar a criar um ambiente de Olimpismo, desportivismo, amizade e internacionalismo. Como parte desta visão, ele recomendava fortemente casernas para hospedar os atletas durante os Jogos.”¹¹ (Sainsbury, 2016, p.181)

Desta forma, foi-se notando, ao longo dos anos, uma crescente relação entre os Jogos Olímpicos e a cidade que os acolhe, se inicialmente se instalavam nos parques existentes das cidades em conjunto com as Exposições Universais, posteriormente, o evento desportivo foi ganhando presença mais marcante nas cidades ocidentais e esse crescimento revelou ter um importante papel no urbanismo das mesmas, impondo quadrienalmente este acontecimento efémero (Grande, 2009, pp. 459-460).

A organização deste evento implica a construção de uma multiplicidade de edifícios e intervenções urbanas, as quais metamorfoseiam a imagem da cidade, atraindo para si um elevado número de visitantes e recursos financeiros (investidores privados, empresas públicas, futuros proprietários da área de construção ou a própria empresa de construção) que só são obtidos pelo papel atractivo que os Jogos têm na sua génese (Indovina, 1999, p.142). Este acontecimento, é classificado pelo arquitecto Indovina (1999, p.126) de “cidade ocasional”, no qual esta cidade é utilizada, como processo de renovação e reabilitação urbana, pelas grandes metrópoles mundiais, em prol do prestígio do próprio país.

Estas operações, claro está, envolvem uma elevada área consumida da malha urbana das cidades. Estudos apresentados no Congresso Olímpico Internacional, em 1996, concluíram que são necessários cerca de 671 hectares para a totalidade do edificado construído, ao qual acrescem cerca de 300 hectares de espaços circundantes e parques verdes (Millet, 1997, p.125). Dado a escala deste acontecimento, os urbanistas responsáveis pelo projecto têm que decidir se localizam o projecto Olímpico dentro da cidade ou se em zonas periféricas, sendo que cada uma das opções tem as suas vantagens e desvantagens. Se, por um lado, estando numa posição central à cidade evita problemas de acesso, por outro, poderá trazer problemas em termos de barulho e

¹¹ Tradução do autor da citação original: “In 1910 Pierre de Coubertin had promulgated the idea of a *Cité Olympique*, wherein sports facilities were concentrated in a particular area of the host city to help create an ambience of Olympism, sportsmanship, friendship and internationalism. As part of that vision he strongly favoured barracks to house the athletes during the Games.” (Sainsbury, 2016, p.181).

privacidade aos atletas. Paralelamente, colocá-lo nos arredores da urbe poderá trazer problemas de acessibilidade às atracções da cidade e implica um maior tempo de transporte (Felli, 1997, p.205).

Desta forma compreendemos que as vias e sistemas de transporte desempenham um papel essencial no decurso do evento, tanto no transporte de atletas como ademais participantes. O Comité Organizador tem, assim, de assegurar transporte dentro da Aldeia Olímpica (não poluente) e entre ela e os recintos desportivos, a cidade e o aeroporto. De forma a complementar este serviço é necessário que as cidades invistam no sistema de transporte público local e nas suas respectivas vias de circulação – ferroviária e rodoviária – pois, de acordo com Kassens-Noor (2016, p.259), “o objectivo do COI [Comité Olímpico Internacional] é providenciar-lhes [atletas e funcionários] sistemas seguros, de confiança e protegidos que minimizem os seus inconvenientes.”¹²

Por estes motivos, é normal que vejamos a Olímpia moderna dividida em dois elementos principais, o Parque Olímpico e a Aldeia Olímpica, “contudo, pode haver, a título excepcional, Aldeias auxiliares próximas aos locais de competição que estão a pelo menos 100 quilómetros ou a 1 hora de distância da Aldeia principal.”¹³ (International Olympic Committee, 1997, p.227).

O primeiro constituinte do programa Olímpico – o Parque Olímpico – compreende os recintos desportivos e estádios, assim como todos os serviços anexos destinados aos visitantes das provas.

A Aldeia Olímpica é o complexo, de alojamentos e serviços, exclusivo para atletas e oficiais de equipa (*idem*, 2016, p.76) e encontra-se dividido, fundamentalmente, em duas partes, a Zona Residencial e a Zona Internacional, às quais acresce, ainda, a Zona Operacional. A primeira zona é a área privada referente às habitações e onde são garantidos serviços básicos do dia-a-dia de atleta desportivo – salas de jantar, escritórios para cada Comité participante, equipamentos médicos, recintos desportivos, salas de lazer para os atletas e centros religiosos – e o acesso só é permitido a atletas e a funcionários, com credenciais. A Zona Internacional, comumente chamada de *International Plaza*, é o espaço restrito que oferece acesso à comunicação social, a

¹² Tradução do autor da citação original: “The goal of the IOC is to provide them with safe, reliable and secure systems that minimize their inconvenience.” (Kassens-Noor, 2016, p.259).

¹³ Tradução do autor da citação original: “However, there may be, on an exceptional basis, ancillary Olympic Villages close to competition venues which are at least 100 km or one hour’s drive from the main village.” (International Olympic Committee, 1997, p.227).

convidados e a familiares dos atletas, servindo, assim, de ponto de encontro e onde é possível usufruir de serviços recreativos e comerciais. Por último, a Zona Operacional, possivelmente a de maior importância para a Aldeia, que, independentemente do nome, não se refere a uma zona física dentro da Aldeia, mas sim ao conjunto de serviços que possibilitam o seu funcionamento, geralmente, localizados no seu perímetro para facilitar os movimentos entre o interior e o exterior.

Assim podemos dizer que a Aldeia Olímpica é o ambiente de vivência comum entre atletas de todo o mundo. É o local que se foca nas necessidades dos atletas, que tem os equipamentos necessários para os ajudar a preparem-se, mentalmente e fisicamente, e que os faz sentirem-se em casa, adquirindo, ao mesmo tempo, ideais de compreensão e amizade:

“Esperava-se que, na Aldeia Olímpica, os filhos de muitas terras, uma verdadeira representação das nações, pudessem encontrar um terreno comum de entendimento, de forma divorciada do internacionalismo político, como homens entre os homens, levando uma vida comum sob um único tecto: que aqui seria um cadinho de emoções herdadas em que as barreiras da raça ou crenças não poderiam ser distinguidas.”¹⁴
(The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.233)

Perante o que foi referido, seria errado da nossa parte generalizar, pois o conceito das Aldeias Olímpicas não foi sempre o mesmo, derivou de um processo de desenvolvimento de ideias, que foram sofrendo diversas adaptações conforme os contextos na qual estavam inseridas e que teve implicações muito concretas no espaço. Acções urbanas e tipológicas similares poderão ter sido repetidas, periodicamente, em locais diferentes, contudo cada evento deve ser individualmente analisado, tendo em conta o país, as suas tradições administrativas, a cidade anfitriã e os contextos sociais, políticos e económicos contemporâneos ao evento, como veremos no seguinte capítulo.

¹⁴ Tradução do autor da citação original: “It was hoped that in the Olympic Village the sons of many lands, a true cross-section of the nations, could find a common ground of understanding, in a manner divorced from political internationalism, as men among men, leading a common life under a single roof: that here would be a crucible of inherited emotions in which the barriers of race or creed could not be distinguished.” (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.233).

2. Análise crítica do espaço das Aldeias Olímpicas

2.1. Pioneiras: Aldeia Olímpica como concepção de residência olímpica

A arquitetura moderna começou a dar os seus primeiros passos com o processo de industrialização de novos materiais, tendo sido eles que despoletaram “[...] novas formas de edificação, que por sua vez respondiam às também novas necessidades de um mundo em modernização.” (Tostões, 2004, p.2). Desta maneira, o Movimento Moderno surge como forma de mostrar que era possível construir uma arquitetura moderna, aspirando a um Homem novo, que se relacionava com as modernas tecnologias construtivas:

“Apesar de sua riqueza e complexidade, o Movimento Moderno deixou claramente estabelecido: uma série de conceitos, atitudes e formas, uma defesa funcionalista do protagonismo do homem, a utilização de um sistema projetual no qual o método e a razão são primordiais, a confiança de que os novos meios tecnológicos [estão] transformando positivamente o cenário humano e a insistência no valor social da arquitetura e do urbanismo.”¹⁵ (Montaner, 2001, p.12)

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, no mundo da indústria, vemos uma tendência para a padronização e produção em massa. Começaram a ser formulados os primeiros resultados formais da arquitetura moderna, esta que era implacável relativamente ao uso do ornamento, que considerava dispendioso e reflexo de um homem burguês e expansivo (Gonsales, 2014).

No âmbito dos alojamentos Olímpicos, com o sucessivo aumento do número de participantes, havia necessidade de outro tipo de alojamento, que não os alojamentos existentes nas cidades anfitriãs disponibilizados a título temporário, durante os primeiros Jogos Olímpicos Modernos. No ano de 1924, dá-se o impulso decisivo nesta matéria, com a Carta Olímpica a recomendar, os futuros comités anfitriões, a disponibilizar alojamento e alimentação aos atletas participantes:

“O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos deve fornecer, aos atletas, alojamento, logística de dormida e alimentação a um preço fixo previamente definido per capita e por dia; os custos devem ser suportados pelas nações participantes, que também serão responsáveis pelos danos causados pelos seus atletas.”¹⁶ (Comité International Olympique, 1924, p.21)

¹⁵ Citado da edição em Português do Brasil.

¹⁶ Tradução do autor da citação original: “Le Comité organisateur des Jeux Olympiques est tenu de fournir aux athlètes des logements, les objets de couchage et la nourriture, à un prix forfaitaire qui devra être fixé préalablement par tête et par jour; les frais doivent être supportés par les nations participantes qui seront également responsables des dégâts occasionnés par leurs athlètes.” (Comité International Olympique, 1924, p.21).



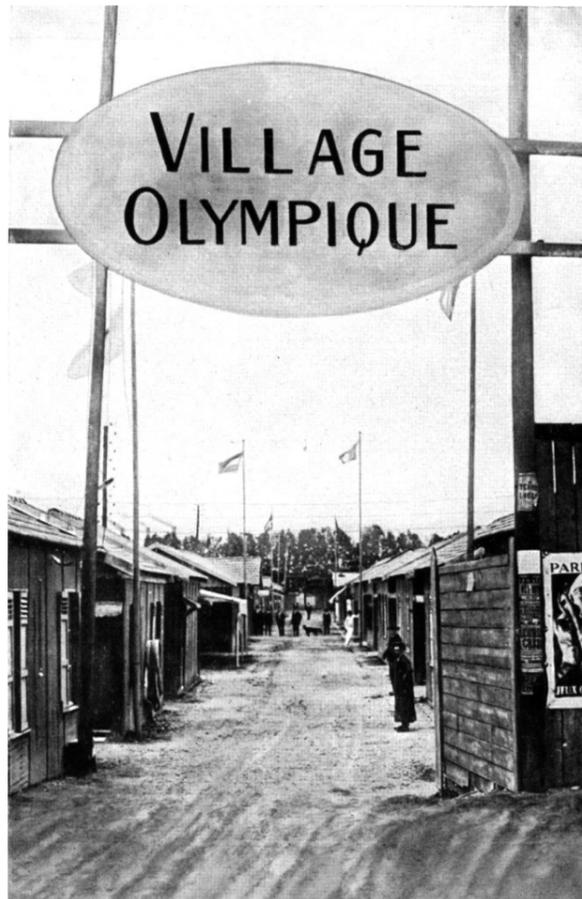


Figura 7 - Entrada da Aldeia Olímpica de Paris, em 1924.

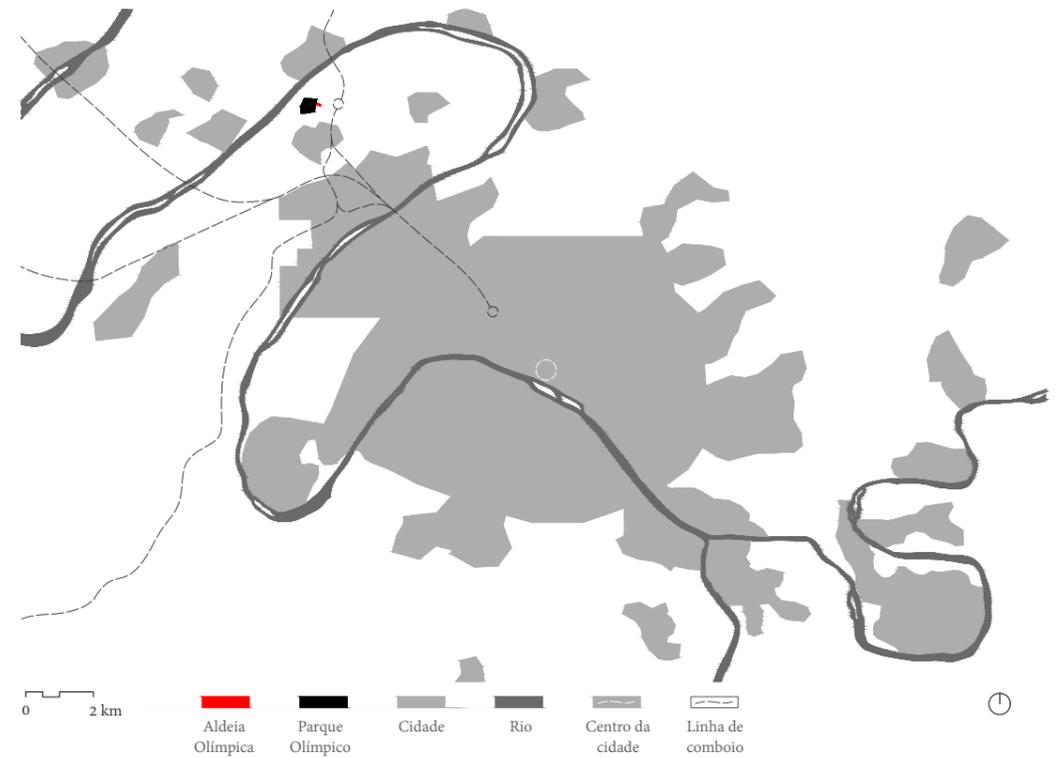


Figura 8 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Paris, em 1924.

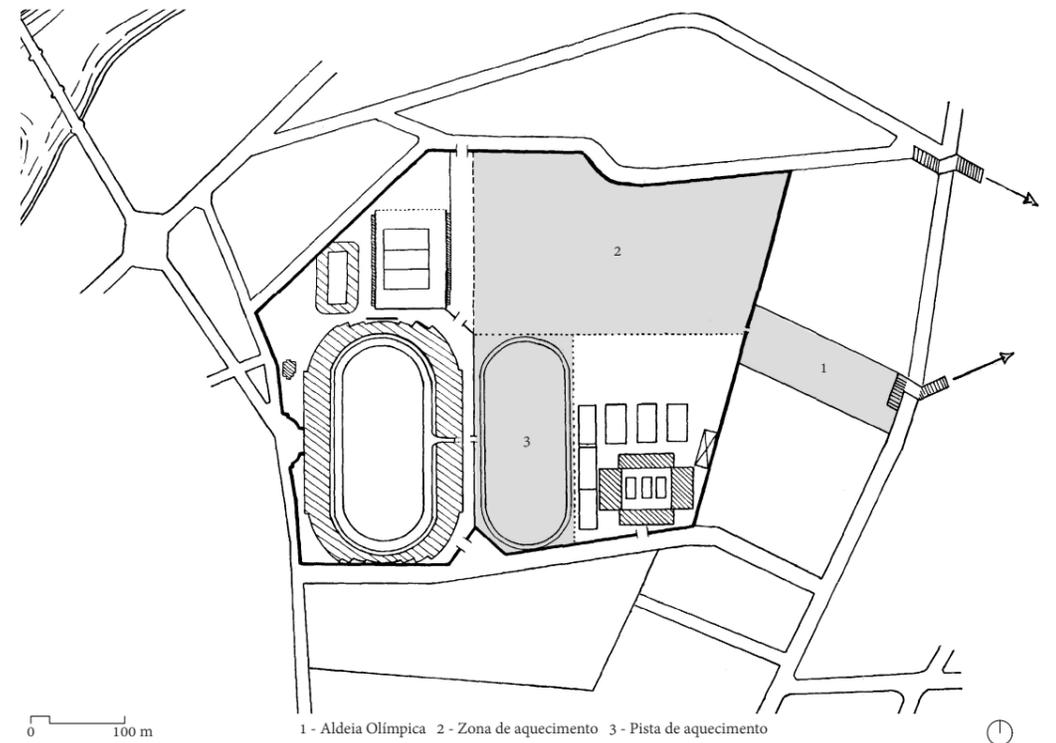


Figura 9 - Planta de implantação da Aldeia Olímpica de Paris.

Como veremos, os dois primeiros complexos residenciais Olímpicos empregaram materiais pré-fabricados na construção das suas habitações e, posteriormente, com o desenvolvimento imposto nestes programas, diferentes visões foram idealizadas pelos Comitês Organizadores.

O sub-capítulo *Pioneiras* tem como intenção expor as diferentes interpretações iniciais, dos países anfitriões, do que um conjunto habitacional deveria oferecer para melhorar as condições de preparação de um atleta Olímpico para as competições, em detrimento do mero quarto de hotel.

Paris 1924

Tinha passado cerca de um quarto do século, desde o início dos Jogos Olímpicos Modernos, quando as competições desportivas viajaram até a um público mais abrangente, através das transmissões radiofónicas, que se realizaram pela primeira vez nos Jogos Olímpicos. No ano de 1924, Paris teve oportunidade de reparar a calamitosa imagem deixada pelos Jogos que realizou no virar do século.

O comité francês não necessitava de facultar alojamento especificamente para o evento, pois a capital francesa era bem dotada de hotéis e outro tipo de alojamentos, porém este método era caro e logisticamente complexo e com receio que os atletas fossem dissuadidos por não lhes serem asseguradas opções economicamente mais acessíveis (Sainsbury, 2016, p.183) criaram um complexo que albergasse as equipas no mesmo local, sob as mesmas condições e serviços, intitulado pelo Comité Organizador francês: *Village Olympique* (figura 7).

A Aldeia Olímpica foi construída, nos grandes espaços livres a Este, que existiam adjacentes ao complexo desportivo construído na região de Colombes, a pouco menos de 10 quilómetros do centro da cidade de Paris e com cerca de 1 hectare de área, com a intenção de diminuir o tempo de transporte para os recintos desportivos (figura 8). Através da análise da planta de implantação (figura 9) verificamos que esta zona residencial possuía acesso directo para o campo de treino, situado no interior do recinto vedado dos estádios. Tinha um sentido axial para Noroeste e uma segunda saída a Sudeste, que através de uma ponte que cruzava a avenida Valmy, para evitar o trânsito automóvel, levava os utilizadores até à rua que dava acesso à Gare Olímpica de comboios – construída para o evento desportivo, a qual veio beneficiar as ligações de transporte para o local.



Figura 10 - Dois atletas japoneses no quarto da Aldeia Olímpica.



Figura 11 - Rua e praça no interior da Aldeia Olímpica.

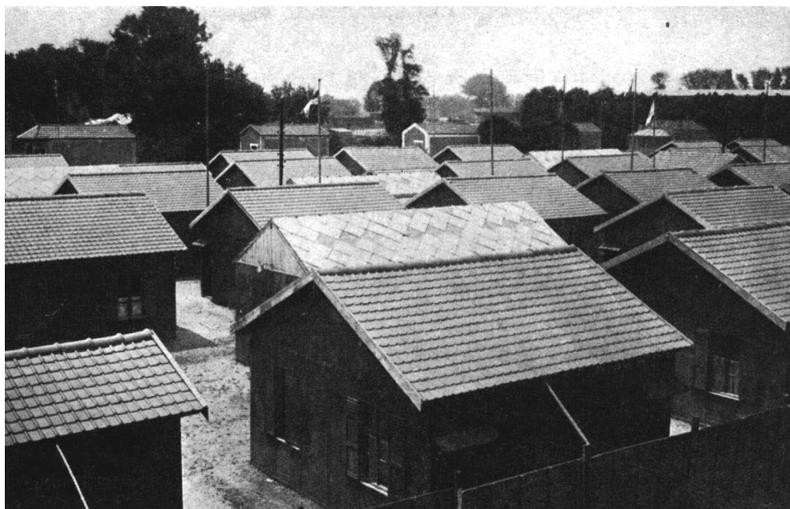


Figura 12 - Vista superior da Aldeia Olímpica, desde a ponte que cruzava a avenida Valmy.

O conjunto habitacional acabou por usufruir do processo de industrialização aplicado à madeira, que sem alterar significativamente as suas características, facilitou a sua utilização e montagem no local. Este, edificado com materiais bastante modestos, estava “longe de ser luxuoso, compreendia várias centenas de cabanas, de madeira com três camas [figura 10], dispostas em fileiras com passagens de terra batida [...]”¹⁷ (Sainsbury, 2016, p.183). Por outro lado, algumas passagens, que conduziam a pequenas praças dentro da Aldeia, dispunham de passadiços para evitar que os atletas caminhassem em lama, caso as condições meteorológicas não fossem favoráveis (figura 11).

Os edifícios com telhados de zinco serviam para sala de reuniões e diversos serviços (figura 12). Na Aldeia eram oferecidas infra-estruturas comuns ao dia-a-dia, tais como, lavatórios de água corrente, chuveiros, lavandaria, cabeleireiro e restaurante, e serviços próprios para quem está num país estrangeiro, principalmente de comunicação, como correios, quiosque de jornais, serviço de telefone, telégrafo e câmbio monetário.

As diferentes Equipas Olímpicas Americanas realizaram, cada uma, o seu relatório da experiência vivida nos Jogos Olímpicos, que foi posteriormente publicado no volume *Report on VIII Olympiad, Paris, France, 1924*, de Robert Thompson. Consideraram que, pelo preço praticado de trinta francos por dia, havia falta de condições para a preparação eficaz dos seus atletas (Thompson, s.d., p.25). Apesar das críticas, dentro das circunstâncias, a Aldeia respondia com sucesso a elementos básicos de alojamento, as “[...] condições eram limpas, saudáveis e sanitárias [...]”¹⁸ (*ibidem*, p.24), excepto o atendimento, principalmente o da restauração que, por ser realizado pelo Comité Organizador e desconhecendo ele os hábitos alimentares das outras nações, não se adequava às exigências dos atletas:

“Em Paris, na Aldeia Olímpica, comida indiferente foi preparada indiferentemente por cozinheiros franceses, que não se importavam e servidos por empregados de mesa que não se importavam. [...] se for decidido que todas as unidades da equipa se instalem juntas e se alimentem no mesmo local, então apenas os cozinheiros

¹⁷ Tradução do autor da citação original: “Far from lavish, it comprised several hundred three-bedded wooden huts arranged in rows with earthen passage-ways [...]” (Sainsbury, 2016, p.183).

¹⁸ Tradução do autor da citação original: “[...] conditions were clean, wholesome and sanitary [...]” (Thompson, s.d., p.24).



Figura 13 - Americanos após o *crash* da Bolsa correram aos bancos para salvar as suas economias.

americanos e a cozinha americana deve ser servida e servida por americanos que entendem o que os americanos querem e o que os americanos querem dizer quando falam ‘Estados Unidos.’”¹⁹ (Thompson, s.d., p.45)

Em suma, em Paris, vimos nascer a interpretação física do conceito da Aldeia Olímpica, porém tinha uma conformação ainda inicial, o que, aliado às altas temperaturas sentidas e ao facto de só ter sido possível alojar 600 dos 3089 atletas, tornaram a vida neste complexo algo desconfortável, o que levou Muñoz (1997, p.30) a comentar que, apesar das semelhanças arquitectónicas e de já ter alguns serviços, muito pouco teve a ver com a Aldeia Olímpica, construída em Los Angeles, anos mais tarde.

Los Angeles 1932

Outubro de 1929 foi um mês negro para o mundo capitalista. Os preços das acções da Bolsa de Valores de Nova Iorque tiveram uma queda acentuada, o que fez descredibilizar a economia dos países ocidentais industrializados (figura 13) e por todo o mundo foram surgindo notícias nos jornais de “ [...] bancos a falir, empregados despedidos por atacado, corpos de capitalistas jazendo nos passeios, no final do voo para o suicídio.” (Redacção QuidNovi, 2004, p.70). Era este o mundo contemporâneo à organização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932.

Numa altura em que o número de pessoas sem emprego atingia os 700.000 só na Califórnia, o lançamento de grandes obras públicas e privadas, por parte dos Estados Unidos, tentava recuperar a economia do seu país. Uma dessas operações foi o direito de albergar a prestigiada competição Olímpica, porém o governo federal recusou contribuir com recursos financeiros, o que levou o Comité Organizador a utilizar capital do município e privado, “[...] principalmente da indústria cinematográfica que promovia activamente os Jogos Olímpicos.”²⁰ (Gold & Gold, 2016, p.36).

¹⁹ Tradução do autor da citação original: “In Paris, at the Olympic Village, indifferent food was prepared indifferently by French cooks, who did not care, and served by waitresses who did not care. [...] if it is decided to have all team units quartered together and fed at the same place, then only American cooks and American cooking should be served and served by Americans who understand what Americans want and what Americans mean when they talk ‘United States.’” (Thompson, s.d., p.45).

²⁰ Tradução do autor da citação original: “[...] most notably the film industry which actively promoted the Olympics.” (Gold & Gold, 2016, p.36).

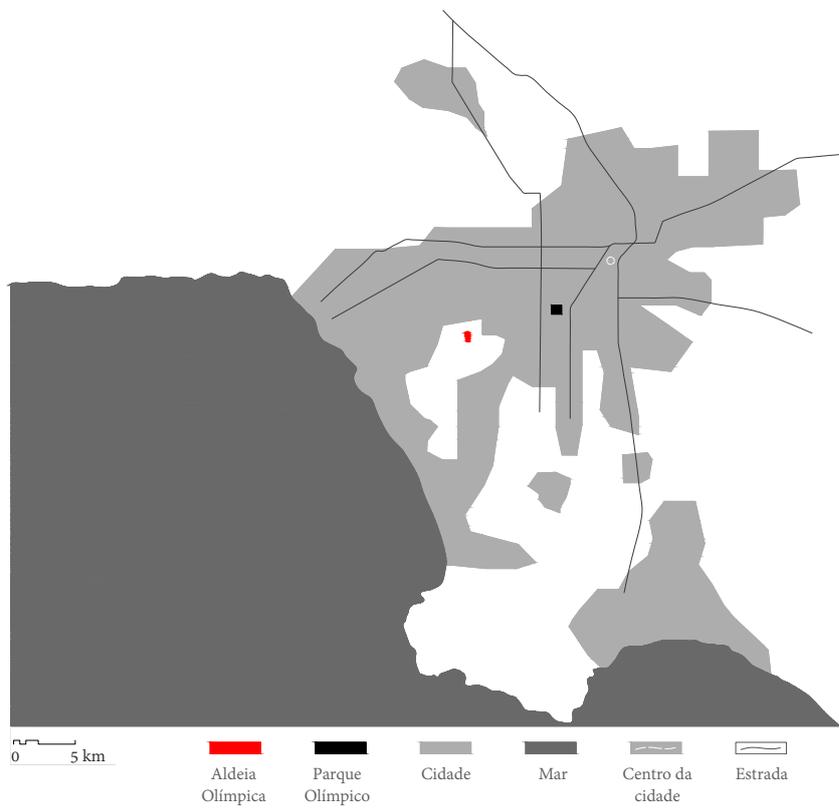


Figura 14 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Los Angeles, em 1932.



Figura 15 - Vista aérea da Aldeia Olímpica e da área circundante.



Figura 16 - Trabalhos de colocação das fundações dos edifícios.

A juntar a estas adversidades económicas, a situação geográfica de Los Angeles não lhe era de todo favorável, longe dos grandes centros de desempenho desportivos, deparou-se com o grande decréscimo de participação por parte de alguns países. Para tornar mais acessível o evento Olímpico e incentivar a participação, a organização fez acordos com empresas de transporte, do país e transatlânticas, e planeou criar uma Aldeia Olímpica que fosse ao encontro dos valores de Olimpismo de Pierre de Coubertin. Esta vontade de providenciar transporte e melhores instalações de estadia, possibilitaram que os Estados Unidos reabilitassem, perante o mundo desportivo, a imagem apresentada pela organização de St. Louis, tal como França fez oito anos antes.

Os organizadores da prova reconheceram que a temperatura média de Los Angeles, no Verão, poderia ser prejudicial à adaptação dos atletas provenientes de regiões mais frias (Sainsbury, 2016, p.184) e, por isso, através de medições elaboradas, seleccionaram *Baldwin Hills*, pois era a zona da cidade que tinha uma temperatura média 10 graus abaixo dos restantes locais testados. Situando-se ligeiramente a Oeste do centro da cidade, o sector, que iria acolher os 100 hectares de área da Aldeia Olímpica, ficava relativamente central aos principais focos de interesse – a 6 quilómetros do Estádio Olímpico e a cerca de 11 quilómetros do coração da cidade de Los Angeles (figura 14) – e oferecia uma boa vista da cidade e das áreas circundantes (figura 15). O complexo era exclusivamente para os 1206 atletas masculinos e restante equipa de apoio. Em relação às 126 desportistas femininas, dado o ainda reduzido número de participantes, optou-se por alojá-las nos hotéis da cidade – no caso, o *Chapman Park Hotel* –, como no início dos Jogos se fazia com todos os participantes e, igualmente, porque acreditava-se “que as necessidades femininas seriam melhor respondidas através de construções perenes” ²¹ (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.292).

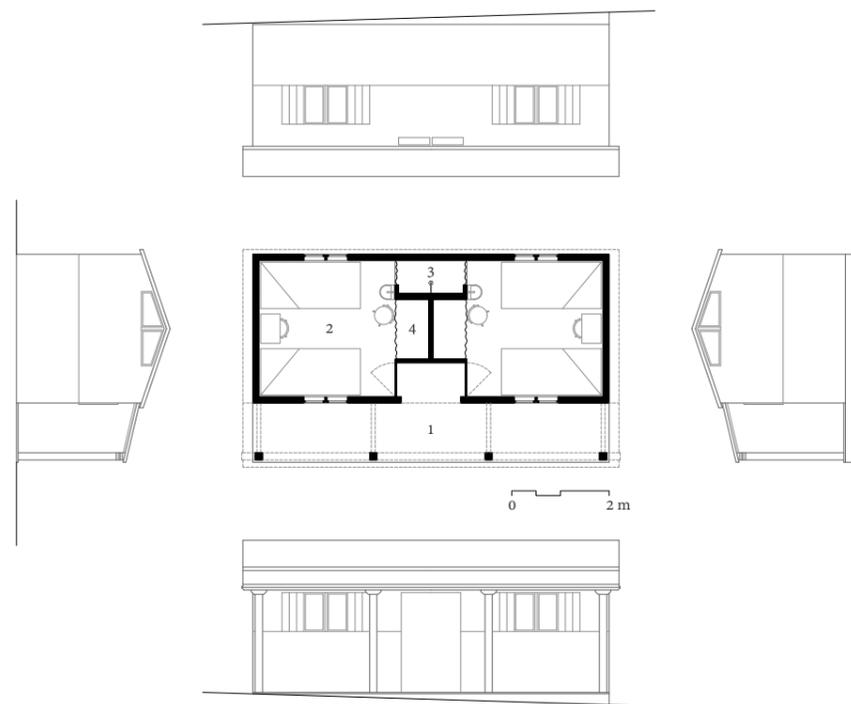
Visto que o terreno tinha sido doado para uso temporário, o projecto teria que ter o mínimo impacto possível (figura 16), “sem perturbar o contorno das colinas por desnecessário nivelamento quer na construção de edifícios ou na construção de ruas e estradas.” ²² (*ibidem*, p.256).

²¹ Tradução do autor da citação original: “It was felt that feminine needs could be more completely met in some permanent type of residence.” (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.292).

²² Tradução do autor da citação original: “[It was necessary, therefore, to create the Village] without disturbing the contour of the hills by needless grading either in the erection of buildings or in the construction of streets and roadways. (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.256).



Figura 17 - Transporte das peças pré-fabricadas das cabanas da Aldeia Olímpica.



1 - Alpendre 2 - Quarto duplo 3 - Chuveiro 4 - Armário
 Figura 18 - Planta e alçados da cabana de habitação.



Figura 20 - Atletas a treinar junto às habitações.

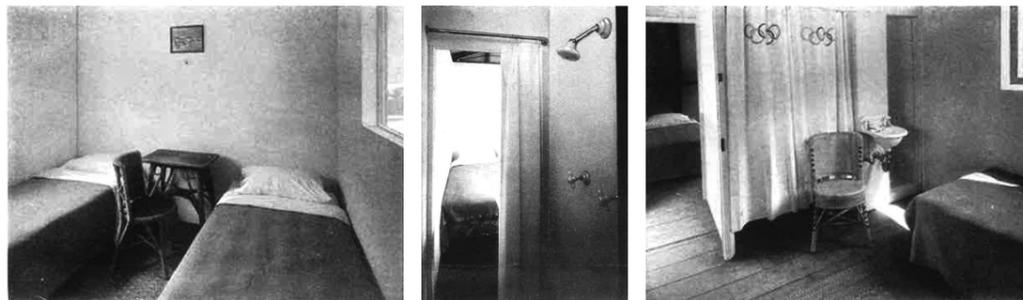


Figura 19 - Fotografias do interior dos quartos.



Figura 21 - Atletas a jogar um jogo tradicional indiano.

Os trabalhos de colocação das infra-estruturas, tubagens e drenagens, e construção das estradas de acesso, em granito decomposto, começaram no início de Fevereiro de 1932 e o conjunto residencial foi concluído em Junho desse ano.

O custo de permanência nas residências, por dia, ficou estabelecido nos dois dólares e este valor só foi possível pelo baixo preço das terras da cidade e pelo uso de elementos pré-fabricados em todo o complexo. A produção e montagem em massa de telhados, portas e fachadas das cabanas, inspirada na cultura de produção em série do mercado automóvel da época (Muñoz, 1997, p.40), levou ao desaparecimento dos elementos decorativos e a uma inevitável aparência simples do modelo de habitação. A cabana era dividida em secções compostas por painéis de madeira, com 1,27 centímetros de espessura, que eram pregados a um sistema estrutural de madeira, com 10,16 x 5,08 centímetros de dimensão, e de seguida eram transportadas para o local de construção (figura 17), onde eram aparafusados todos os elementos (White, 2002, p.98). As 500 cabanas perfaziam um total de 2000 camas e representavam a repetição de um único modelo que foi uniformemente intervalado, de 3 em 3 metros, pelo solo, de modo a reduzir o risco de incêndio e aumentar a privacidade dos seus utilizadores.

Cada alojamento podia acomodar 4 atletas, em dois quartos, nos quais se acedia por uma entrada desde o exterior (figuras 18 e 19). Cada unidade tinha 3,05 x 3,05 metros e possuía instalações de banho frio, duas camas, uma secretária com cadeiras e as janelas não tinham vidro, mas eram compostas por uma rede de protecção contra insectos, na qual servia igualmente para ventilação natural do quarto. O referido chuveiro era acedido por cada um dos quartos, criando uma noção de partilha com os atletas da outra divisão, mesmo estando eles alojados em quartos separados. As cabanas dispunham de um alpendre que, devido ao terreno que inclinava em direcção a Los Angeles, criava plataformas convidativas ao repouso dos atletas num dos seus lados. Por sua vez, as grandes áreas entre as habitações eram por diversas vezes utilizadas para o convívio e treino entre elementos das equipas Olímpicas (figuras 20 e 21).

A implantação da Aldeia Olímpica evoca, pela forma, uma pista de atletismo com duas ramificações, na qual, na maior a Este, tinha-se o Edifício de Administração, onde, ao passar-se através de um pórtico, se entrava na Aldeia. No exterior vários serviços eram disponibilizados para o contacto entre o público, a imprensa e os atletas, tais como o edifício de imprensa, a

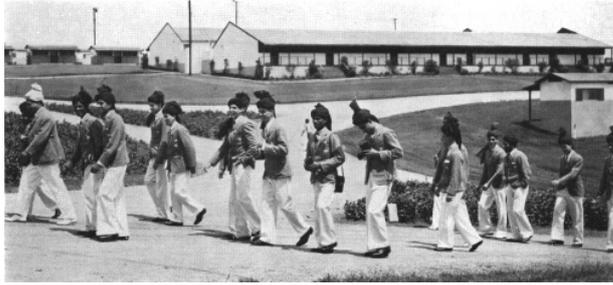


Figura 22- Cantinas em segundo plano.



Figura 23- Interior de uma sala de jantar.



Figura 24 - Atletas americanos a fazer corrida de manutenção na Aldeia Olímpica.

cantina pública e a sala para os visitantes. Já no interior, comodidades, tais como hospital, dentista, correios, telefone e anfiteatro – construído aproveitando o declive de uma ravina e com capacidade para 2000 pessoas – eram oferecidas para usufruto dos habitantes.

Igualmente dentro do complexo residencial Olímpico, como antes visto, as cabanas estavam distribuídas pelo terreno e, em intervalos convenientes, tinham as casas-de-banho e as cantinas. “O Comité desejava dar a cada nação a sua sala de jantar e cozinha para que cada um pudesse ser proporcionado com a sua comida nativa, preparada pelo seu próprio chef”²³ (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.256) e, por isso, utilizando o módulo de 3,05 metros aplicado nos quartos, idealizaram um sistema que compreendia esses dois espaços. Proporcionalmente ao tamanho das delegações, podia-se ir adicionando mais parcelas, no qual o resultado final consistiu numa série de estruturas longas e largas (figura 22). Cada unidade, com capacidade para vinte utilizadores, tinha as dimensões de 3,05 x 12,20 metros e cerca de 70% da área resultante desse espaço, pertencia à sala de jantar (figura 23).

Relativamente à preparação física e competitiva dos atletas para as provas, estavam ao seu dispor diversos equipamentos desportivos, adequados e confortáveis, disponíveis em escolas, universidades, ginásios e infra-estruturas de empresas locais. Os estádios e pavilhões Olímpicos estavam interditos ao treino, porém esses lugares foram adaptados para darem “[...] uma oportunidade [aos atletas visitantes] de se familiarizarem com o tipo de superfície sobre a qual realmente competiriam durante os Jogos.”²⁴ (*ibidem*, p.304). Dentro do complexo residencial os atletas, apesar de não terem elementos destinados a esta prática aproveitaram a configuração da Aldeia para fazerem corridas de manutenção à sua volta (figura 24).

Assim foi criado um ambiente protegido do mundo exterior, do que era profano ao desporto Olímpico, onde lhes eram oferecidas habitações com melhores condições, cantinas para cada nação participante e programas de entretenimento. Mesmo que estas estruturas tenham sido desmanteladas no fim do evento, os atletas acolheram-nas como as suas casas, seguiram as

²³ Tradução do autor da citação original: “The Committee wished to give each nation its own dining room and kitchen so that each could be supplied with its particular native food prepared by its own chef.” (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.256).

²⁴ Tradução do autor da citação original: “[...] an opportunity to familiarize themselves with the type of surface on which they would actually compete during the Games.” (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.304).

suas regras e, a partir desse momento, definiu-se uma fasquia de qualidade que os futuros organizadores tentaram melhorar:

“Uma cidade em miniatura, repleta de conveniências e instalações modernas, surgiu magicamente no topo das colinas, à vista do grande Estádio Olímpico - no topo do moderno Monte Olimpo, abaixo do qual se encontravam as modernas Planícies de Elis.”²⁵ (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.235)

Berlim 1936

A Décima Primeira Olimpíada de Verão não pode ser dissociada dos ideais nazis que imperavam na Alemanha, em 1936, e de acordo com John Gold e Margaret Gold (2016, p.37) estes Jogos foram um marco de referência a nível político e desportivo.

Ainda que Berlim tivesse hotéis suficientes para alojar todos os participantes, Theodor Lewald e Carl Diem – arquitectos da candidatura alemã – “[...] ficaram impressionados com a Aldeia Olímpica de 1932 e eram apoiantes da ideia de Coubertin para uma *Cité Olympique*”²⁶ (Sainsbury, 2016, p.186). Por esse motivo, os alemães estudaram a organização e administração de Los Angeles com o objectivo de eles próprios providenciarem uma Aldeia adaptada à prática desportiva.

Inicialmente, com a chegada de Adolf Hitler ao poder, em Janeiro de 1933, o governo viu os Jogos Olímpicos como um encargo financeiro bastante elevado para as suas convicções futuras de expansão territorial do país, porém, ao reavaliar o seu potencial propagandístico, toda a sua atenção focou-se no desenvolvimento do programa Olímpico, de maneira a utilizá-lo como meio de proclamação da superioridade alemã e de uma raça ariana, que tinham saído bastante debilitadas da Primeira Guerra Mundial.

A primeira experiência de transmissão televisiva do espectáculo Olímpico aconteceria nestes Jogos – mesmo que em circuito fechado – o que, aliado ao facto de a Alemanha vir a acolher cerca de 3958 participantes de 49 países diferentes, fez surgir no seio do governo vigente a preocupação que as suas convicções anti-semitas fossem demasiado expostas. Para isso o controlo e isolamento

²⁵ Tradução do autor da citação original: “A miniature city, replete with modern conveniences and facilities, had arisen magically atop the hills, within eyesight of the great Olympic Stadium - atop the modern Mount Olympus, below which lay the modern Plains of Elis.” (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.235).

²⁶ Tradução do autor da citação original: “[They] were impressed with the 1932 Olympic Village and were supporters of the Coubertin’s idea for a *Cité Olympique*.” (Sainsbury, 2016, p.186).

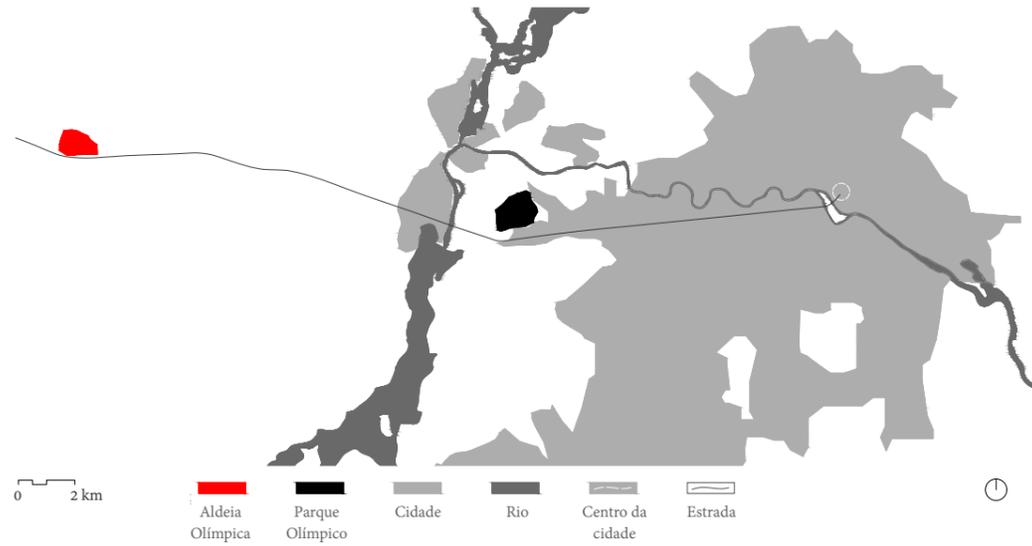
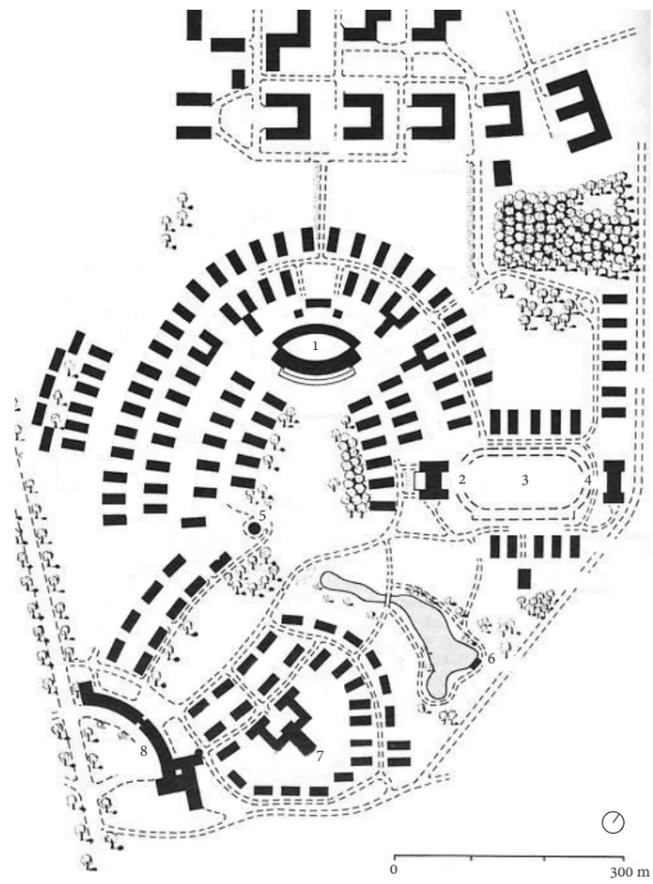


Figura 25 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Berlim, em 1936.



1 - Edifício central 2 - Piscina 3 - Pista de atletismo 4 - Ginásio
5 - Bastião 6 - Sauna 7 - Casa comunitária 8 - Edifício de recepção

Figura 26 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Berlim.



Figura 27 - Fresco a ser pintado, representando o mercado principal de Nuremberga.



Figura 28 - Fauna presente no complexo habitacional.

da Aldeia Olímpica eram a chave para limitar os movimentos dos atletas, certificando-se que havia poucas razões para eles se ausentarem da mesma (Sainsbury, 2016, p.187).

Após algumas tentativas, por parte dos organizadores, de estabelecer acordos com entidades públicas para a construção de áreas habitacionais, o exército e o Ministro da Defesa alemão disponibilizaram fundos para construir de raiz a primeira Aldeia Olímpica permanente. O campo militar de Döberitz, a 24 quilómetros a Oeste da cidade de Berlim, mostrava ter a localização ideal, pois dispunha da recém-criada auto-estrada que passava nos recintos desportivos – a 14 quilómetros do complexo residencial (figura 25) – e em termos ambientais, era favorecida pelas temperaturas amenas no mês de Agosto e os ventos que sopravam de Oeste garantiam ar puro, em contraste com o lado Este, devido às indústrias da cidade (Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.180). A Aldeia Olímpica de Berlim era, ainda, exclusivamente para homens e, por isso, as atletas femininas ficaram hospedadas perto do Parque Olímpico, na residência de estudantes *Frisian House*.

O plano da Aldeia (figura 26), projectado pelo Professor Werner March, compreendia 140 edificações, que constituíam 10% dos 55 hectares totais de área. Organizavam-se de forma bastante racional, o edifício central, que numa analogia à vigilância imposta pelo *Führer*, fazia lembrar, em planta, um olho, representava a cidade de Berlim e cada uma das restantes construções retratavam uma cidade alemã, tendo mesmo sido decoradas com frescos alusivos às mesmas, pintados por escolas de Belas Artes do país (figura 27). Mais tarde, com o elevado número de inscrições, foi necessário expandir a Aldeia, para Noroeste, servindo-se dos edifícios militares existentes, aumentando de 3500 para 4600 a capacidade disponível.

Na obra cinematográfica, de 1938, *Olympia*²⁷, de Leni Riefenstahl, é-nos dada a possibilidade de emergir nos cenários idílicos da floresta presente no território escolhido. A fauna e a flora eram abundantes e perfeitas para o relaxamento e preparação física dos atletas, uma vez que era essa a essência do projecto (figura 28). Os edifícios seguiam os contornos naturais de um terreno, que não era fiel ao original. O Prof. Heinrich Wiepking-Jürgensmann implementou certas intervenções paisagistas de modelação do solo e dos componentes naturais de forma a

²⁷ *Olympia*: documentário realizado, em duas partes, sobre os Jogos Olímpicos de Verão de 1936, em Berlim, retracts as provas olímpicas no Estádio, assim como a vida na Aldeia Olímpica.

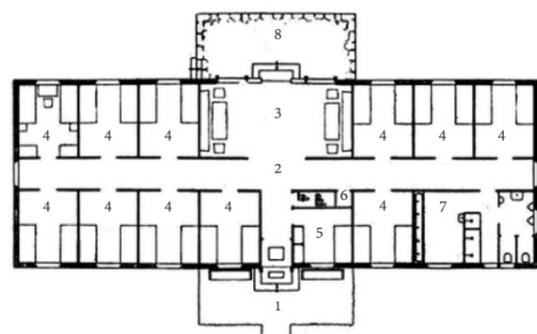
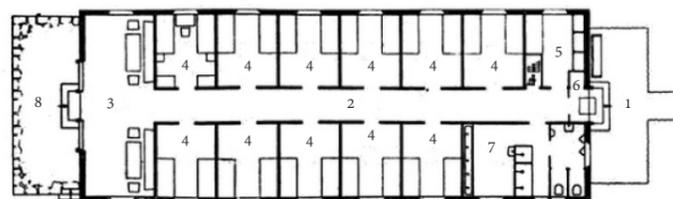


Figura 29 - Transplante de uma árvore na construção da Aldeia Olímpica.

Figura 30 - Exterior de um dos edifícios de habitação.



Figura 31 - Edifício de habitação [actualmente].



0 10 m

1 - Entrada 2 - Corredor 3 - Sala de estar 4 - Quarto duplo para os atletas
5 - Quarto do comissário de serviço 6 - Telefone 7 - Casa-de-banho 8 - Terraço

Figura 32 - Plantas dos edifícios de habitação.



Figura 33 - Atletas junto ao terraço das habitações.



Figura 34 - Interior do quarto [actualmente].

criar elementos cénicos para as habitações (figura 29 e 30), porém precauções especiais foram tidas em conta no processo de construção, quanto à preservação da paisagem:

“Casas e ruas, por vezes, eram baixadas ou elevadas até duas jardas [1,83 metros] a fim de que a Aldeia, como um todo, pudesse apresentar uma imagem clara, bem ordenada e harmonizar-se com o ambiente natural. A este respeito, milhares de árvores, antigas e jovens, incluindo veneráveis gigantes com 160 anos, eram transplantadas com as suas raízes intactas.”²⁸ (Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.179)

Imagens bastante pitorescas eram proporcionadas pelo contraste de cores entre as habitações, de um único piso e o ambiente natural que se revelava em segundo plano (figura 31): “A cor creme das paredes de alvenaria, o branco leitoso dos caixilhos de madeira das janelas e o vermelho das telhas repousavam cromaticamente entre o verde do parque.”²⁹ (Bortolotti, 2009, p.10).

A intenção de querer conectar o Homem com a Natureza é bastante notória na forma como a divisão interior das habitações foi projectada. Numa tentativa de obter sempre a melhor relação entre o interior e o exterior, a sala de estar tanto era colocada na parte de trás como ao centro da casa (figura 32). O terraço como prolongamento exterior da sala de estar era utilizado pelos atletas, tanto para aquecimento e para treinarem movimentos típicos de algumas disciplinas desportivas, como para descansarem (figura 33). A entrada principal ficava sempre do lado oposto a este núcleo e através do corredor central fazia-se a distribuição para os quartos duplos.

Os quartos eram um exemplo de “célula habitacional mínima” (Bellioni, Brandizzi, Carbone citados por Muñoz, 1997, p.40) e cada casa tinha oito a doze quartos para os atletas e treinadores, e mais um, para o comissário de serviço, na entrada. O mobiliário – duas camas, dois bancos, uma mesa, uma cadeira e um armário de cada lado da porta (figura 34) – representava o conforto, simplicidade e limpeza (Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.175). Como inovação em relação à Aldeia anterior, estavam disponíveis casas-de-banho, chuveiros e telefone no interior do edifício.

²⁸ Tradução do autor da citação original: “Houses and streets were at times lowered or elevated as much as two yards in order that the Village as a whole might present a clear, well-ordered picture and harmonize with the natural surroundings. In this connection, thousands of old and young trees, including venerable giants 160 years old, were transplanted with their roots intact.” (Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.179).

²⁹ Tradução do autor da citação original: “Il color crema delle pareti in muratura, il bianco latte dei serramenti lignei ed il rosso delle tegole risaltavano cromaticamente fra il verde del parco.” (Bortolotti, 2009, p.10).



Figura 35 - Vista do pátio interior do edifício central.



Figura 36 - Interior de uma sala de jantar.

As estradas, pavimentadas com asfalto, guiavam os habitantes, de forma bastante orgânica, até às diversas obras projectadas pela equipa de arquitectos chefiada por Werner March, que pelas peculiares características de cada uma, representavam desenvolvimentos ou mesmo novidades em comparação com as de Los Angeles. O seu irmão, Professor Walter March, ficou responsável pelo edifício de recepção, piscina, ginásio, sauna e, ainda, pela ponte de madeira sobre o lago *Waldsee*. Já o Dr. Georg Steinmetz concebeu o edifício principal, a casa comunitária, conhecida como *Hindenburg House*, o quartel-general do comandante, o Bastião e as casas dos participantes.

O formato arqueado caracterizava o edifício de recepção, que englobou no mesmo volume diversos serviços apresentados por Los Angeles quatro anos antes. A sua localização foi determinada pela via de acesso principal e a entrada dos habitantes da Aldeia, no centro, divide o edifício em duas alas. A ala Oeste tinha serviços especialmente direccionados aos atletas – escritórios de apoio, correios, banco, lavandaria, lojas, central telefónica e escritório da imprensa – e a ala Este abrangia sectores mais administrativos e o restaurante público. Foi construído pela primeira vez um edifício comunitário, composto por um anfiteatro, com capacidade para 1000 pessoas e diversas salas com diferentes funções, destacando-se a sala com máquinas de escrever e duas salas para serviços religiosos.

O edifício central, do ponto de vista arquitectónico, era o que apresentava mais características modernas e, formalmente, os acessos às salas de jantar eram feitos pelo exterior, através de varandas (figura 35):

“A atractividade deste edifício situava-se na sua forma prática e na sua construção em forma de terraço, a estrutura de betão armado permitindo que as paredes fossem quebradas por um amplo espaço de janela. As partes visíveis da armação foram cobertas com calcário que tinha sido polido de modo a dar um tom suave e leve.”³⁰
(Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.177)

No arco a Sudeste - de três pisos de altura - o piso térreo tinha duas salas de jantar para 150 pessoas cada uma e, nos pisos superiores, estavam as restantes 38 salas de jantar, uma para cada nação (figura 36). As cozinhas, correspondentes em tamanho à área das salas, estavam viradas

³⁰ Tradução do autor da citação original: “The attractiveness of this building lay in its practical form and its terrace-like construction, the reinforced concrete frame permitting the walls to be broken by ample window space. The visible parts of the framework were covered with limestone which had been polished so as to impart a soft, light tone.” (Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.177).



Figura 37 - Jesse Owens a treinar na pista de atletismo.



Figura 38 - Interior da piscina [actualmente].



Figura 39 - Envidraçado no interior do ginásio [actualmente].



Figura 40 - Implantação da Sauna junto ao lago *Waldsee*.

para o pátio, enquanto as salas de jantar estava orientadas para o complexo residencial. O arco a Noroeste, com dois pisos de altura, tinha funções administrativas e ambos tinham um piso abaixo do piso térreo, só acessível do pátio central, que auxiliava diversos serviços.

Os equipamentos desportivos municipais estavam ao dispor do Comité Organizador e apesar das instalações presentes na Aldeia não pertencerem ao programa oficial de treinos, eram utilizadas pelas equipas participantes para tal (figura 37) – o que constituiu uma inovação aos Jogos anteriores. O salão de natação (figura 38), com a piscina de 25 metros, tinha paredes revestidas com azulejos claros, tecto curvo e “[...] as longas janelas que se estendiam até ao chão e podiam ser levantadas electricamente estabeleciam uma estreita harmonia com a paisagem circundante [...]”³¹ (Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.178). O mesmo acontecia com o alçado sul do ginásio, que se encontrava na extremidade oposta da pista de corrida. O jogo eficaz entre os materiais e a cor reflectia-se na estrutura metálica, nas paredes com azulejos e no tecto de madeira (figura 39).

As estruturas auxiliares de madeira – Bastião, ponte sobre o lago e sauna –, pela sua materialidade e um certo isolamento relativamente às habitações, representam edifícios de transição entre o que é construído pelo Homem e a Natureza (figura 40).

Berlim definiu uma nova estratégia para as residências Olímpicas. Edificaram a primeira Aldeia permanente e introduziram novos serviços de apoio aos atletas de alta competição, tais como o centro comunitário e as infra-estruturas de treino. A tentativa de relação com a Natureza foi enfatizada pelo regime nazi, pois era sua intenção afastar os atletas das campanhas anti-semitas que proliferavam pela cidade e, assim, a quantidade de programas e a qualidade dos espaços oferecidos foram uma resposta a esse isolamento. Posteriormente aos Jogos Olímpicos, como já era esse o objectivo da sua construção, o recinto foi ocupado pelo exército alemão, durante a Segunda Guerra Mundial, o que não deixa de ser pertinente: o local que serviu durante um período de tempo para albergar a festa Olímpica, tenha acabado a acolher quem lutava por ideais contrários aos do Movimento Olímpico.

³¹ Tradução do autor da citação original: “[...] the long windows which extended to the floor and could be raised electrically established its close harmony with the surrounding landscape [...]” (Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.178).

Conclusão sobre as Aldeias Pioneiras

Embora Paris, em 1924, seja considerada a primeira Aldeia Olímpica a ser construída, não podemos descurar o facto de que estas três Aldeias – Paris, Los Angeles e Berlim – terem sido, à sua medida, *Pioneiras* nas concepções projectadas para os seus complexos residenciais. Consideram-se estes três casos como pioneiros pela evolução rápida que apresentaram de uma cidade para a outra, neste período de tempo, na procura de responder de forma inovadora, conforme os contextos e carências de cada uma, às necessidades dos atletas e, sobretudo, pela introdução de novos espaços ao programa habitacional Olímpico.

Três foram as diferentes visões que cada uma destas cidades teve com a Aldeia. Paris viu-a como uma solução económica aos hotéis da cidade e disponibilizou, no recinto, habitações e serviços essenciais à estadia de um atleta. Los Angeles teve também uma posição pioneira, com o intuito de promover a imagem da cidade globalmente, “em vez das pouco confortáveis casas de madeira proporcionadas pela capital francesa, a cidade californiana construiu instalações luxuosas, que ofereciam comodidades sem paralelo na altura [...]” (Redacção QuidNovi, 2004, p.71). Berlim aprimorou os serviços e condições oferecidas aos atletas, pois era intenção do *Terceiro Reich* disponibilizar um centro de atletas excepcional e igualitário (Sainsbury, 2016, p.187).

Dado o lado rudimentar e área bastante compacta do complexo habitacional parisiense, foi natural a sua implantação junto aos recintos desportivos. Por sua vez, os casos seguintes foram caracterizados por uma separação territorial entre o Parque Olímpico e a Aldeia Olímpica, com transporte providenciado pelos Comités Organizadores. No caso alemão havia mesmo diferenças conceptuais, no tipo de arquitectura, entre as habitações integradas no meio ambiente e a monumentalidade das estruturas desportivas, pois, assim, o modelo de urbanismo Olímpico exigia:

“[...] um complexo Olímpico localizado numa área significativa do centro da cidade e a Aldeia definida pela sua oposição aos complexos desportivos, totalmente desconectado do conjunto de instalações. Este último é o lugar para competições, para combates e «produção Olímpica», enquanto o primeiro é um lugar para fraternidade.”³² (Muñoz, 1997, p.46)

³² Tradução do autor da citação original: “[...] an Olympic complex located in a significant area of the city centre and a Village defined by its opposition to the sports complex, totally unconnected with the set of facilities. The latter is the place for competitions, for fighting and “Olympic production” whereas the former is a place for fraternity.” (Muñoz, 1997, p.46).

A área residencial de Paris era bastante elementar, resumia-se basicamente a cabanas e a ruas de ligação, negligenciando a oportunidade de criar espaços públicos verdes. As Aldeias dos anos trinta foram edificadas nos subúrbios das respectivas cidades e, segundo Muñoz (1997), seguiam conceitos de higiene e de organização territorial do modelo urbano das cidades-jardins, juntando o lado campestre ao da cidade. Contudo, em Los Angeles faltava o lado mais bucólico, pela necessidade de rápida montagem e desmontagem dos elementos construtivos, que levou a uma vontade de standardização e de uma maior presença da vida quotidiana (Muñoz, 1997, p.43). Através da plantação de arbustos e árvores de pequeno porte, a arquitectura paisagista foi mais racional e não tão orgânica, ao contrário de Berlim.

A relação entre o número de quartos variou conforme os contextos. Em Paris e Los Angeles, pelo carácter temporário e construção com materiais e peças pré-fabricadas, as cabanas adquiriram tamanho reduzido, no caso francês albergando três atletas em cada unidade, e na cidade americana quatro em dois quartos duplos. Já em Berlim, devido ao uso previsto no pós-evento, assumiu-se a tipologia de quartel, com as habitações a variarem entre oito a doze quartos duplos.

Por sua vez, os restaurantes tiveram o desenvolvimento mais marcante, essencialmente em termos funcionais, o que teve influência nas decisões arquitectónicas dos espaços. Em 1924, tinha-se um único chefe e sala de jantar, o que levantou diversas críticas do lado americano. Em Los Angeles, o Comité Americano que acolheu os Jogos alterou o sistema: cada delegação levava uma equipa para preparar as refeições e dispunha de um módulo base destinado a 20 pessoas, que se podia expandir conforme a capacidade de cada equipa. O conjunto desses módulos formava diversas estruturas, que estavam espalhadas pelo complexo. No caso alemão aplicou-se uma fusão dos anteriores restaurantes: voltava-se ao edifício único, porém dividido em salas com diferentes áreas conforme o tamanho dos comités.

No que diz respeito às instalações de treino, na primeira Aldeia estas encontravam-se dentro do Parque Olímpico, visto os dois espaços serem adjacentes um ao outro. Nos Estados Unidos foram disponibilizadas infra-estruturas locais para o efeito e, em Berlim, para além dos equipamentos municipais, que estavam igualmente ao dispor dos atletas, foram introduzidos como novos programas da Aldeia, pavilhões, pistas e piscinas para o treino dos habitantes.

Com estas iniciativas, foram lançados ideais de relação entre o Homem. Mesmo que o lugar da mulher na Aldeia ainda fosse uma realidade futura. Os atletas amadores e oficiais de vários extractos sociais e diferentes países reuniam-se como membros de uma única comunidade, ocupando cabanas similares na Aldeia: “[...] um quarto ocupado por um oficial que era um nobre rico no seu país, o outro por um atleta que era um ferreiro humilde”³³ (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.236).

Durante este período de Jogos Olímpicos – desde Paris, até Berlim –, verificou-se um crescimento perto de 25% no número total de atletas participantes – de 3089 para 3963, respectivamente – do qual é inevitável não associar com o surgimento de melhores condições de habitabilidade e de preparação, que eram oferecidas aos atletas. Estes três eventos formaram uma boa base de conceptualização de ideias a serem desenvolvidas posteriormente, ainda que o arranque da Segunda Guerra Mundial tenha sentenciado um interregno de dezasseis anos.

³³ Tradução do autor da citação original: “[...] one room occupied by an official who was a wealthy nobleman in his own country, the other by an athlete who was a humble blacksmith.” (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.236).

2.2. *Catalisadoras: Aldeia Olímpica como meio de crescimento urbano*

O fim do segundo conflito bélico de escala global trouxe novos desafios às sociedades afectadas. Era premente reconstruir as cidades e as respectivas infra-estruturas habitacionais e, para isso, muitos dos conceitos do movimento moderno, de Le Corbusier e dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna foram sendo aplicados:

“O modelo do urbanismo racionalista é desenvolvido essencialmente após a Segunda Guerra Mundial, com a reconstrução das cidades europeias e com a realização de novos bairros residenciais na periferia das grandes aglomerações urbanas.”
(Montaner, 2001, p.28)

A ideia de separar diferentes funções das cidades através do zoneamento era perigoso para o desenvolvimento equilibrado das cidades. Por este motivo, para os urbanistas, não era mais sustentável que as metrópoles do pós-guerra proliferassem através deste modelo urbano. Para Muñoz (1997, p.44) este tipo de crescimento apoiava-se nos princípios das cidades-satélite, que prosperavam próximas de grandes cidades, mas eram, ainda assim, autónomas. Tinham como objectivo “que as zonas centrais não se [terciarizassem] excessivamente, desaparecendo a vida cotidiana, ou que os bairros residenciais não [ficassem] marginalizados dos grandes equipamentos culturais e sociais ou da malha de serviços comerciais.”³⁴ (Montaner, 2001, p.82).

Contudo, ao estabelecer-se esta nova forma de planear a cidade, inevitavelmente era preciso tecer todas estas áreas da urbe e, para isso, vimos surgir um grande investimento ao nível dos transportes e das infra-estruturas de ligação, tanto rodoviárias como ferroviárias.

Esta mudança de paradigma deveu-se igualmente ao surgimento de novos materiais estruturais e processos de construção, que vieram responder a estas necessidades de habitação, de tal forma que Tostões (2004, p.2) diz “que se pode afirmar que o impacto das inovações técnicas transformou hábitos e modos de vida de massas de consumidores.”

Os arquitectos das Aldeias Olímpicas eram assim confrontados com a “questão da casa” (Salvo, 2012, p.215), as habitações teriam que ser projectadas para passarem a acolher um utilizador perene depois do temporário. O sub-capítulo *Catalisadoras* caracteriza-se por estes princípios de

³⁴ Citado da edição em Português do Brasil.



Figura 41 - Um dos alojamentos para os Jogos Olímpicos de 1948.



Figura 42 - Complexo residencial construído para os Jogos Olímpicos de 1940.

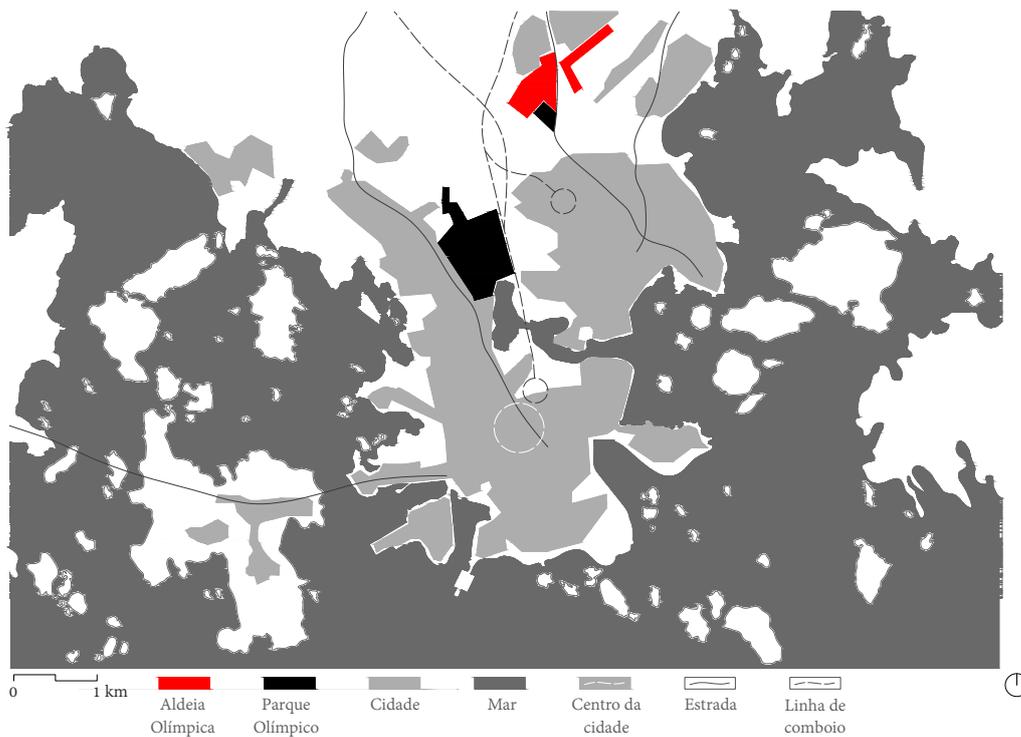


Figura 43 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Helsínquia, em 1952.

expansão auto-suficiente. As Aldeias Olímpicas deste período seguiram esta nova visão do modo de habitar, sendo inseridas em programas de crescimento urbano, com a expectativa de servir a cidade após o evento desportivo.

Helsínquia 1952

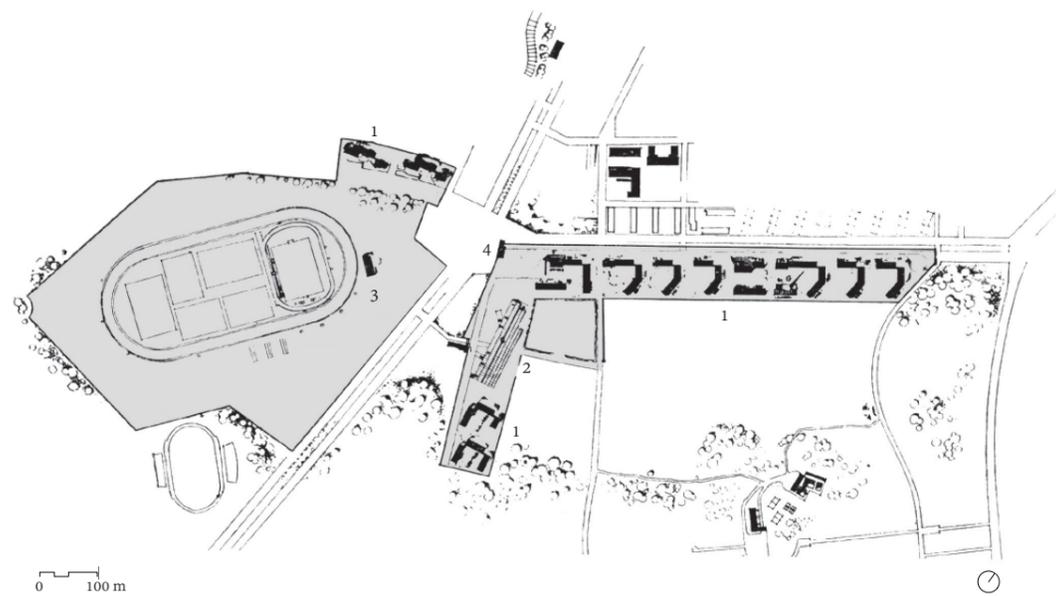
Tanto no caso finlandês como no de Londres, quatro anos antes, a escassez de alimentos e alojamentos, assim como de materiais de construção submetiam ambos a fortes medidas de austeridade e racionamento. Na capital inglesa recorreu-se a edifícios militares e outras instalações públicas (figura 41). Por sua vez, Helsínquia equacionou a possibilidade de utilizar o complexo habitacional edificado para os Jogos Olímpicos de 1940 (figura 42), que tinha sido finalizado após o cancelamento do evento em virtude do despoletar da Segunda Guerra, todavia os 23 edifícios já não estavam disponíveis, dado que foram inseridos em políticas de habitação social (The Organising Committee for the XV Olympiad Helsinki 1952, 1952, p.84).

O conjunto habitacional de 1952 foi resolvido nas mesmas linhas sociais. Diversos locais foram tidos em conta e os terrenos em *Käpylä*, a Sul da área residencial Olímpica dos anos quarenta, foram considerados os mais adequados. Consequentemente, este sector residencial da cidade passou a ser o único lugar do mundo com dois complexos destinados a servir de Aldeias, mesmo que só um deles viesse a exercer esse papel.

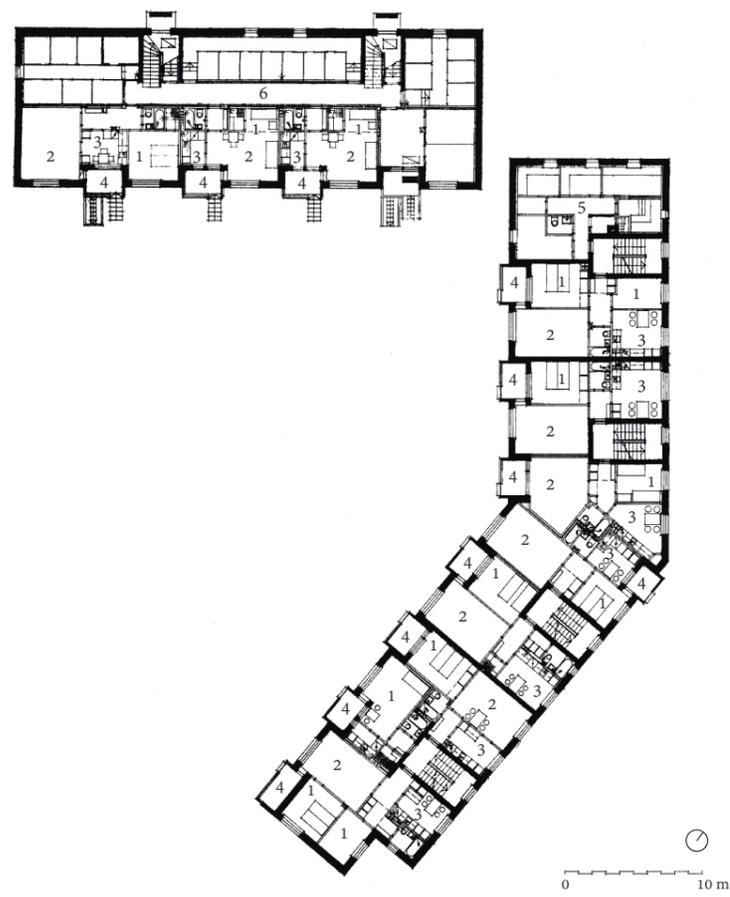
Surgiram contrariedades quando a União Soviética quis ficar isolada dos restantes participantes, esta que era a sua primeira participação. Posto isto, o Comité Organizador decidiu alojá-los nas residências da Universidade Técnica, em Otaniemi, “[...] colocando os competidores literalmente, assim como, figurativamente, em dois campos ideológicos.”³⁵ (Gold & Gold, 2016, p.40) e as atletas femininas, por sua vez, ficaram hospedadas na escola de enfermagem da cidade.

A Aldeia Olímpica, com capacidade para 4800 pessoas, foi construída entre 1950 e 1952, num terreno quase inexplorado, com 5 hectares de área. Localizava-se a 2,5 quilómetros do Parque Olímpico, a 5 quilómetros do centro da cidade e as instalações de treino estavam na proximidade do complexo (figura 43).

³⁵ Tradução do autor da citação original: “[...] placing competitors literally as well as figuratively into two ideological camps.” (Gold & Gold, 2016, p.40).



1 - Blocos de habitação 2 - Cantinas 3 - Infra-estruturas de treino 4 - Entrada da Aldeia Olímpica
 Figura 44 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Helsínquia.



1 - Quarto 2 - Sala de estar 3 - Cozinha 4 - Varanda 5 - Sauna 6 - Vestiários
 Figura 45 - Planta do piso térreo de um dos blocos de habitação.



Figura 46 - Atletas americanos nas varandas das residências. [Fotografia de Mark Kauffman]



Figura 47 - Paletes de tijolos para a construção dos edifícios.



Figura 48 - Fachada de um dos edifícios pintada com uma das cores do logótipo Olímpico [actualmente].

O arquitecto finlandês, Pauli Salomaa, projectou 13 edifícios (figura 44) que apesar de estarem todos no mesmo complexo residencial, criavam, individualmente, pátios mais íntimos e confortáveis para os atletas: “O traçado básico do edifício, o plano em formato-L das casas e a abertura do pátio para sul fizeram o pátio seguro e solarengo.”³⁶ (Salastie, Karisto, Ahvenainen & Lähteenmäki, 2015, p.53). Os blocos apresentavam três pisos do lado da rua e quatro do lado do pátio. Apesar da similaridade das suas volumetrias, havia numerosas variações tipológicas no seu interior. Os 545 apartamentos alternavam entre um a cinco quartos, com cozinhas, sendo os edifícios constituídos ainda por 40 *studios* nos pisos superiores, bem demarcados pelas janelas altas das fachadas laterais das casas. Esta multiplicidade de tipologias habitacionais demonstra claramente uma intenção de habitabilidade futura, que apesar de ter um cariz social, optou-se por não monotonizar a arquitectura interior.

Através da planta do piso térreo de um dos edifícios (figura 45) constatamos que os pisos eram, na verdade, compostos por duas habitações associadas a cada caixa de escadas, nas quais se fazia a distribuição. A disposição dos compartimentos era bastante clara, as zonas de serviços – cozinhas e caixas de escadas – estavam orientadas para o exterior do pátio, enquanto as salas e a maior parte dos quartos, aos quais se associava uma área exterior parcialmente recuada (figura 46), voltavam-se para o interior, parte esta mais abrigada em relação à rua. Outra novidade em relação aos casos anteriores foi a inserção de uma sauna em cada bloco de habitação em detrimento de se localizarem num edifício isolado.

As casas de tijolo rebocadas e pintadas com cor creme foram edificadas através de métodos de construção inovadores para o panorama finlandês: as escadas eram pré-fabricadas e imediatamente montadas no local, assim como utilizaram paletes, o que facilitou o transporte dos tijolos (*ibidem*, p.6) (figura 47). Ainda que os edifícios tivessem sido projectados para perdurarem no pós-evento, algumas fachadas laterais foram pintadas com uma das cinco cores do logótipo Olímpico, constituindo uma das primeiras intervenções, dentro das Aldeias, relativas à promoção dos Jogos (figura 48).

³⁶ Tradução do autor da citação original: “Asemakaavallinen perusratkaisu, talojen L:n muotoinen sijoittelu ja pihojen avautuminen etelään teki pihosta suojaisia ja aurinkoisia.” (Salastie, Karisto, Ahvenainen & Lähteenmäki, 2015, p.53).



Figura 49- Pórtico de entrada na Aldeia Olímpica. [Fotografia de Popperfoto]



Figura 50- Interior da cantina.

A área residencial estava vedada ao público, sendo acessível através do pátio de entrada, que era bastante despojado e, pela primeira vez, não tinha serviços acoplados (figura 49). Instalações temporárias foram erguidas para acolher diversos serviços. Ao contrário do que sucedera nas Aldeias anteriores, em que cada nação participante tinha uma cozinha e sala de jantar para si, na cidade finlandesa, o Comité decidiu fraccionar os hábitos alimentares dos atletas em seis grupos e este facto influenciou as soluções arquitectónicas do restaurante. Ele estava dividido no mesmo número de secções, cada uma com cozinha própria e, associado à primeira, havia um restaurante ao ar livre. O serviço era feito em sistema de cantina (figura 50) e este espaço tornou-se o ponto de encontro entre os habitantes da Aldeia (The Organising Committee for the XV Olympiad Helsinki 1952, 1952, p.100).

Em Helsínquia, mesmo havendo diversas instalações de apoio à estadia dos atletas, a abordagem estava algo longe da que foi feita pelos primeiros casos (Muñoz, 1997, p.32), em termos de actividades vocacionadas ao entretenimento, já que o período de austeridade apenas possibilitava pensar nos serviços essenciais. Não obstante, estes Jogos conseguiram mostrar ao mundo uma Finlândia independente e estabeleceram novas perspectivas de resolução do programa residencial Olímpico, utilizando-o ao mesmo tempo como meio de expandir a cidade no pós-evento e combater a falta de alojamento de muitas famílias, após a Segunda Grande Guerra.

Melbourne 1956

Numa altura em que os pequenos conflitos mundiais e invasões ainda pairavam nalguns países, a Austrália foi vista como o país mais neutro para a realização do evento. A cidade de Melbourne foi a primeira cidade do Hemisfério Sul a acolher os Jogos Olímpicos e, após a escolha, constatou-se que não lhe seria possível realizar a prova de hipismo devido às leis de quarentena que estavam em vigor à data. Deste modo, este evento foi transferido para a cidade de Estocolmo.

Estas dissidências resultaram no primeiro grande boicote à competição Olímpica e à natural diminuição do número de participantes nas provas: todos os “relatórios de Jogos Olímpicos anteriores [...] realçavam que as chegadas invariavelmente excediam as estimativas. Em

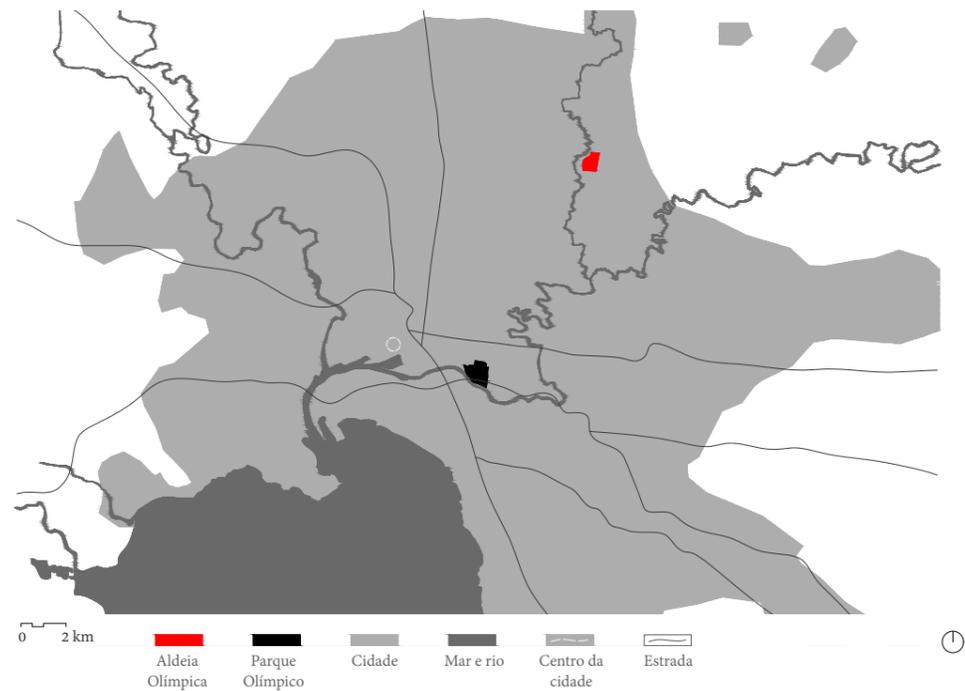


Figura 51 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Melbourne, em 1956.

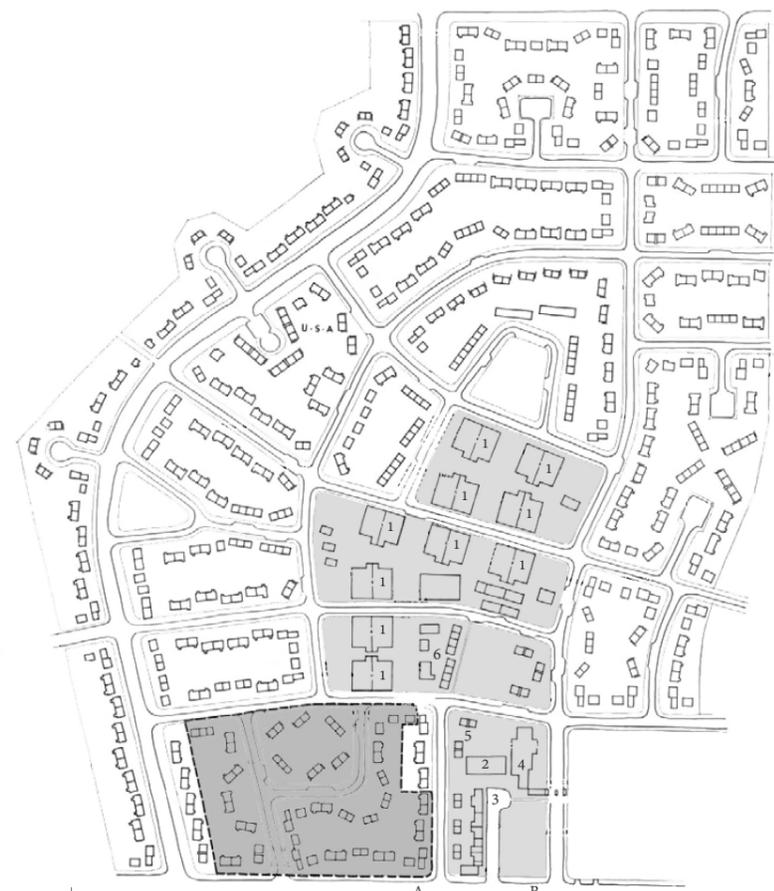


Figura 52 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Melbourne.



Figura 53 - Vista aérea da International Plaza.



Figura 54 - Atleta americano a falar com uma atleta italiana através da vedação.



Figura 55 - Em segundo plano vemos os dois tipos de blocos habitacionais.

Melbourne o contrário foi experienciado.”³⁷ (The Organizing Committee of the XVI Olympiad, Melbourne, 1956, 1958, p.124).

O governo australiano decidiu fazer um empréstimo ao governo local e através da *Housing Commission of the State of Victoria* foi construída a Aldeia Olímpica como um complexo de habitações de baixo custo com 60 hectares de área. A zona escolhida para a sua implantação foi *Heidelberg West*, porque os subúrbios da cidade estavam a expandir-se vertiginosamente em todas as direcções. O objectivo destes subúrbios era oferecer privacidade a cada habitação, criando pequenos jardins entre cada uma, todavia isto amplificava as distâncias a percorrer, dado a grande área de terreno que cada sector ocupava.

A área residencial Olímpica situava-se 10 quilómetros a Norte da cidade e a 10,5 quilómetros do Parque Olímpico (figura 51). Dispunha de uma planta bastante orgânica (figura 52) e a entrada fazia-se a Sul, onde foi inaugurada a primeira *International Plaza* (figura 53). Situada na entrada do complexo, incluía um pequeno centro comercial, um centro de imprensa, um restaurante público e outros serviços. Este era um local congregador de serviços e espaços de convívio, cuja identificação era simples. Já no interior foram edificados pelo Comité Organizador edifícios temporários que albergavam as salas de jantar, saunas e o banco. Construíram-se dez cantinas e concluiu-se que o número de atletas mais económico para cada uma delas, era de 600, distribuídos por duas salas de jantar. Os locais de treino, por sua vez, estavam do lado Oeste das residências.

Pela primeira vez na história das Aldeias Olímpicas, as atletas femininas estavam alojadas no mesmo local que os homens e podiam utilizar os serviços disponíveis no sector masculino. Mesmo que separados por uma vedação, era comum que atletas se encontrassem junto a ela e conversassem através da mesma (figura 54). As habitações (figura 55) variavam entre um e dois pisos e as tipologias eram iguais para ambos. Cada uma era constituída por um a três quartos, sala de estar, cozinha, casa de banho e lavandaria – característica nova, visto que anteriormente fazia parte de um dos edifícios de serviços.

De acordo com Sainsbury (2016, p.189), para alguns estes foram os Jogos Olímpicos que fizeram a ligação entre os precedentes e os futuros, devido às suas concepções ideológicas e

³⁷ Tradução do autor da citação original: “Reports of previous Olympic Games [...] emphasized that arrivals invariably exceeded estimates. At Melbourne the reverse was experienced.” (The Organizing Committee of the XVI Olympiad, Melbourne, 1956, 1958, p.124).



Figura 56 - Campo de refugiados, no *Campo Parioli*, a Norte da cidade de Roma.



Figura 57 - Traçado já construído do projecto de Claudio Longo.

arquitectónicas, porém para outros isto só ocorreu em eventos futuros. Independentemente dos boicotes ocorridos, a introdução da Zona Internacional e das atletas femininas na Aldeia Olímpica representou um importante passo no objectivo da Aldeia “[...] ser um vibrante centro de convivência comum que primazia as necessidades dos atletas [...]”³⁸ (Sainsbury, 2016, p.189).

Roma 1960

Posteriormente ao regime fascista de Mussolini, que se viveu nos anos vinte e trinta em Itália, e da sua arquitectura monumental, como o projecto *EUR 42*³⁹, a arquitectura italiana foi dominada por uma geração de arquitectos que defendiam a necessidade de dar continuidade ao trabalho dos mestres, contudo tinham uma preocupação social, na forma como se olhava a cidade, misturando inovação com tradicionalismo (Montaner, 2001, p.95).

Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra, Roma viu-se obrigada a projectar planos de expansão das periferias da cidade. Um deles foi o projecto realizado a Norte da cidade, em 1948, por Claudio Longo, o qual consistia na definição do sistema viário e volumétrico dos edifícios. Todavia o projecto não foi totalmente concretizado e, desde logo, foi ocupado por um acampamento de refugiados da Guerra (figura 56).

Aquando da construção da área residencial dos Jogos Olímpicos de 1960, os organizadores tiraram partido do evento para reabilitar a área, denominada *Campo Parioli*, na curva a Norte do rio Tibre. “A ideia de construir instalações temporárias foi rapidamente descartada [...]”⁴⁰ (Balducci, 2014) com o intuito de construir um complexo residencial para 1500 famílias, após os Jogos, que viesse diminuir o défice de habitação existente na cidade. Foram utilizados fundos públicos para o planeamento urbano e a construção dos edifícios, por sua vez, serviu-se de recursos privados.

No momento em que as obras se iniciaram, do plano de Longo, tinha sido já traçada a via central que ligava a ponte *Flaminio* às vias *Flaminia* e *Pilsudski*, tal como o sistema de ruas do bairro (figura 57), com o seu “[...] característico desenvolvimento curvilíneo.” (Salvo, 2012, p.213).

³⁸ Tradução do autor da citação original: “[...] to be a vibrant centre of communal living that gave primacy to the athletes’ needs [...]” (Sainsbury, 2016, p.189).

³⁹ Complexo projectado para a Exposição Universal de 1942. Idealizado como celebração do vigésimo aniversário da ditadura fascista, não foi terminado devido ao começo da Segunda Guerra Mundial. Nos Jogos Olímpicos de 1960, importantes infra-estruturas, como o *Palazzo dello Sport* e o *Velódromo* já tinham sido terminados.

⁴⁰ Tradução do autor da citação original: “L’ipotesi di costruire attrezzature temporanee fu subito scartata [...]” (Balducci, 2014).

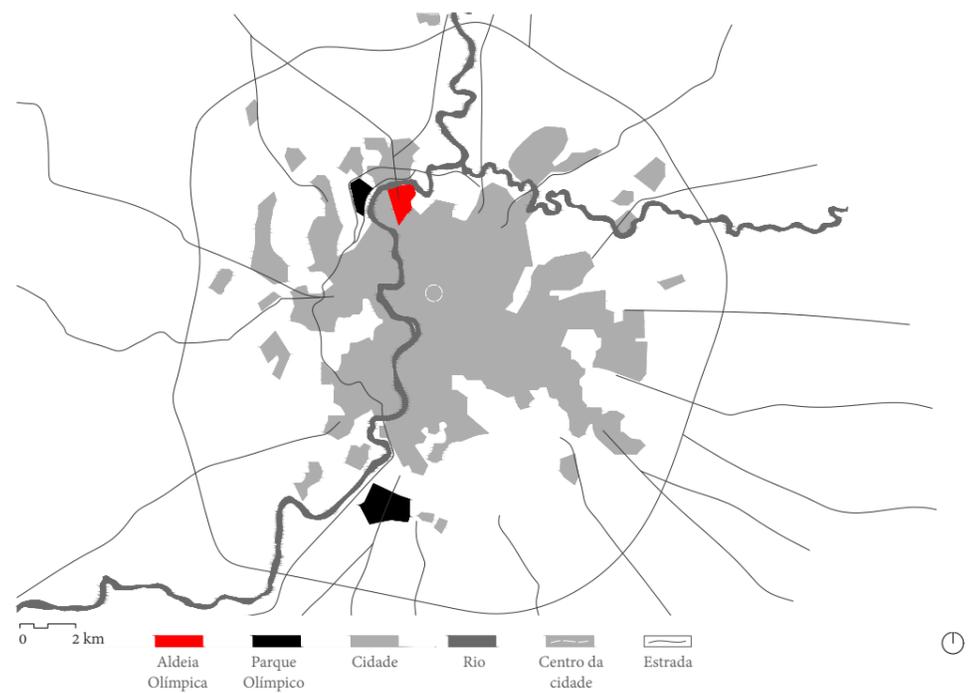


Figura 58 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Roma, em 1960.



Tipologias: A B C D D1 E F
 A - Viale Tiziano B - Viale XVII Olimpiade C - Corso di Francia D - Piazza Grecia E - Residências femininas
 1 - Cantinas 2 - Clínica médica 3 - Sauna 4 - Cinema 5 - Sala de convívio

Figura 59 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Roma.



Figura 60 - Atletas debaixo do viaduto Corso di Francia. [Fotografia de James Whitmore]



1 - Sala de estar 2 - Quarto 3 - Cozinha 4 - Sala de jantar 5 - Casa-de-banho
 Figura 61 - Plantas das diferentes tipologias das habitações da Aldeia Olímpica.

Através dos planos dos arquitectos italianos Vittorio Cafiero, Adalberto Libera, Amedeo Luccichenti, Vincenzo Monaco e Luigi Moretti, trinta e três unidades de edifícios surgiram numa extensão de terreno de 35 hectares de área, a menos de 4 quilómetros da cidade e a cerca de 1 quilómetro do Estádio (figura 58). O complexo tinha a intenção de se integrar com o meio natural envolvente, dado que as volumetrias dos edifícios não se impunham à percepção orgânica que se tinha dos Montes e Vilas, que existiam na periferia do Campo Parioli – *Villa Glori*, *Montes Parioli* e *Villa Balestra*. Esta sensibilidade com a natureza verificava-se também nos edifícios que, através de *pilotis*, elevavam-se do chão, deixando espaço livre para comunicações pedestres e zonas de sombra para repouso dos atletas.

Este complexo ocupou, desta maneira, uma periferia desconectada da malha urbana e transformou-a em cidade. Era possível caminhar pelas diversas configurações de espaço urbano, que os edifícios criavam entre si, não seguindo a monotonia volumétrica típica dos grandes conjuntos habitacionais construídos: “Em vez dos edifícios ocuparem os espaços, o alojamento faz os espaços.”⁴¹ (Buxton, 2012).

A Aldeia Olímpica (figura 59) tinha vinte e sete entradas no total, sendo a principal feita pela *Viale Tiziano*. As edificações com maior número de pisos encontravam-se no lado Oeste, onde verificamos uma implantação simétrica em relação à *Viale XVII Olimpiade*, o que não se verifica quando passamos para o lado Este do viaduto *Corso di Francia*, na qual as alturas diminuía progressivamente para Este. Esta passagem pelo viaduto só era possível pois considerou-se inaceitável que houvesse um corte entre o sector Oeste e Este e, por esta razão, decidiu-se apoiá-lo em *pilotis* (Balducci, 2014), tal como os edifícios, o que permitiu igualmente o repouso e convívio, por parte dos atletas, sob essa estrutura viária (figura 60).

Os 5538 atletas ficaram distribuídos pelos 1348 apartamentos, em seis tipologias diferentes (figura 61), uma delas com duas variações. Estas eram caracterizadas pela composição formal exterior de cada construção, pelas suas distribuições verticais – situadas no interior dos edifícios ou nos vãos por eles criados –, pelo número de quartos, que variava entre um e quatro por cada habitação, e pelos pisos, que alternavam entre dois e cinco, aos quais acresce o nível dos *pilotis*.

⁴¹ Tradução do autor da citação original: “Instead of the buildings occupying the spaces, the housing makes the spaces.” (Buxton, 2012).



Figura 62 - Praças, pátios e zonas de iluminação e de acessos criados pela diversidade arquitectónica do complexo [actualmente].



Figura 63 - Materialidade das fachadas das residências Olímpicas [actualmente].



Figura 64 - Atletas a dançar na sala de convívio. [Fotografia de Mondadori Portfolio]



Figura 65 - Atletas a ver televisão no exterior, debaixo das habitações. [Fotografia de Garofalo Jack]

Nas tipologias A, B e D, os pátios e praças tinham uma escala mais propícia ao usufruto dos seus utilizadores, por sua vez, os das tipologias E e F serviam, principalmente, como meios de acesso, iluminação e ventilação (figura 62). Já o tema da varanda como prolongamento exterior associado às habitações apenas era abordado pelas tipologias A, B e C.

Pela primeira vez realizaram-se os Jogos Paralímpicos, mesmo que de forma bastante tímida. Projectou-se a tipologia E com elevadores, mas aquando da realização do evento, esses edifícios já não estavam disponíveis, restando os edifícios que não tinham elevadores. Perante esta situação foi necessário recorrer-se à ajuda de voluntários para transportar os atletas até aos seus alojamentos.

Em Roma, independentemente desta pluralidade arquitectónica de cada bloco, definida pelas interpretações dos arquitectos Vittorio Cafiero, Adalberto Libera, Amedeo Luccichenti, Vincenzo Monaco, Luigi Moretti, os materiais e métodos construtivos implementados conferiram uma certa uniformidade ao bairro. Foi utilizado como revestimento exterior um material cerâmico de tom amarelo, delimitado pelas marcações dos pisos com betão à vista e com as *fenêtre en longueur* pintadas de branco (figura 63). Desta maneira observamos diversos elementos da arquitectura moderna, assim como ideias compartilhadas de projecto, o que transparece o “resultado evidente de uma orientação coletiva da equipe de projetistas [...]”⁴² (Salvo, 2012, p.215)

A região tinha uma índole desportiva e, devido a este facto, os treinos dos atletas eram feitos nas diversas infra-estruturas desportivas disponíveis fora da Aldeia. Quanto aos restantes serviços, foram montadas múltiplas estruturas temporárias, onde se destacavam dez restaurantes com vinte salas de jantar, de cada lado do *Corso di Francia* – “[...] cada apartamento estava também equipado com uma pequena cozinha para necessidades imediatas, especialmente de noite [...]”⁴³ (Organizing Committee of the Games of the XVII Olympiad, 1960, p.225). Especial ênfase foi dado ao entretenimento e lazer dos atletas, com uma grande sala de convívio para os atletas disponibilizada para diversas actividades (figura 64), assim como qualquer lugar parecia ser o ideal para ver televisão, numa altura em que esta tecnologia começava a cativar a emoção das massas para o seu consumo (figura 65).

⁴² Citado da edição em Português do Brasil.

⁴³ Tradução do autor da citação original: “[...] each apartment was also equipped with a small kitchen for the immediate necessities, especially at night [...]” (Organizing Committee of the Games of the XVII Olympiad, 1960, p.225).



Figura 66 - Familiares de militares norte-americanos a abandonar as habitações em *Washington Heights*.

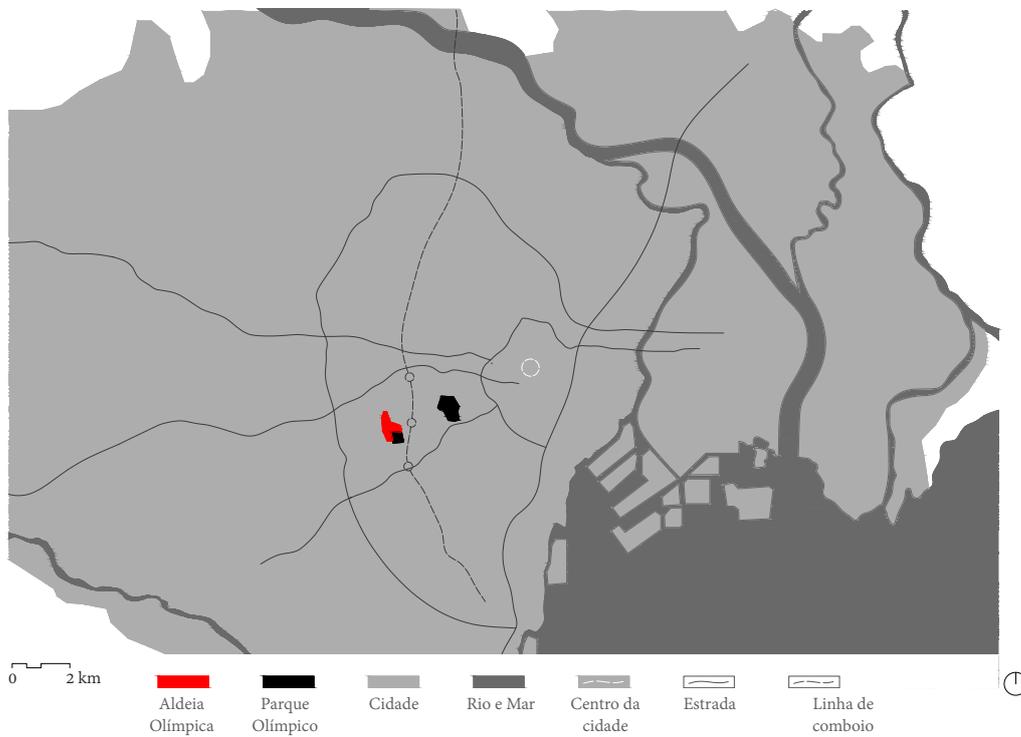


Figura 67 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Tóquio, em 1964.

A Aldeia Olímpica italiana tinha assim as construções necessárias para perdurar no pós-evento, porém só conseguiu colmatar os serviços fundamentais ao evento Olímpico, como vimos, através de edifícios pré-fabricados. Todavia, estes Jogos foram um verdadeiro sucesso, na medida em que foram uma peça importante na mudança que existiu entre os complexos dos anos trinta para este novo modo de habitar, pelos conteúdos de arquitectura moderna introduzidos e pelo que estes sectores significavam para a estrutura urbana das cidades, confirmando o grau de importância que as Aldeias Olímpicas começavam a ter no panorama da arquitectura:

“Temas notáveis e inovadores para a época são a relação entre o bairro com as bordas da cidade existente e a fusão entre uma linguagem arquitetônica moderna e internacional, com um conceito de morar tradicional respeitoso de certa “italianidade” do modo de compreender a casa.”⁴⁴ (Salvo, 2012, p.215)

Tóquio 1964

Dias após as explosões das duas bombas atômicas, o Japão rendeu-se perante os ataques sofridos, o que marcou o início de um período de ocupação estrangeira no país, especialmente por parte dos Estados Unidos. Mesmo após a assinatura do Tratado de São Francisco, em 1952, assinado entre as duas nações, que entregava novamente a soberania ao Japão, diversos campos militares e habitacionais estrangeiros, que tinham proliferado pelo país, mantiveram-se activos, incluindo *Washington Heights*, na capital japonesa.

Este complexo habitacional, primeiramente dos militares norte-americanos e mais tarde das suas famílias, foi formalmente devolvido ao povo japonês, em 1963 (figura 66), para aí se instalar a Aldeia Olímpica. Esta região da cidade (figura 67) – a 5,3 quilómetros do centro e a 1,5 quilómetros do Parque Olímpico – estava situada na imediação de um extenso espaço de vegetação (Organizing Committee for the Games of the XVIII Olympiad, 1966, p.281) e tinha 66 hectares de área, porém não abrangia uma área suficiente para as unidades de treino necessárias.

Esta dispersão das infra-estruturas fomentou a necessidade de se melhorar as ligações de transporte, de forma a diminuir o tempo de deslocação. Estes problemas de transportes “[...] eram inerentes ao rápido crescimento metropolitano, traduzido na concentração de pessoas e



Figura 68 - Construção da rede rodoviária baseada na estratificação das vias.



Figura 69 - Desenvolvimento do sistema de transporte público monorail.



Figura 70 - Atletas a encontrarem-se junto à vedação que separa o sector masculino do feminino. [Fotografia de The Asahi Shimbun]

⁴⁴ Citado da edição em Português do Brasil.



A - Residências femininas
 1 - Cantina 2 - Clínica médica 3 - Sauna 4 - Termas 5 - Clube Internacional 6 - Centro comercial 7 - Teatro Olímpico

Figura 71 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Tóquio.

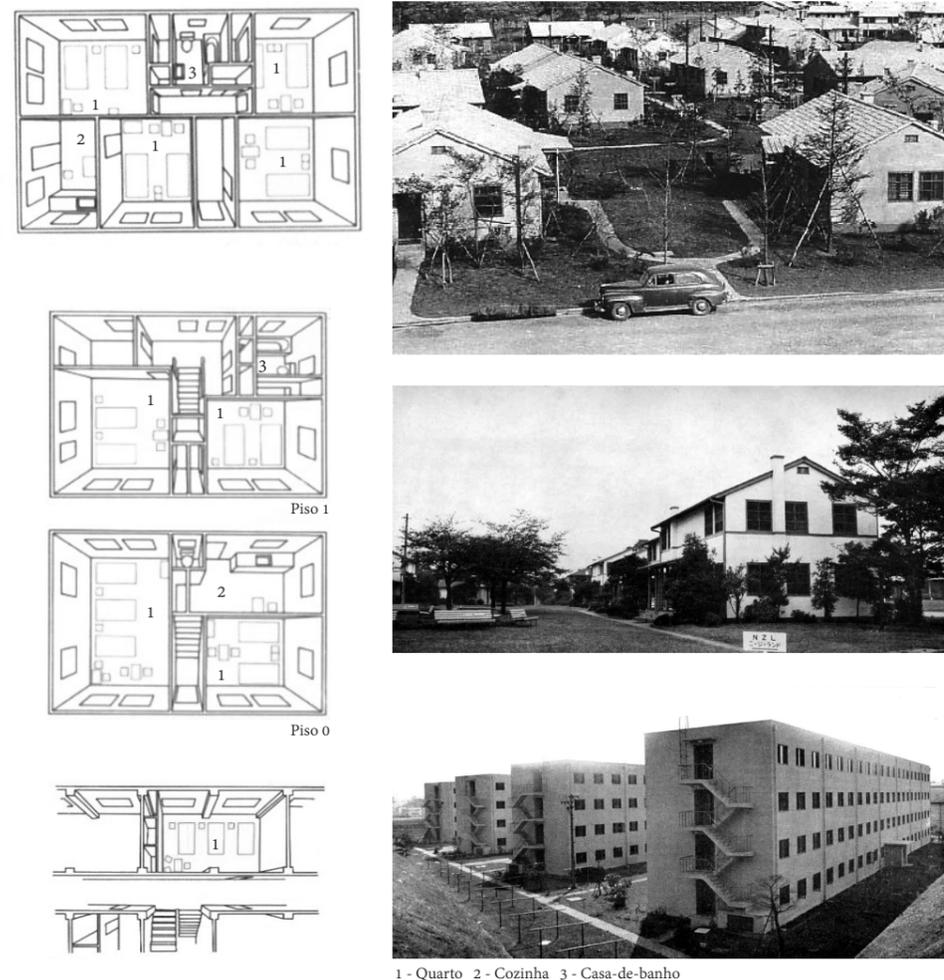
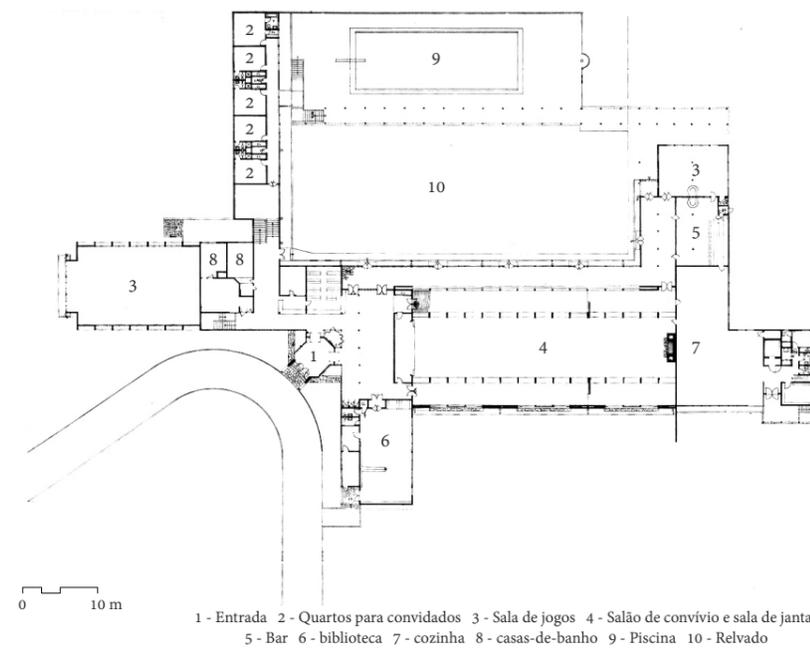


Figura 72 - Edifícios de habitação da Aldeia Olímpica e respectivas plantas.



1 - Entrada 2 - Quartos para convidados 3 - Sala de jogos 4 - Salão de convívio e sala de jantar
 5 - Bar 6 - biblioteca 7 - cozinha 8 - casas-de-banho 9 - Piscina 10 - Relvado

Figura 73 - Planta do Clube Internacional.

complexos industriais em zonas específicas da área metropolitana.”⁴⁵ (Muñoz, 1997, p.35) e, por isso, as intervenções Olímpicas novas foram efectuadas essencialmente no melhoramento das estradas, através da sobreposição vertical de vias (figura 68) e do transporte público (figura 69).

Para adaptar a antiga área residencial em Aldeia Olímpica foram utilizados os edifícios existentes, modificando-os quanto à distribuição interna. Pela primeira vez, a distribuição dos atletas e da sua equipa de apoio foi feita com maior complexidade. Para além da já habitual separação entre atletas masculinos e femininos (figura 70), desejava-se que houvesse separação de equipas por edifícios, separação de desportos dentro da mesma equipa e separação entre a equipa de apoio e os atletas (Sainsbury, 2016, p.191). Estes factores tinham influência directa nas decisões de desenho do espaço, porém, nesta vontade de articulação entre a organização dos utilizadores e do espaço pré-existente, alguns quartos ficaram vazios.

A zona residencial (figura 71) tinha capacidade para 8868 pessoas. A masculina era composta por 249 edifícios de madeira, com um ou dois pisos, e por dez edifícios de betão armado, de quatro pisos. A secção feminina servia-se dos restantes quatro edifícios de betão armado, a Norte do complexo. As habitações de madeira tinham doze tipologias diferentes, enquanto as de betão apenas diferiam no tamanho dos quartos, verificando-se quartos duplos e triplos. Cada unidade de habitação tinha uma cozinha, as de betão em cada piso, e as de madeira pelo menos uma, em que se acedia pela rua (figura 72).

Em Tóquio assistiu-se a uma separação mais efectiva dos serviços, para além das já habituais cantinas, instalações de treino, clínica médica, sauna, teatro e centro comercial. O centro de serviços era localizado na entrada do complexo, tinha serviços que serviam tanto os atletas como os visitantes, e, de resto, o conceito já vinha a ser utilizado desde as primeiras Aldeias Olímpicas, porém, pela primeira vez, foi criado o Clube Internacional (figura 73). Espacialmente o edifício desenvolvia-se em duas alas perpendiculares e a entrada era feita na sua intersecção. A ala Sul dispunha de quartos para convidados e na ala Este, o salão de convívio e jantares e os diversos espaços de entretenimento eram acedidos através de dois corredores, sendo um deles de serviço e o outro público. Já no exterior era disponibilizado um vasto

⁴⁵ Tradução do autor da citação original: “[...] were inherent to rapid metropolitan growth, translated into the concentration of people and industrial complexes in specific zones of the metropolitan area.” (Muñoz, 1997, p.35).



Figura 74 - Piscina no Clube Internacional.



Figura 75 - Supressão do protesto anti-governo dias antes ao começo dos Jogos Olímpicos.

relvado com piscina aos seus utilizadores. Deste modo, concluímos que este edifício era “[...] um lugar onde os membros das delegações podiam relaxar depois das suas provas extenuantes.”⁴⁶ (Organizing Committee for the Games of the XVIII Olympiad, 1966, p.319) (figura 74).

Os Jogos Olímpicos de 1964 foram os primeiros a serem realizados numa cidade asiática e determinaram o reerguer do povo japonês perante o mundo. O caso de Tóquio, apesar de se encontrar no tema *Catalisadoras*, destaca-se pela sua singularidade de intervenção. Não funciona como crescimento urbano, no sentido literal, mas vem auxiliar na qualidade de vida oferecida aos seus cidadãos, através da demolição do complexo após o evento e pela subsequente criação do Parque Yoyogi:

“A cidade de Tóquio, apesar de ter muitos pontos em comum com Aldeias anteriores, ofereceu alternativas interessantes em relação à dimensão metropolitana e sua relação com as intervenções Olímpicas.”⁴⁷ (Muñoz, 1997, p.35)

Cidade do México 1968

Em 1968, o México foi a primeira nação em desenvolvimento a organizar o evento Olímpico. Com a realização dos Jogos em solo mexicano e, aproveitando a exposição mediática associada ao mesmo, o povo mexicano reivindicou melhor qualidade de vida, questionando “[...] se o dinheiro não poderia ter sido melhor gasto em lidar com a pobreza e aliviar os graves problemas sociais da cidade.”⁴⁸ (Barke, 2016, p.297). De facto, viviam-se tempos conturbados no México, com bastantes manifestações e as forças de segurança a responderem com violência, resultando num massacre de mais 300 pessoas em véspera dos Jogos, em Tlatelolco, no centro da Cidade do México (figura 75). Barke (*ibidem*, p.288) refere que, após este ano, “[...] tornou-se impossível negar a ligação inextricável entre desporto e política.”⁴⁹

⁴⁶ Tradução do autor da citação original: “[The International Club was] a place where the members of delegations could relax themselves after their strenuous games.” (Organizing Committee for the Games of the XVIII Olympiad, 1966, p.319).

⁴⁷ Tradução do autor da citação original: “The city of Tokyo, even though it had many points in common with earlier Villages, offered interesting alternatives with regard to the metropolitan dimension and its relationship with the Olympic interventions.” (Muñoz, 1997, p.35).

⁴⁸ Tradução do autor da citação original: “[any ordinary Mexicans questioned] whether the money might not have been better spent on dealing with poverty and alleviating the city’s severe social problems.” (Barke, 2016, p.297).

⁴⁹ Tradução do autor da citação original: “[...] it became impossible to deny the inextricable linkage between sport and politics.” (Barke, 2016, p.288).



Figura 76 - Vista aérea da Aldeia Olímpica Miguel Hidalgo.

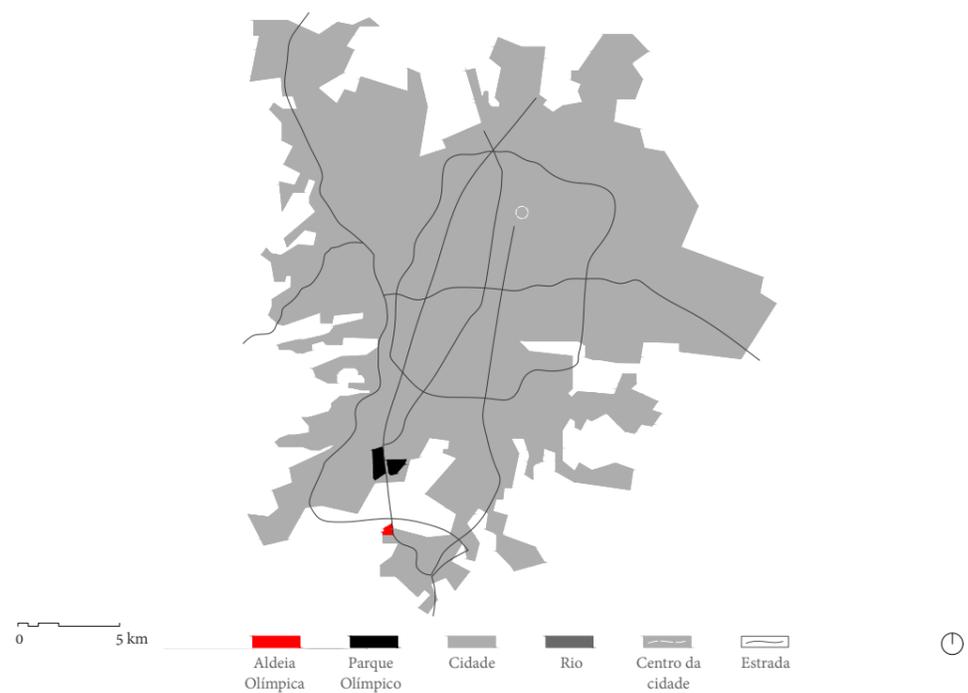


Figura 77 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a Cidade do México, em 1968.

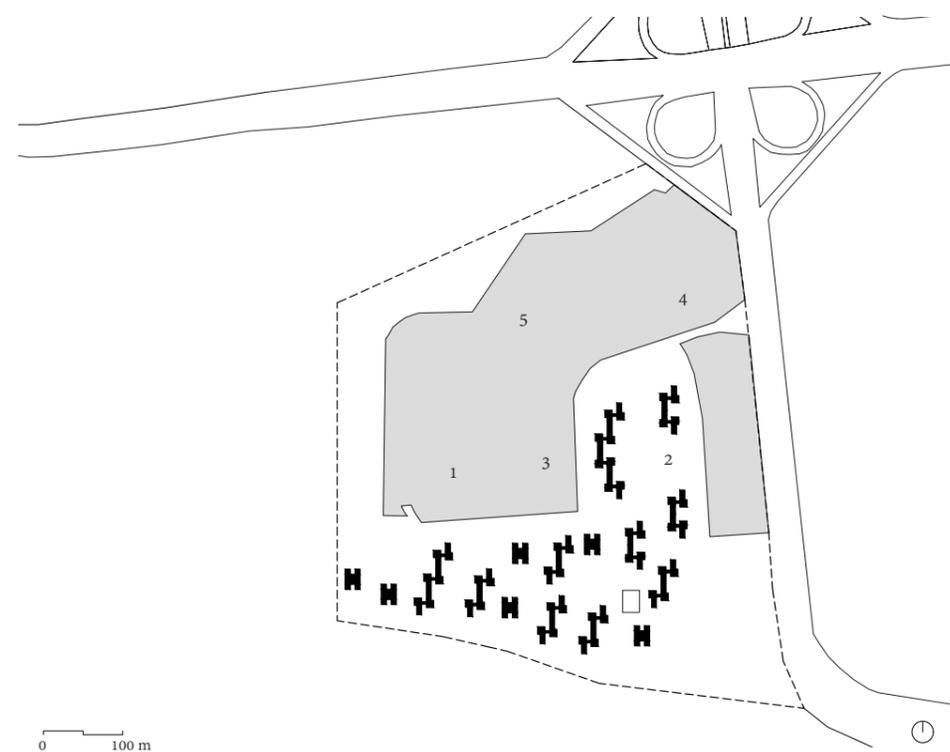


Figura 78 - Planta geral da Aldeia Olímpica da Cidade do México.



Figura 79 - Diferentes fases da construção do complexo habitacional Olímpico.



Figura 80 - Atletas a relaxar nos espaços exteriores junto ao Clube Internacional. [Fotografia Keystone] | [Fotografia de Mondadori Portfolio]

O governo decidiu distribuir as inúmeras infra-estruturas Olímpicas pela metrópole “[...] para conectar uma série de territórios onde o crescimento era expectável [...]”⁵⁰ (Muñoz, 1997, p.34), isso implicou que houvesse um planeamento a larga escala no sector dos transportes, principalmente no rodoviário, com a construção de diversas estradas periféricas à cidade.

Dois complexos habitacionais foram edificados, um para os desportistas, equipas de apoio e imprensa, a Aldeia Olímpica Miguel Hidalgo (figura 76), e outro para os júris e árbitros, a Aldeia Narciso Mendoza. Ambas respeitavam os padrões de habitação social dessa altura, que reflectiam as políticas de emergência social de influência europeia (*ibidem*, p.41), através dos maciços blocos residenciais, com grande capacidade, que tinham o objectivo de ser auto-suficientes, como as cidades-satélite. A Aldeia principal, localizada num ambiente rural, no sul da cidade, foi construída em 11 hectares de terrenos públicos e distanciava-se 13 quilómetros do centro da urbe e 4 quilómetros do Parque Olímpico (figura 77).

O projecto (figura 78), liderado pelo arquitecto Héctor Velázquez, tinha vinte e nove unidades de habitação, sendo três delas para as atletas femininas e duas para a imprensa, com seis ou dez pisos e capacidade para 10000 habitantes no total. Se em Melbourne, as atletas femininas ficaram hospedadas pela primeira vez na Aldeia, na Cidade do México, foi a primeira vez que os atletas de ambos os sexos não estavam separados fisicamente por vedação. Apesar do dinamismo volumétrico dos edifícios, o seu traçado urbano era bastante regular e os materiais representavam uma grande simplicidade através das suas ‘lâminas’ com revestimento de tijolo, complementadas com vidro (figura 79).

A área residencial era, tal como em casos anteriores, composta por dois tipos de construções – as temporárias e as permanentes. Entre os temporários destacou-se o Clube Internacional, que entre treinos e competições, era usufruído pelos atletas para socializar, desde os relvados, até à piscina e ao teatro, ambos exteriores (figura 80):

⁵⁰ Tradução do autor da citação original: “[the Mexican Government took a whole range of initiatives] to connect a series of territories where growth was expected [...]” (Muñoz, 2016, p.34).

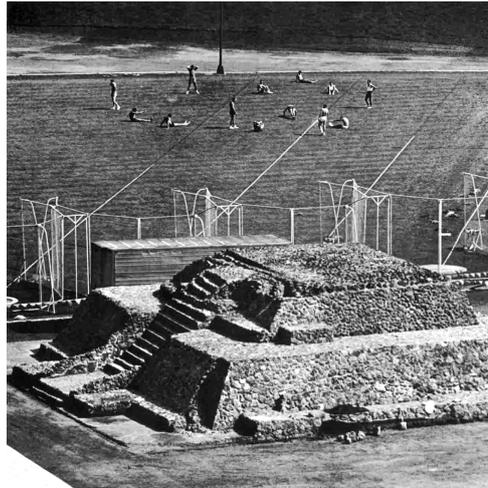


Figura 81 - Pirâmide pré-hispânica junto ao teatro ao ar livre.



Figura 82 - Esculturas distribuídas pelos espaços exteriores.
[Fotografia de Mondadori Portfolio (em cima)]

“As instalações deste clube popular, em uso constante durante o período Olímpico, ajudaram a promover o contacto amigável entre participantes de todas as nacionalidades.”⁵¹ (Organizing Committee of the Games of the XIX Olympiad, 1969, p.229)

Durante o período de construção do complexo, três pirâmides pré-hispânicas foram descobertas. Os vestígios arqueológicos foram restauradas e incorporados como elementos paisagísticos nas instalações de treino e como pano de fundo do teatro ao ar livre (figura 81).

Os Jogos Olímpicos da Cidade do México também ficaram célebres pela instalação de peças escultóricas, muito apreciada pelos atletas (figura 82), o que demonstra uma crescente relação entre o evento desportivo e a comercialização de uma cultura da imagem, principalmente através da televisão: “[...] a originalidade e a irrefutabilidade do seu sistema de comunicação converteram-no num paradigma de design gráfico e de eventos moderno.”⁵² (Rivas & Sarhandi, 2005).

A Aldeia mexicana estava assim preparada para proporcionar um acolhimento perfeito para a preparação dos desportistas, assim como o seu relaxamento, porém após os seus utilizadores temporários darem lugar aos permanentes, as dificuldades na venda dos apartamentos surgiram, deixando mais de metade do complexo por habitar, passado um ano. A falta de lojas e serviços tornou o uso do carro essencial para os seus habitantes, não tendo sido, por este motivo, um caso de sucesso no período pós-evento (Barke, 2016, p.299).

Conclusão sobre as Aldeias Catalisadoras

A Segunda Guerra Mundial trouxe grandes mudanças nas sociedades contemporâneas no seu período de recuperação. Com isto, verificamos igualmente uma transformação completa na forma de pensar a Aldeia Olímpica. Nas Aldeias *Pioneiras* vimos o seu desenvolvimento ir de encontro unicamente às necessidades Olímpicas, com o posterior desmantelamento do complexo ou, como no caso de Berlim, a passar para o ramo militar do país. Com o insuficiente número de habitações nas cidades, os governos tiveram necessidade de aliar o programa Olímpico à

⁵¹ Tradução do autor da citação original: “The facilities of this popular club, in constant use during the Olympic period, helped to promote friendly contact between participants of all nationalities.” (Organizing Committee of the Games of the XIX Olympiad, 1969, p.229).

⁵² Tradução do autor da citação original: “[...] the originality and cogency of its system of communication converted it into a paradigm of modern graphic and event design.” (Rivas & Sarhandi, 2005).



Figura 83 - Viaduto Corso di Francia.

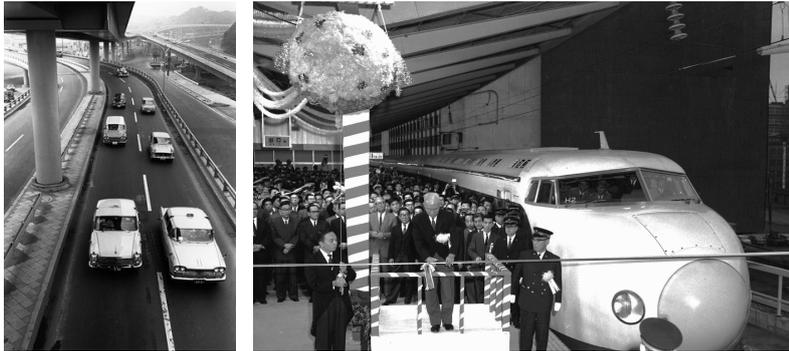


Figura 84 - Vias rápidas construídas na cidade e comboio de alta-velocidade *Shinkansen*.

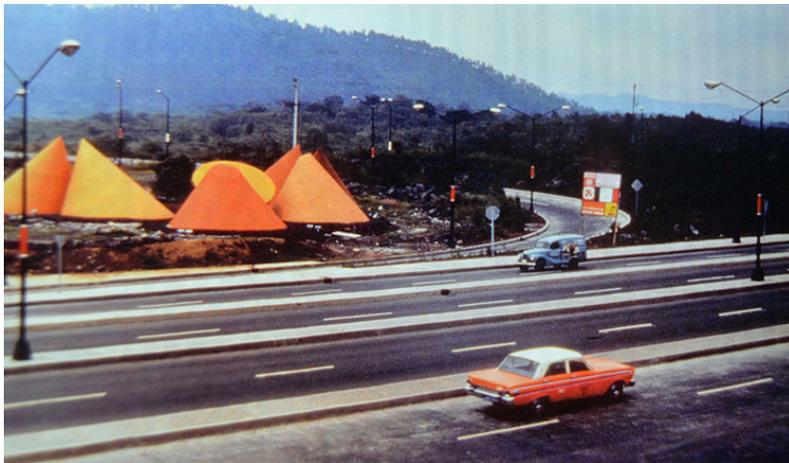


Figura 85 - Auto-estrada *Ruta de la Amistad*.

carência social num só plano de construção, com uma visão auto-sustentável dos complexos, nas periferias das cidades:

“A ideia padrão era simplesmente um novo conceito de higiene e uma nova revisão das condições de habitação e eficiência da cidade, estabelecendo limites «eficientes» de espaço habitável e volumes de espaço verde por habitante.”⁵³ (Muñoz, 1997, p.44)

Neste tema observamos que os eventos desportivos relacionavam-se com a estrutura urbana de forma expansionista e não regeneradora (Barke, 2016, p.293). Este factor levou a que houvesse uma relação mais directa entre os Jogos Olímpicos e o desenvolvimento das infra-estruturas metropolitanas de transportes, nas Aldeias dos anos sessenta. Exemplos disso são o viaduto *Corso di Francia*, em Roma (figura 83), a estratificação das rodovias e a criação de redes ferroviárias, em Tóquio (figura 84), e a construção da *Ruta de la Amistad*, na Cidade do México (figura 85).

Mesmo que, nos casos de Melbourne e da Cidade do México, ainda tenha existido uma certa distância entre o complexo e o núcleo da cidade, deixando os projectos no limite de serem subúrbios, pode-se considerar que fazem parte do plano de expansão da urbe. O caso de Tóquio, como visto anteriormente, representa aqui um caso de excepção ao tema, em termos habitacionais, porém, como complemento à qualidade de vida dos habitantes da capital japonesa, foi um passo necessário para o crescimento sustentável daquela zona da cidade.

Associado a esta concepção moderna de colonização das cidades está a integração de espaços verdes como prolongamento exterior das habitações. Nas Aldeias *Catalisadoras*, assistimos a diversas formas de relação entre ambos. Em Helsínquia cada unidade de habitação tinha o seu ‘pátio’ como zona mais reservada em relação à rua. Na cidade australiana cada moradia tinha o jardim a toda a volta. Roma, por seu lado, era a que possuía a maior diversidade de morfologias de espaços urbanos. Em contrapartida, a interpretação mais estandardizada do espaço entre edifícios coube à capital mexicana (Muñoz, 1997, p.41). Todas estas opções, tendo as suas vantagens e desvantagens, representaram uma maior preocupação com os cidadãos, através da procura de uma conexão entre o Homem e a Natureza.

⁵³ Tradução do autor da citação original: “The standard idea was simply a new concept of hygienics and a new revision of the housing and city efficiency conditions, setting the “efficient” boundaries of habitable space and green space volumes per inhabitant.” (Muñoz, 1997, p.44).

Os complexos residenciais Olímpicos após a Segunda Grande Guerra apresentaram-nos uma maior complexidade volumétrica e também de distribuição interna dos edifícios, em comparação com os primeiros casos. Helsínquia, apesar da similaridade exterior dos blocos exibia uma grande diversidade interior de espaços, ao passo que, em Roma, dentro das mesmas tipologias as plantas dos apartamentos eram iguais em cada piso.

As Aldeias Olímpicas dos anos cinquenta, dada a escassez de recursos após o conflito bélico, utilizaram fundos públicos, quer no planeamento, quer na construção das obras. Por seu lado, Roma, Tóquio e a Cidade do México foram as primeiras a demonstrar um certo grau de complexidade ao articular o sector público, no desenvolvimento dos terrenos, com o sector privado na construção das estruturas permanentes e temporárias. A cidade italiana foi também a primeira a contar com a venda de direitos televisivos.

Neste período de cinco Jogos assistimos à inclusão das atletas femininas e dos atletas paralímpicos nas residências Olímpicas e, igualmente, ao nascer de muitas comodidades para os seus utilizadores e que se vieram a manter nos anos seguintes. Em Melbourne criou-se a *International Plaza*, local que possibilitava a interação entre atletas e visitantes, estando dentro do complexo, mas fora da área residencial, e Tóquio apresentou o primeiro Clube Internacional, onde os habitantes tinham ao seu dispor salas de jogos, de convívio, bares e espaço exterior com piscina. Houve, ainda, uma estabilização do conceito de Centro de Serviços, sempre na entrada da Aldeia e com serviços públicos, para atletas e visitantes. Porém, ao contrário do que os urbanistas do pós-guerra pretendiam, estes projectos residenciais ficaram com um défice de equipamentos públicos, que permitisse a estas secções da cidade serem auto-suficientes, uma vez que durante os Jogos Olímpicos eram utilizadas estruturas temporárias. Isto tinha influência directa no transporte, visto que maiores distâncias tinham que ser percorridas pelas populações que aí ficavam.

Em síntese estes modelos foram relevantes para a consolidação das cidades num período exigente de recuperação das 'cicatrices' da Guerra. Uniam novas zonas habitacionais com áreas desportivas para as populações e intervinham, desta maneira, em novos territórios, tecendo-os com os existentes.

2.3. Condensadoras: Aldeia Olímpica como complexo unitário de habitação e serviços

O avanço tecnológico presenciado na arquitectura, ao longo da segunda metade do século XX, resultou numa diversidade de materiais e técnicas inovadoras à prática construtiva e ao funcionamento dos edifícios. Durante os anos sessenta e início de setenta do século XX, a arquitectura moderna começava a não suportar mais metamorfoses para acomodar infra-estruturas, o que solicitava novas formas de arquitectura e de organização espacial para os edifícios, na procura de respostas actualizadas para a sociedade:

“Para os grupos arquitectónicos de vanguarda, os anos 70 acenderam o pensamento sobre a condição cultural das sociedades urbanas ocidentais e a cultura de massa do Fordismo, caracterizadas pelas mitologias do lazer, do consumo instantâneo e da efemeridade. A partir deste ponto de partida, toda uma série de propostas consideraram renovação e visões radicais não só de projecto de arquitectura, mas também da cidade e da organização urbana.”⁵⁴ (Muñoz, 1997, p.41)

A nova tipologia proposta tinha um carácter de mega-estrutura, próximo das arquitecturas utópicas de diversos arquitectos, que passava pela condensação de diferentes funções num único edifício, tinha uma escala muito maior que o convencional bloco e, regularmente, utilizava elementos pré-fabricados, dando a ideia de repetição e possível ampliação, dependendo das necessidades da população.

A criação destas estruturas urbanas, “[...] como base para uma nova forma de organizar unidades residenciais [...]”⁵⁵ (Solà-Morales citado por Muñoz, 1997, p.42), sugeria uma revisão no modo como se vivia a cidade numa lógica de vanguarda.

No sub-capítulo *Condensadoras*, os modelos de habitações realizados, – com variações caso a caso – não sendo tão revolucionários, vão buscar as suas bases a esta nova tipologia, acompanhando o que de novo se concebia no mundo da arquitectura.

⁵⁴ Tradução do autor da citação original: “For architectural avant-garde groups, the 70s kindled thought about the cultural condition of western urban societies and the mass culture of Fordism, characterised by the mythologies of leisure, instant consumption and ephemerality. From this point of departure, a whole series of proposals considered renovation and radical visions not only of architectural design but also of the city and urban organisation.” (Muñoz, 1997, p.41).

⁵⁵ Tradução do autor da citação original: “[...] as the basis for a new way of organising residential units [...]” (Solà-Morales citado por Muñoz, 1997, p.42).

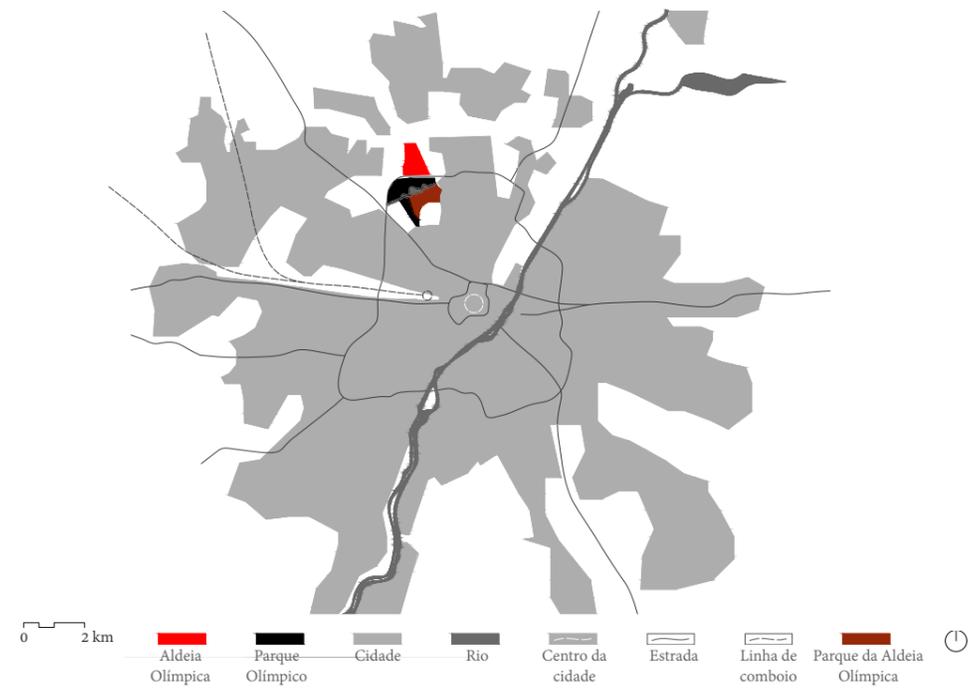


Figura 86 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Munique, em 1972.



Figura 87 - Relação da Aldeia Olímpica com o Parque da Aldeia Olímpica e o Parque Olímpico.



Figura 88 - Campo militar de Oberwiesenfeld, em 1924.



Figura 89 - Colinas moldadas do Parque Olímpico [actualmente].

Munique 1972

A capital do estado da Baviera, após a Segunda Guerra Mundial, foi a cidade alemã que maior crescimento demográfico teve, devido aos refugiados que aí se instalaram. A cidade passava assim por uma crescente pressão imobiliária, quer de habitações, quer de serviços e de infra-estruturas, o que a obrigou a desenvolver um plano de expansão residencial e de transportes, sendo uma das primeiras a fazê-lo em todo o país.

Os Jogos Olímpicos foram acolhidos numa altura de grande entusiasmo na Alemanha, que se reflectia no uso de tecnologias modernas e de meios de transporte (Meyer, 2016, p.314). O local escolhido (figura 86 e 87) para erguer o Parque Olímpico e a Aldeia Olímpica, que distavam menos de 500 metros um do outro, foi o antigo aeródromo militar em *Oberwiesenfeld* (figura 88), a 4 quilómetros a Norte do centro urbano:

“Anteriormente, a imagem aqui estava amplamente condicionada pelo uso militar e pela indústria pesada. O facto desta área ter sido usada para eliminação de escombros nos anos pós-guerra sublinha a impressão de que ela pertence firmemente aos subúrbios da cidade.”⁵⁶ (ibidem, p.313)

A decisão de intervir nesta antiga zona negligenciada da cidade permitiu ao governo alemão mostrar a intenção que tinha de contrastar com a imagem deixada nos Jogos de Berlim, com o passado repressivo da liderança nazi e apagar uma das memórias da guerra, que ainda existia na cidade.

Do mesmo modo que os casos anteriormente estudados, Munique investiu no sector dos transportes, tanto nos meios de transporte públicos urbanos, como nos transportes rodoviários de ligação às diversas regiões fora da cidade. As terras retiradas da construção do metropolitano e das habitações da Aldeia foram aproveitadas para moldar a paisagem, originalmente plana, do complexo desportivo, para assim fazer lembrar as colinas dos Alpes (ibidem, p.309) (figura 89).

A área residencial encontrava-se a Norte e separada da zona desportiva por uma estrada circundante à cidade, porém os dois complexos estavam intimamente conectados através da

⁵⁶ Tradução do autor da citação original: “Previously the image here had been largely conditioned by military usage and heavy industry. The fact that this area was used for rubble disposal in the post-war years underscores the impression of it firmly belonging to the city outskirts.” (Meyer, 2016, p.313).



Figura 90 - Parque Olímpico com as pontes de ligação para a Aldeia Olímpica [actualmente].



Figura 91 - Escadas de acesso à área pedestre na Aldeia Olímpica.

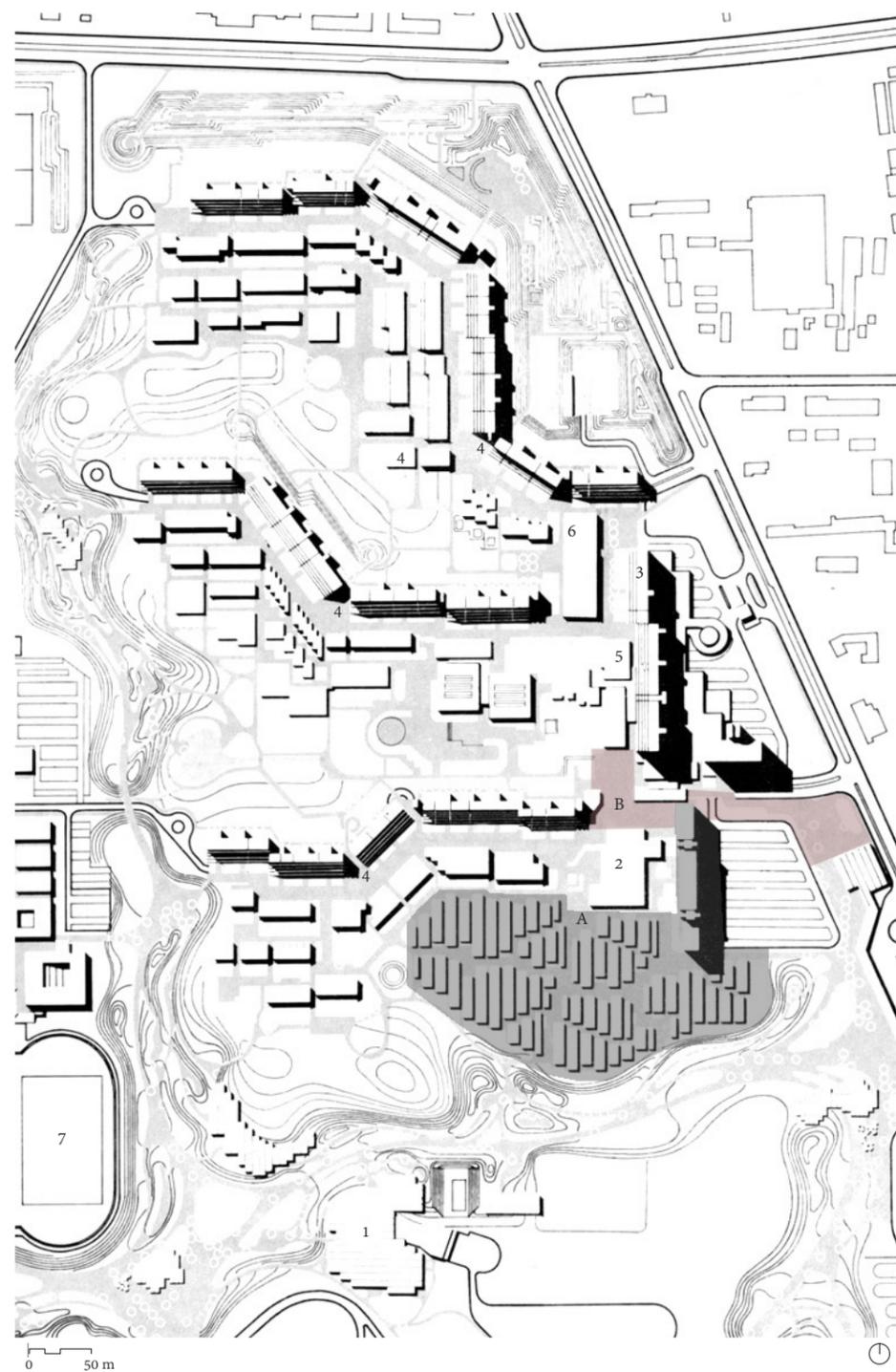


Figura 92 - Espaço pedestre para os atletas Olímpicos.



Figura 93 - Atletas a jogar xadrez na Aldeia Olímpica [Fotografia de Rich Clarkson].





A - Residências femininas B - Plaza central
 1 - Restaurante 2 - Cafeteria 3 - Clínica médica 4 - Sauna e piscina 5 - Centro comercial 6 - Centro ecumênico 7 - Instalações de treino

Figura 94 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Munique.



Figura 95 - Tubos que guiavam os atletas, pela Aldeia, desde a plaza central.

topografia, subtilmente inserida junto aos blocos de habitação, e pelas pontes, que faziam a separação da circulação pedonal da rodoviária (figura 90).

Esta ideia de fragmentação por níveis estava presente, de igual forma, à escala dos edifícios. As estradas e os estacionamento estavam localizados no nível inferior e, através de escadas e elevadores, os residentes chegavam à área livre de tráfego (figura 91). Esta zona pertencia ao campo da recreação, onde os atletas podiam relaxar pelas áreas ajardinadas da Aldeia (figura 92), pelos campos de jogos existentes (figura 93) ou pela piscina.

O complexo residencial (figura 94) dividia os seus 80 hectares em três zonas: as habitações masculinas, com os blocos com terraços; as habitações das atletas femininas, constituídas principalmente por *studios*; e a zona central, formada pela *plaza* central, na qual se acedia imediatamente após a entrada e a partir da qual se fazia a distribuição para os principais serviços.

Algumas opções foram implementadas quanto ao entretenimento: abdicou-se da biblioteca, dado o pouco uso por parte dos atletas durante as provas, e providenciaram-se televisores nas salas de estar das equipas. O espaço religioso começava a ficar cada vez mais multifuncional, contemplando uma única sala para as doutrinas do Cristianismo e algumas áreas de meditação para outras religiões. Já na cantina optou-se por se disponibilizar diferentes salas de jantar, apesar de se considerar que a alimentação dos atletas de alto rendimento era cada vez mais uniforme em todo o mundo (Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974a, p.134).

A componente artística, idealizada pelo arquitecto austríaco Hans Hollein, era composta por uma rede de tubos com diversas funções. Serviam de condutas para sistemas de iluminação, de som, de ventilação e de sombreamento, os quais eram aproveitados pelos atletas, sobretudo na *plaza* central (figura 95). Ainda assim tinha como papel principal orientar os residentes pela zona pedestre, através da cor, de cada uma das três extensões, com “uma cor facilmente lembrada do espectro olímpico [...]”⁵⁷ (Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974b, p.109).

O complexo residencial masculino, projectado por Erwin Heinle, dividia-se em três correntes de edifícios heterogéneos que se desenvolviam, desde a área central da Aldeia, através da flexão dos blocos para Norte e Oeste. As habitações de betão armado mais altas tinham sete



Figura 96 - Vista do sector residencial masculino.

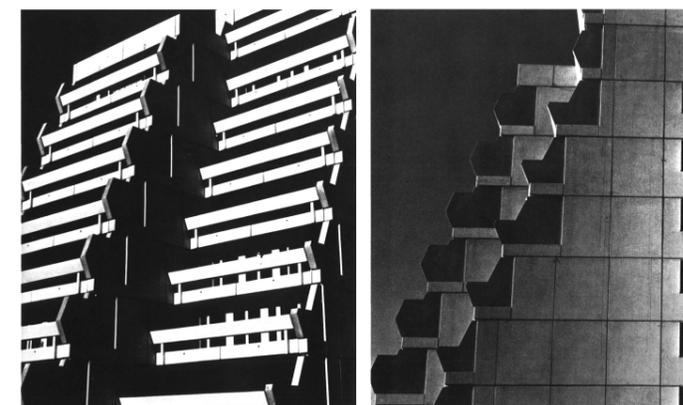


Figura 97 - Terraços dos edifícios de habitação dos atletas masculinos.

⁵⁷ Tradução do autor da citação original: “An easily remembered color from the Olympic spectrum [...]” (Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974b, p.109).



1 - Quarto 2 - Casa-de-banho 3 - Parte da sala de estar 4 - *Kitchenette* 5 - Armário 6 - Entrada 7 - Terraço/Varanda

Figura 98 - Tipologias das habitações femininas: Planta e corte dos *bungalows* (esq.) e planta do quarto, no edifício com 20 pisos (dir.).



Figura 99 - Vista aérea do sector residencial feminino.

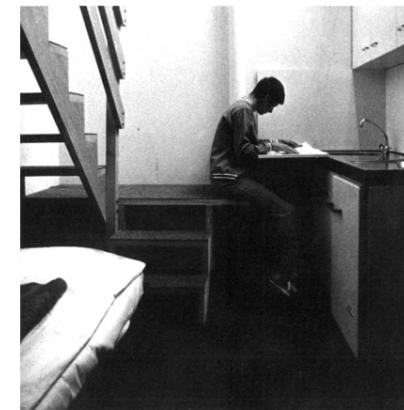


Figura 100 - Área de estar e serviços do *bungalow*.



Figura 101 - Quarto do *bungalow*.

a catorze pisos e abraçavam outras mais baixas a Sul (figura 96). Os apartamentos com terraços floresciam verticalmente em socalcos (figura 97) o que, segundo Meyer (2016, p.306), criava uma imagem de “colinas de edifícios”⁵⁸ evocando os montes do Parque Olímpico, de forma a criar um diálogo entre as duas zonas, mesmo com esta dicotomia material.

Este factor teve como consequência 250 variações na distribuição interna dos quase 3000 apartamentos e o número de quartos variava de um a quatro. Na altura do projecto previa-se construir as habitações com paredes móveis “[...] que podiam ser adaptadas para ir ao encontro dos diferentes requisitos dos donos”⁵⁹ (*ibidem*, p.308), porém com o elevado custo de construção essa ideia não passou do papel. Os acessos verticais destas tipologias encontravam-se do lado oposto aos terraços e destacados dos volumes.

Às atletas femininas foram disponibilizadas, a Sul da intervenção, habitações em dois tipos de edifícios (figura 98), desenhados por Werner Wirsing: *bungalows* com dois pisos e um bloco de apartamentos até vinte pisos. A construção deste bairro já tinha sido prevista, mesmo antes da candidatura aos Jogos, para aí se instalarem residências para a universidade local. Estas tinham como objectivo maximizar a individualidade e, por esse motivo, as habitações, na sua grande maioria, tinham um único quarto⁶⁰.

Dos dois projectos, o que desperta mais interesse arquitectónico, por ser a primeira vez que desenvolviam uma tipologia individual para os atletas, é o dos *bungalows*. Dispostos em dupla fila no sentido Norte-Sul, foram edificados com recurso a peças pré-fabricadas de betão e os módulos das casas de banho interiores eram de fibra de vidro e directamente montados no local. O formato cúbico destes elementos dava-lhe um carácter estruturalmente independente (figura 99). O bloco era constituído por um piso térreo, reservado às áreas de estar e serviços (figura 100), o piso superior tinha o quarto (figura 101), com um pequeno terraço que permitia a ligação visual com os restantes *bungalows*, e as coberturas eram ajardinadas.

⁵⁸Tradução do autor da citação original: “[Underlying the development concept was the notion of] «hills of buildings.»” (Meyer, 2016, p.306).

⁵⁹Tradução do autor da citação original: “[The architectural practice of Heinle and Wischer developed floor plans with light, movable partition walls] that could be adapted to meet the different requirements of the owners.” (Meyer, 2016, p.308).

⁶⁰Dos 1727 apartamentos para as atletas femininas, nove tinham três quartos cada, os restantes tinham somente um quarto. (Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974a, p.130).



Figura 102 - Um dos terroristas do ataque do Setembro Negro (em cima) [Fotografia de Keystone] e dois policiais da Alemanha Ocidental (embaixo).

A Aldeia Olímpica de Munique representou uma experiência urbana com o intuito de se criar uma ‘cidade’ dentro de outra. Consistiu num recinto habitacional auto-sustentável, capaz de responder a todas as funções da vida diária, quer dos atletas, quer dos residentes posteriores. O sector feminino deu origem às actuais residências universitárias e a masculina a uma nova comunidade de famílias.

O complexo aborda questões de mobilidade e da identidade individual e colectiva que, através de uma configuração utópica, agrada aos seus residentes pela “[...] sua atmosfera, espaços públicos comuns, bons serviços locais, óptimas ligações de transportes e proximidade ao espaço verde.”⁶¹ (Meyer, 2016, p.314). E nem mesmo o ataque terrorista, que tirou a vida a alguns membros da delegação israelita, perpetrado, no início do evento Olímpico, pelo grupo palestino Setembro Negro (figura 102), derrubou a atmosfera de relaxamento que se celebrava na Aldeia, para a qual o desenho dos espaços contribuíram de forma irrepreensível (Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974a, p.141). Desta forma, Munique abordou os edifícios como um conjunto de elementos que, através da condensação vertical do estacionamento, dos serviços, das habitações e da separação física entre o pedestre e os automóveis, funcionou como um organismo urbano auto-sustentável, durante e após o evento.

Montreal 1976

O evento Olímpico foi organizado pela primeira vez em solo canadiano, no ano de 1976. Paradoxalmente ao contexto financeiro mundial, que atravessava uma grave crise energética e afectava, sobretudo, os países com economias capitalistas, a organização dos Jogos dispôs de um orçamento excessivamente grande:

“Quem pagou pesada factura pelo conflito do Médio Oriente foram os países da Europa Ocidental e os EUA, mergulhados numa crise energética sem precedentes, motivada pelo embargo petrolífero decretado pelos árabes, em retaliação pelo apoio prestado a Israel.” (Redacção QuidNovi, 2004, p.142)

⁶¹ Tradução do autor da citação original: “[Residents particularly enjoy] its atmosphere, the communal public spaces, good local services, great transport connections and proximity to green space.” (Meyer, 2016, p.314).

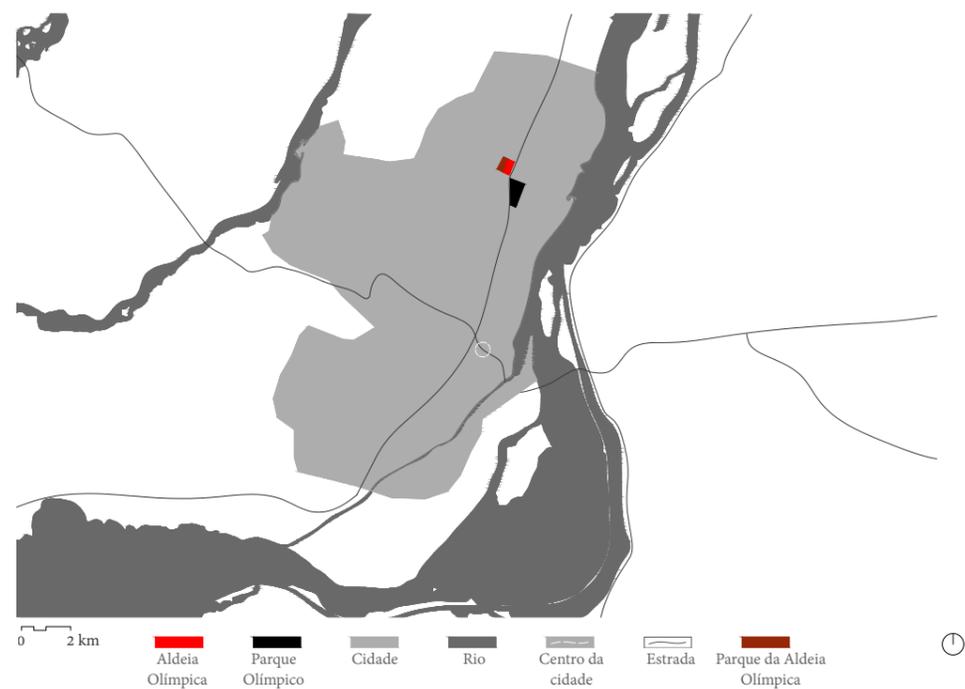


Figura 103 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Montreal, em 1976.



Figura 105 - Bloco de habitação como barreira visual e física [atualmente].

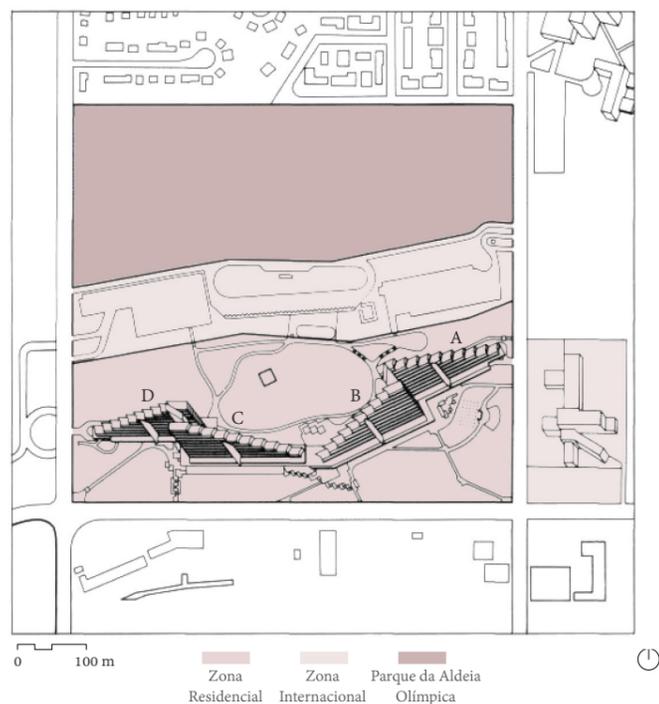


Figura 104 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Montreal.

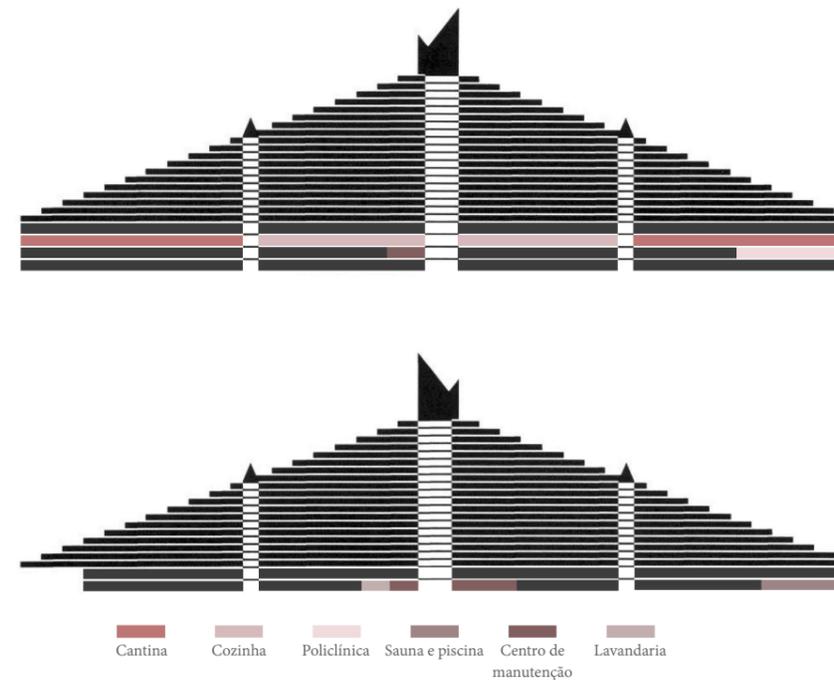


Figura 106 - Iconografia representativa da distribuição dos serviços pelos diferentes pisos.

Este parâmetro aliado às políticas muito autoritárias de Jean Drapeau, aos desenhos ambiciosos dos complexos Olímpicos e a uma certa falta de planeamento e controlo no processo de construção das infra-estruturas necessárias, elevaram os custos finais da obra, originando diversas dificuldades na edificação da Aldeia Olímpica (Latouche, 2011, p.258).

Foram feitas, de início, duas propostas de localização e de tipologias para o complexo residencial, porém ambas foram rejeitadas pelo Comité Olímpico Internacional. A inicial pretendia que a Aldeia fosse construída temporariamente e a segunda propunha que ela fosse fraccionada em cinco zonas de forma a integrarem programas municipais de habitação social.

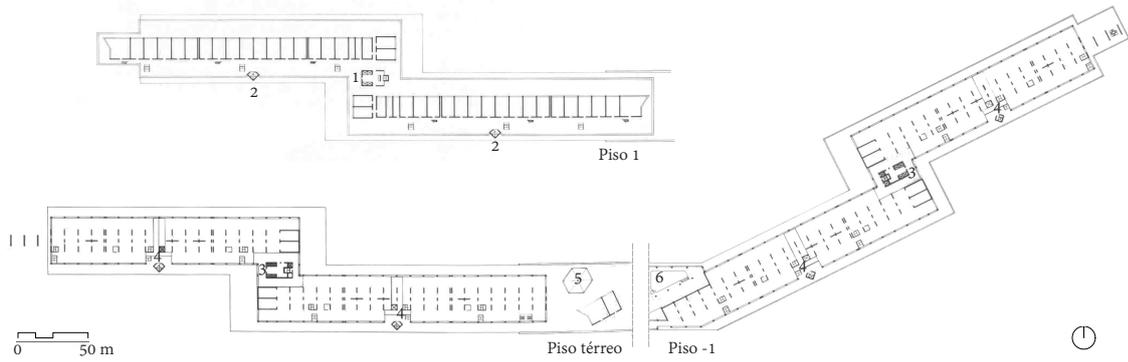
Posto isto, o recinto foi construído num terreno com 34 hectares, a 7,5 quilómetros a Norte da cidade, contudo na proximidade do Parque Olímpico (figura 103), como se sucedeu em Munique. O que agradava aos atletas que viam o facto de poderem ir a pé para os recintos desportivos, como uma grande vantagem (*ibidem*, p.255) para a preparação e concentração nas respectivas provas.

A Aldeia estava igualmente dividida nas duas zonas funcionais já apresentadas - Zona Residencial e Zona Internacional (figura 104). Na residencial pousavam nos terrenos verdes, exclusivamente pedestres, “[...] quatro estruturas arquitectonicamente inovadoras em forma de zigurate [...]”⁶² (Gold & Gold, 2016, p.44) relacionadas entre si pelos pisos de serviços.

Não sendo novidade as atletas femininas encontrarem-se na mesma área que os homens, era, porém, a primeira vez que ambos os sexos habitavam no mesmo bloco habitacional, estando reservado para as atletas uma das estruturas supracitadas.

Os edifícios, projectados por Roger d’Astous e Luc Durand, tinham vinte pisos no ponto mais alto, o que fazia com que actuassem como uma barreira, tanto visual como física, entre o Parque Internacional, reservado aos atletas, e a rua de acesso (figura 105). Para assegurar um desenho compacto dos programas da área residencial, como o tema *Condensadoras* expõe, foram disponibilizados nos pisos inferiores dos blocos de habitação os serviços básicos ao conforto de um atleta de alta competição. Nos blocos A e B localizava-se a cantina e a policlínica, e nos C e D centros de manutenção desportiva, assim como saunas e piscinas (figura 106).

⁶² Tradução do autor da citação original: “[The adjacent Olympic Village lodged participants in] four architecturally innovative zigurat structures [...]” (Gold & Gold, 2016, p.44).



1 - Núcleo central 2 - Elevador exterior 3 - Entrada principal 4 - Entrada secundária 5 - Cobertura piscina 6 - Piscina

Figura 107 - Plantas parciais de três diferentes pisos.



1 - Quarto 2 - Casa-de-banho 3 - Lavatório 4 - Secretárias

Figura 108 - Plantas das diferentes tipologias dos apartamentos.



Figura 109 - Atletas femininas num dos quartos.

No que diz respeito às unidades de habitação (figura 107), novas propostas arquitectónicas foram experimentadas nas áreas residenciais Olímpicas. A distribuição era feita verticalmente, por três torres independentes das unidades de habitação e, horizontalmente, por dois percursos exteriores o que conferia uma ideia de individualidade associada a cada apartamento (“The Olympic Village”, s.d., p.9). As entradas dos apartamentos viravam-se para a passagem do lado da rua e o espaço comum da casa para o Parque Internacional, funcionando o corredor de varanda para os apartamentos, pelo carácter mais intimista que disponibilizava. Esta intenção de dupla frente permitia ventilação natural cruzada no interior das residências (*ibidem*, p.5). Para além destes espaços de circulação, na extremidade de ambos, um terraço comum era oferecido a cada utilizador.

Os apartamentos tinham cinco tipologias (figura 108), em que o número de habitantes variava de cinco a catorze (figura 109), durante o evento Olímpico, pois, na cidade canadiana, optou-se por utilizar todos os compartimentos das casas para colocar camas para os atletas, incluindo salas e cozinhas, as quais eram finalizadas, com o objectivo de serem vendidas ao utilizador permanente, após o término dos Jogos.

Este projecto pelos seus conceitos inovadores, tanto para o país como para o evento Olímpico, representou a condensação de vários programas dentro de uma mega-estrutura, que nem devido à catástrofe urbana que se adivinhava, devido à derrapagem orçamental, deixou de apresentar novas conclusões quanto ao modo de habitar e à relação existente entre um edifício e o meio urbano onde ele se insere.

Moscovo 1980

Desde 1945 que o mundo vivia sob a ameaça constante do armamento nuclear. A este período de tempo deu-se o nome de Guerra Fria, em que, não havendo um confronto directo entre os Estados Unidos da América e a União Soviética⁶³, verificava-se um conflito ideológico, político e económico entre as duas superpotências.

⁶³ A União Soviética só se extinguiu em Dezembro de 1991, reconhecendo, nesse ano, a independência das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

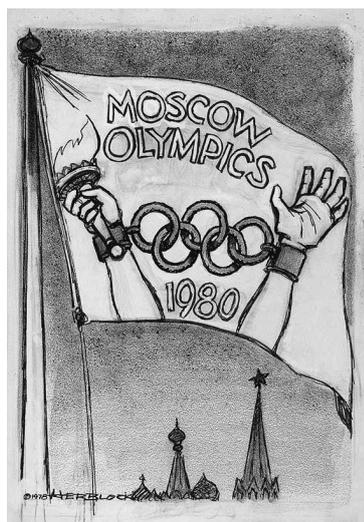


Figura 110 - Cartoon alusivo ao boicote decretado pelos EUA à participação nos Jogos Olímpicos.



Figura 111 - Típica paisagem das construções de habitação social soviética.

Figura 112 - Aldeia Olímpica de Moscovo.

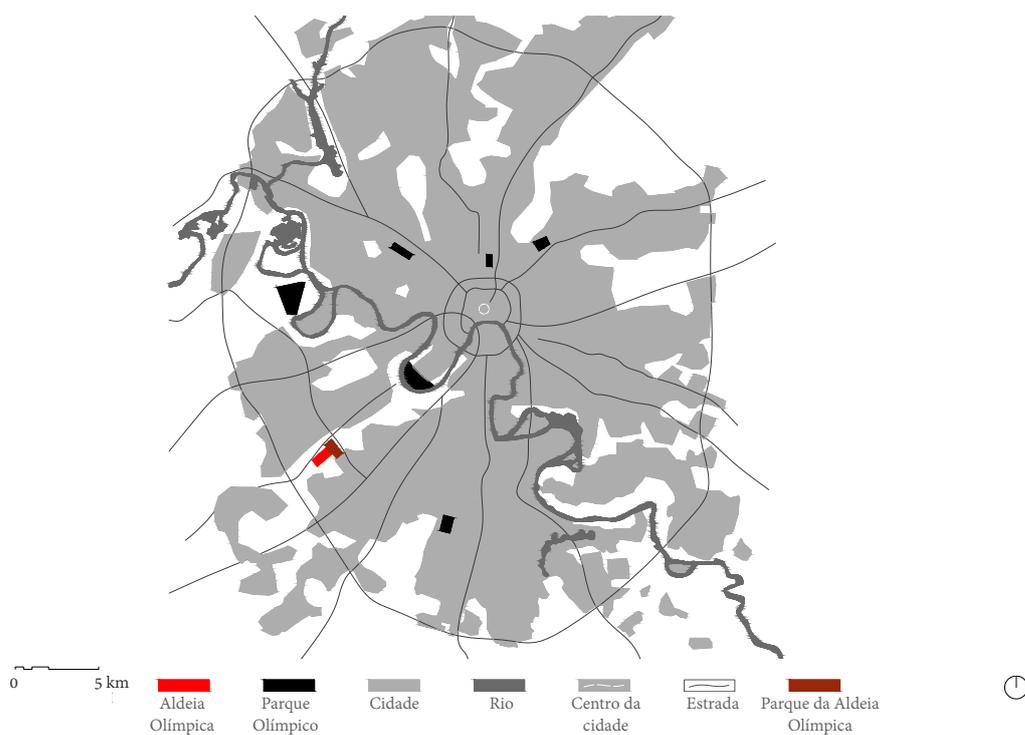


Figura 113 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Moscovo, em 1980.

Como anteriormente referido, a fronteira entre os Jogos Olímpicos e a política já não se constatava e, assim, a história do evento Olímpico ia-se escrevendo com diversos boicotes à participação, por motivos políticos, em que Moscovo não foi excepção (figura 110), representando uma grande quebra no número de nações participantes:

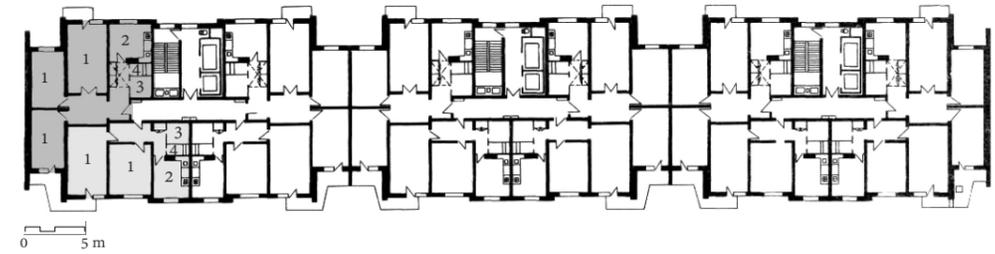
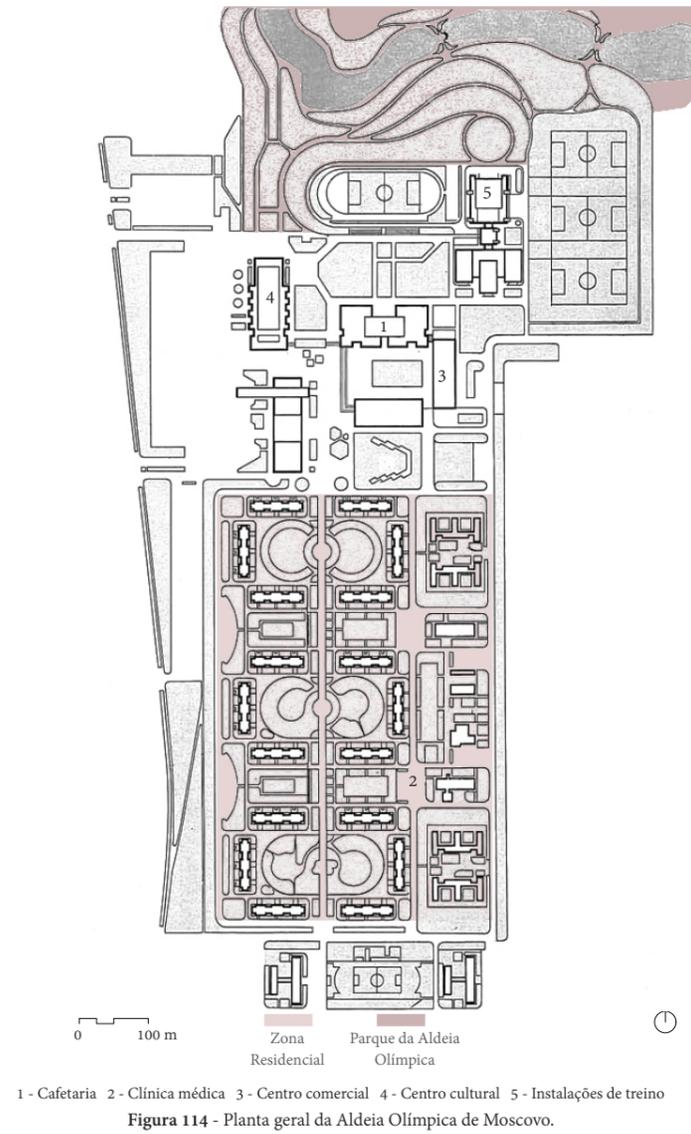
“Os Estados Unidos boicotaram os Jogos de 1980. Apontando a invasão do Afeganistão por parte das tropas soviéticas como causa directa da decisão. Jimmy Carter apelou ao mundo ocidental para não comparecer na festa olímpica. O pedido do presidente norte-americano foi ouvido pelos responsáveis de muitos países, pelo que em Moscovo’80 estiveram representados apenas 80 comités nacionais.”
(Redacção QuidNovi, 2004, p.150)

Este boicote não teve repercussões ao nível do planeamento do Comité Organizador, que rejeitou desde cedo a tendência de fazer edifícios com manutenção cara e uso abaixo do pretendido. Foi decidido inserir a Aldeia Olímpica nos planos de desenvolvimento social da cidade, como se tinha vindo a recorrer em casos anteriores. Neste caso, aplicaram-se ideais do movimento moderno com as típicas paisagens pré-fabricadas do pós-guerra soviético (Muñoz, 1997, p.41) (figura 111), através da fusão da ilusão de ter vãos horizontais com uma arquitectura muito severa e que aparenta multiplicar-se numa grande área de terreno (figura 112).

Esta intenção reproduziu-se na divisão do Parque Olímpico por seis zonas distintas da cidade, que continham pavilhões desportivos (figura 113). Deste modo houve uma intervenção generalizada pela cidade, renovaram-se aeroportos, edifícios históricos, plantaram-se árvores e construíram-se novos hotéis, cafés e restaurantes. A Aldeia Olímpica, constituindo uma sétima zona do programa, ficou localizada a 10 quilómetros do Estádio Olímpico, num terreno com 107 ha.

O local, a 13,5 quilómetros a Sudoeste da cidade, ao longo da avenida Michurinsky, teve como factores para a sua escolha a opinião dos arquitectos moscovitas, que tinham como objectivo criar um bairro auto-sustentável, com infra-estruturas de treino e culturais e factores ambientais, considerando que a “[...] ausência de qualquer tipo de indústria, o ar limpo e as grandes quantidades de vegetação [...]”⁶⁴ (International Olympic Committee, 2017, p.41) eram necessários para uma boa qualidade de vida.

⁶⁴ Tradução do autor da citação original: “[...] absence of any form of industry, the clean air and the large amounts of vegetation [were all important criteria in this choice of location.]” (International Olympic Committee, 2017, p.41).



1 - Quarto 2 - Cozinha 3 - Casa-de-banho 4 - Instalações sanitárias

Figura 116 - Planta de um dos blocos de habitação.



Figura 117- Interior das habitações: *hall* de entrada (esq.) e quarto duplo (dir.).



Figura 118- Parque da Aldeia Olímpica em primeiro plano, adjacente às instalações de treino.

O desenho de implantação urbana da Aldeia era bastante reticulado e claro na separação entre habitação, serviços e treino (figura 114). Os blocos de residências agrupavam-se em três conjuntos de seis, configurando, no meio deles, uma área exterior (figura 115). Dois dos blocos eram destinados às atletas femininas, que, apesar de não estarem separadas por uma vedação e a entrada nos blocos ser directa, precisavam de cumprir certas formalidades na entrada.

Nos edifícios foram utilizadas secções pré-fabricadas para acelerar o processo de construção. Tinham dezasseis pisos, sendo que o primeiro e último eram utilizados para escritórios e serviços e nos restantes verificamos, através da planta (figura 116), que cada bloco era composto por três secções, bem definidas pela depressão na fachada, tendo, cada uma, uma ligação vertical própria que servia quatro apartamentos. Duas das unidades de habitação (figura 117) tinham dois quartos e as outras duas tinham três, todas continham o chuveiro separado das instalações sanitárias.

Nos equipamentos disponibilizados aos atletas, foi dado destaque à cultura, através do centro cultural, com salas de concertos, teatro, cinema, salão de música e salas de leitura. Novamente, diversas intervenções paisagistas foram realizadas por um Comité Organizador, de modo a transformar uma área de pântano em zona recreativa perto do rio, a Nordeste do complexo (figura 118):

“As características do terreno foram utilizadas para providenciar uma cascata de lagos com delicadas pontes e estações de barcos. Árvores e arbustos foram plantados e passagens colocadas em diferentes direcções.”⁶⁵ (Organising Committee of the 1980 Olympic Games in Moscow, 1981, p.135)

Com a ambição de ser o mais eficiente possível no aproveitamento das infra-estruturas no pós-evento, Moscovo produziu uma arquitectura sem grandes inovações nas respostas arquitectónicas aos programas do evento Olímpico. É possível concluir que Moscovo acaba por sintetizar temas de *Catalisadoras*, pois a Aldeia foi inserida em programas de expansão da cidade, com os temas de *Condensadoras*, mesmo que se destaque em relação às Aldeias dos anos setenta, por ter apenas parte dos serviços no complexo.

⁶⁵ Tradução do autor da citação original: “The features of the terrain were utilised to arrange a cascade of ponds with delicate bridges and boat stations. Trees and shrubs were planted and walkways laid in different directions.” (Organising Committee of the 1980 Olympic Games in Moscow, 1981, p.135).

Conclusão sobre as Aldeias Condensadoras

O sub-capítulo *Condensadoras*, como visto anteriormente, surge numa fase em que as cidades se estavam a expandir de forma vertiginosa, tornando-as pouco sustentáveis para os cidadãos e, assim, os arquitectos e a sociedade em geral procuravam novas formas de habitar.

As Aldeias Olímpicas focaram-se nos serviços disponibilizados aos atletas residentes durante as competições, integrando-os com os blocos residenciais, que até aí se desenvolviam isoladamente. Estas obras tinham o intuito de se tornarem núcleos recreativos e desportivos para a população, porém adaptaram-se melhor ao utilizador temporário do que ao permanente, dada a sua monumentalidade: “[...] tinham servido os atletas bem num sentido funcional, mas a maioria tinha como objectivo ser excepcional”⁶⁶ (Sainsbury, 2016, p.192), o que acabou por ter impacto menos positivo na interacção com o indivíduo-cidadão.

Esta tipologia retirava as funções próprias da cidade, para condensá-las dentro de um edifício, o que, ao criar a ideia de um conjunto habitacional auto-sustentável, cortava a relação com o exterior, permitindo-nos olhar para os edifícios como modelos de micro-cidades:

“[...] a mega-estrutura era definida pela integração de serviços e instalações, juntando as funções do espaço urbano e, como resultado, tornava-a autónoma em relação ao meio que a envolve e não territorial.”⁶⁷ (Muñoz, 1997, p.42)

Na cidade da Baviera, a concentração das principais estruturas, de serviços e habitacionais, não era feita verticalmente, mas sim horizontalmente através dos edifícios em corrente e da plataforma elevada dos pedestres, que iam conectando, desta forma, as piscinas, as lojas, o centro religioso e o restaurante. Já Montreal condensou todo o programa da zona residencial Olímpica verticalmente num único edifício, onde os pisos dos serviços congregavam o complexo num só e depois os blocos residenciais destacavam-se das plataformas térreas. Por último, o que faz de Moscovo condensador foi a inclusão de escritórios e parte dos serviços no primeiro e no último pisos.

⁶⁶ Tradução do autor da citação original: “[...] they had served the athletes well in a functional sense, but most had aimed to be outstanding.” (Sainsbury, 2016, p.192).

⁶⁷ Tradução do autor da citação original: “[...] the mega-structure was defined by the integration of services and facilities, joining functions from urban space and, as a result, becoming autonomous in relation to the environment and aterritoriality.” (Muñoz, 1997, p.42).

As residências Olímpicas dos temas anteriores tinham introduzido o conceito do espaço verde como prolongamento do interior das habitações. Por sua vez, nas que aqui são consideradas como *Condensadoras* existe uma valorização das áreas verdes oferecidas através do desenvolvimento dos Parques das Aldeias Olímpicas. Ainda que Berlim e Tóquio tenham trabalhado a Aldeia num plano de fundo semelhante, aqui houve uma separação efectiva entre as duas zonas, com o propósito de conceber zonas dedicadas ao lazer para a população, mesmo que para isso tivessem a necessidade de modelar o terreno. Em Munique, o Parque estava integrado no Parque Olímpico, no qual a zona residencial o absorvia de forma a criar harmonia projectual no conjunto, já em Montreal e Moscovo, ambos os espaços encontravam-se no mesmo lote da Aldeia Olímpica, a Noroeste e Nordeste, respectivamente.

Em virtude do propósito de alojar os cidadãos após o evento, o sector público assumia financeiramente os processos iniciais destas propostas e, posteriormente, entregava a iniciativa a concessões privadas com fundos públicos. No caso particular dos Jogos russos, o financiamento partiu do Estado Comunista, que suportou todo o processo de construção.

Este novo formato de viver o espaço urbano – a mega-estrutura – começou a sofrer uma decadência ao longo dos anos setenta, sendo um “[...] sintoma da crise formal da arquitetura moderna”⁶⁸ (Montaner, 2001, p.125) e este acontecimento é possível observar-se nestes três modelos de Aldeias Olímpicas na sua relação com o respectivo Parque Olímpico e na desagregação do bloco unitário de habitação e serviços.

Munique apresentou-nos um complexo residencial que, por meio de uma plataforma elevada conectava grande parte dos edifícios e, por sua vez, através de pontes, a Aldeia Olímpica era anexada ao Parque Olímpico, imediatamente a Sul da mesma. No caso de Montreal a zona residencial resumiu-se a um edifício com os serviços nos pisos térreos e o complexo desportivo a 800 metros. Já Moscovo entra num momento de transição, que apesar da presença de serviços nos blocos de habitação, estes já estavam fragmentados, assim como o Parque Olímpico, que se desenvolvia em seis zonas da cidade.

⁶⁸ Citado da edição em Português do Brasil.

Independentemente de se debater diversas vezes quanto ao sucesso destas Aldeias (Latouche, 2011, p.247), o facto é que, através da diversidade do desenho dos espaços, foi fácil a conversão dos serviços, dirigidos aos Jogos Olímpicos, em serviços para o quotidiano das populações e, por conseguinte, vieram oferecer importantes lições para os seguintes planeadores das Aldeias Olímpicas.

2.4. *Regeneradoras: Aldeia Olímpica como meio de regeneração da malha urbana existente*

Desde os anos setenta até ao final dos anos oitenta viveu-se um período de rápida disseminação das tecnologias e da informação nos países mais desenvolvidos, estávamos, portanto, perante o desenvolvimento da era da globalização da comunicação, que veio influenciar a forma com se vivia a cidade. Contudo o Homem começou a pôr em causa a sociedade dominada pela escala da máquina e enfrentava, deste modo, tempos de mudança, na procura por um novo movimento sociocultural e arquitectónico que o orientasse:

“Na sociedade pós-industrial houve a mudança da tecnologia mecânica dos motores para a tecnologia intelectual de informação, o conhecimento codificado e o microprocessamento. As infra-estruturas de comunicação são mais transcendentais que as de transporte e energia; os setores técnicos e profissionais são os setores que se convertem em cruciais.”⁶⁹ (Montaner, 2001, p.178)

O movimento pós-moderno surgiu como resposta a esta procura de conceitos tipológicos, porém, segundo Montaner (*ibidem*, p.178), este termo torna-se um pouco ambíguo quanto à escala em que ele intervém, considerando mais adequado “pós-industrial”, correspondendo a uma maior representatividade do sector terciário na sociedade.

Deste modo, o sub-capítulo *Regeneradoras* encara a reestruturação urbana como meio de planear o evento Olímpico e de intervir na cidade anfitriã, reabilitando-a. Os casos que analisaremos foram promotores destes princípios, tanto os de intervenção no tecido industrial, reabilitando-a, como o das tipologias das residências universitárias americanas, que alojaram os atletas Olímpicos.

Los Angeles 1984

O ano de 1984 marcou o regresso dos Jogos Olímpicos a um dos locais pioneiros do desenvolvimento das Aldeias Olímpicas, a cidade de Los Angeles. E associado a este retorno mais um acontecimento alimentou a tensão entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Cerca de um mês antes da cerimónia de abertura do evento Olímpico – no dia 11 de Junho de 1984 – houve um teste de armamento militar por parte dos americanos, o que, aliado ao

⁶⁹ Citado da edição em Português do Brasil.

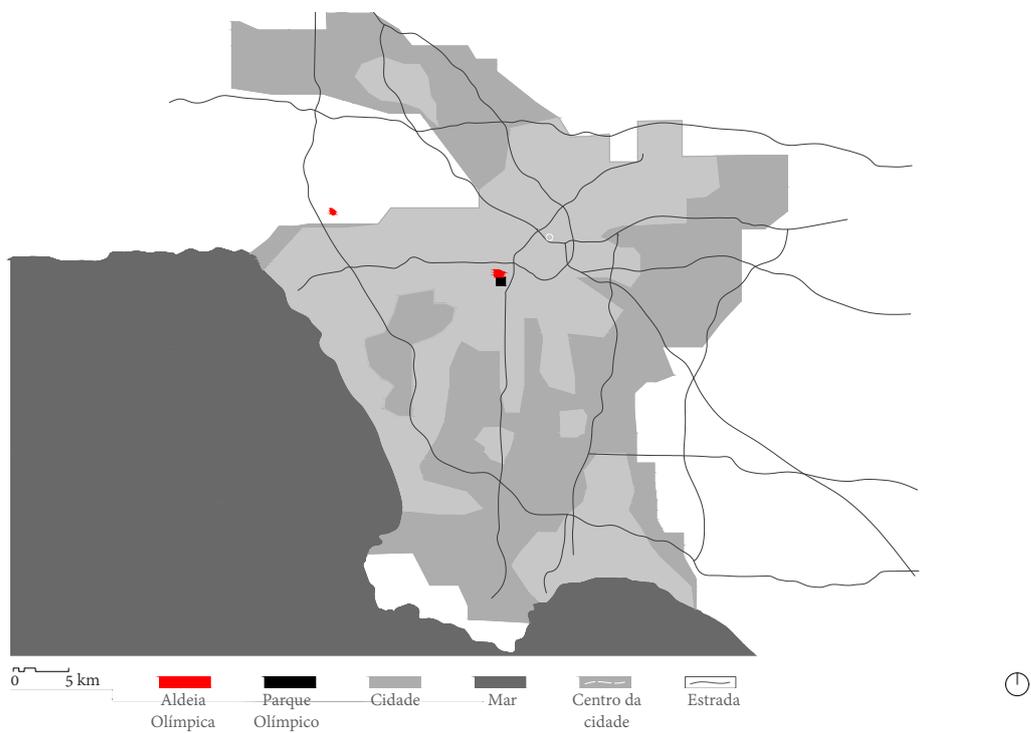


Figura 119 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Los Angeles, em 1984.

boicote imposto pelos mesmos aquando do evento realizado em solo russo, originou que a União Soviética e os países a ela ligados anunciassem um boicote aos Jogos desse ano, alegando que havia falta de segurança para a sua participação na prova (Gold & Gold, 2016, p.46).

A economia americana estava em alta, por causa “[...] de um grande endividamento federal, crescia ao ritmo impressionante de 6,8% num ano, o dólar atingia cotações recorde e a inflação era a mais baixa desde 1967” (Redacção QuidNovi, 2004, p.158). Porém, nem mesmo com estes valores históricos, o Comité Organizador recebeu fundos do governo americano e, em função disso, optou por utilizar recursos habitacionais existentes.

Aproveitando a ausência dos alunos no período de Verão, foram celebrados acordos com três universidades locais – a Universidade do Sul da Califórnia (USC), Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara (UCSB) – pelo facto destes complexos já acolherem outros eventos, tanto desportivos como conferências, pois continham serviços essenciais para a estadia e dispunham de espaços públicos.

Perante isto, os alojamentos estavam caracterizados pela dispersão na cidade californiana (figura 119). A USC encontrava-se no coração da cidade – a 3,8 quilómetros da Baixa – e adjacente ao Parque Olímpico, que se encontrava a menos de 1 quilómetro. A UCLA estabelecia-se a cerca de 15 quilómetros do complexo desportivo e a 18,5 quilómetros do centro urbano. Apesar de ser redutor chamar aldeia-satélite à UCSB, visto dispor das mesmas comodidades que as restantes duas universidades – o que não se sucedia com os casos anteriores –, esta estava a aproximadamente 160 quilómetros a Norte de Los Angeles, sendo utilizada pelos atletas de remo e canoagem. Por estes motivos, não iremos abordá-la, em termos de análise, com o intuito de manter a homogeneidade do nosso discurso.

A utilização temporária de infra-estruturas já existentes espalhadas pela cidade promoviam no seu utilizador alguma falta de intimidade com o espaço habitado (Gold & Gold, 2016, p.47). Numa tentativa de colmatar essa carência, oferecendo um sentimento de continuidade aos espaços arquitectónicos, o Comité Organizador decidiu relacionar todos os complexos, tanto desportivos como habitacionais, através do design, proporcionando um carácter único a estes Jogos.



Figura 120- Estruturas efémeras que conectavam todos os recintos dos Jogos Olímpicos.



Figura 121- Pórticos a marcar a entrada nas Aldeias Olímpicas.

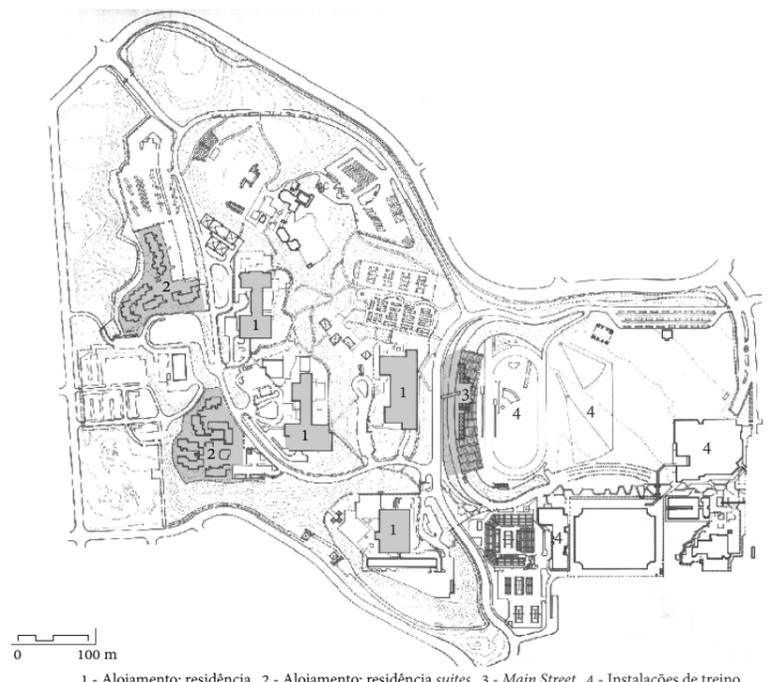


Figura 122 - Discoteca e cafetaria edificadas na UCLA.



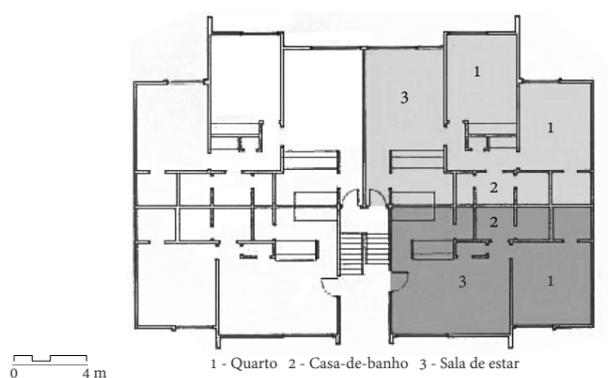
1 - Alojamento: apartamento 2 - Alojamento: residência 3 - Main Street 4 - Instalações de treino

Figura 123 - Planta geral da Aldeia Olímpica na USC, Los Angeles.



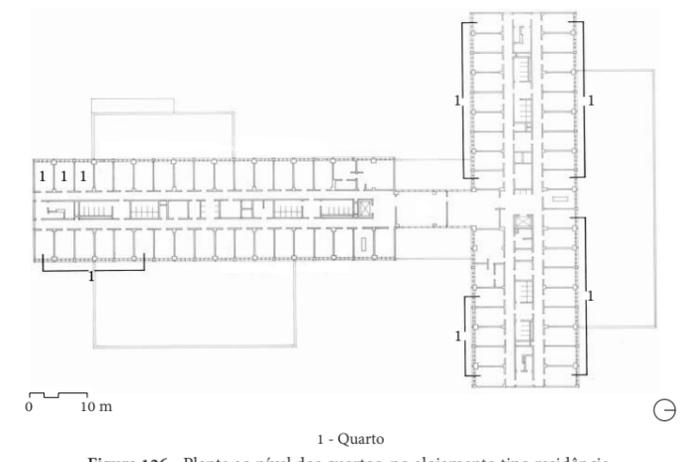
1 - Alojamento: residência 2 - Alojamento: residência suites 3 - Main Street 4 - Instalações de treino

Figura 125 - Planta geral da Aldeia Olímpica na UCLA, Los Angeles.



1 - Quarto 2 - Casa-de-banho 3 - Sala de estar

Figura 124 - Planta ao nível dos quartos, no alojamento tipo apartamento.



1 - Quarto

Figura 126 - Planta ao nível dos quartos, no alojamento tipo residência.

A imagem foi criada pela designer Deborah Sussman com materiais de baixo custo – andaimes, tendas, estandartes de *nylon* e peças de cartão – que, através da composição das cores, remetiam para os ambientes mediterrânicos dos Jogos Olímpicos da Antiguidade (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.192). Esta paleta de cores tinha a dupla função de criar um ambiente festivo ao espectador televisivo e destacar visualmente estruturas temporárias erigidas para o utilizador local. Dentro deste conjunto de instalações destacavam-se as torres e pórticos de entrada, que delimitavam os perímetros das Aldeias Olímpicas (figura 120 e 121) e a utilização dos andaimes, na bancada do estádio da UCLA, para alojar a discoteca e a cafetaria da área residencial (figura 122). Esta foi uma alternativa acessível encontrada para substituir os edifícios permanentes que seriam somente usados durante a realização das provas.

Em termos de implantação urbana, a USC, dada a sua localização mais central relativamente à cidade, “[...] é compacta e de carácter urbano, enquanto que a UCLA é mais parecida com um parque” ⁷⁰ (*ibidem*, p.171), desta maneira havia uma proximidade entre as habitações e os edifícios do campus da USC, o que permitia o movimento livre de pedestre e veículos de serviços, ao passo que no outro campus havia uma separação dos dois programas, incidindo a intervenção urbanística essencialmente no melhoramento paisagístico e dos acessos às residências (*ibidem*).

A Aldeia instalada na USC (figura 123) dispunha de 20 hectares de área e os blocos habitacionais, com capacidade para 7000 habitantes, eram constituídos por dois tipos de alojamentos: residências com salas de convívio externas aos edifícios e complexos de apartamentos (figura 124) com um, dois ou quatro quartos. Na UCLA (figura 125) eram disponibilizados quatro edifícios com oito pisos, havia, em cada um, um corpo central com instalações sanitárias e acessos, ladeado por dois corredores que davam acesso aos quartos (figura 126). Estavam disponíveis ainda dois grupos de residências com diversos edifícios, que alojavam oito atletas em cada unidade. Em ambas as universidades, certos edifícios sofreram adaptações mínimas de carácter temporário, consistindo muitas vezes apenas numa compartimentação dos espaços para responder ao programa pretendido, de forma mais eficiente.

⁷⁰ Tradução do autor da citação original: “[The campus of the University of Southern California] is compact and urban in character, whereas UCLA’s is more park-like.” (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.171).

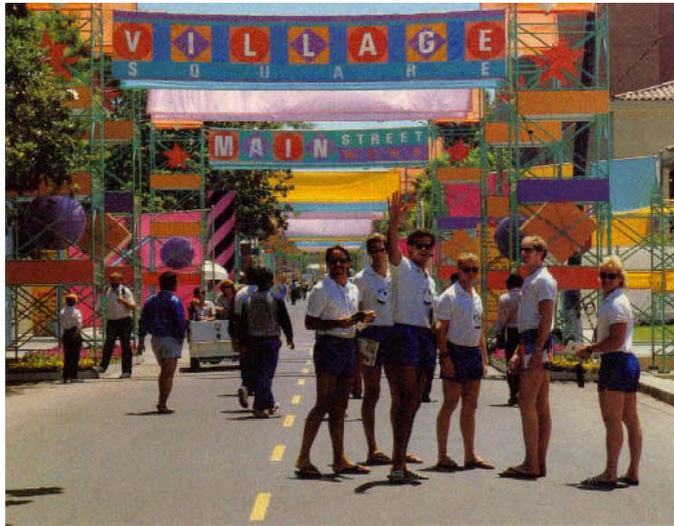


Figura 127 - *Main Street* na USC.



Figura 128 - Tradicionais casas coreanas - *Hanoks*.

Em Los Angeles, não foi planeada nenhuma zona internacional, em vez disso uma rua de cada Aldeia foi adaptada com serviços e lojas de conveniência, tornando-se a *Main Street* (figura 127). Ambas eram localizadas no coração da respectiva universidade, a USC tinha ainda a *Village Square* e a *Main Street* da UCLA foi igualmente edificada com andaimes coloridos e encontrava-se conectada à discoteca, anteriormente referida, através de uma ponte criada com os mesmos materiais efémeros.

Após o fim das provas Olímpicas procedeu-se à desmontagem das estruturas efémeras e concluiu-se que estas, aliadas ao facto das universidades conterem os alojamentos e serviços, constituíram uma boa solução, representando lucro para os organizadores, no fim. Esta solução mostrou ao Movimento Olímpico que era possível, investindo só o essencial, tirar partido da organização deste festival desportivo, depois de nos anos anteriores ter-se destacado o oposto.

Seul 1988

Após quase meio século de polarização político-económica do planeta por parte da fracção capitalista e da comunista, o conflito aparentava ter um fim à vista. Seul marcou o fim dos boicotes em grande escala, que vinham a ameaçar o movimento Olímpico, por se sobrepor, em grande medida, aos ideais dos Jogos Olímpicos (Redacção QuidNovi, 2004, p.166). Importa mencionar que, apesar da abertura ao diálogo com alguns países não aliados, a crescente tensão com a República Popular Democrática da Coreia obrigava a medidas de segurança suplementares nos Jogos Olímpicos. (Gold & Gold, 2016, p.48).

A cidade de Seul, como consequência da Segunda Guerra Mundial e até à década de oitenta, tinha vindo a acumular diversos problemas urbanos, dos quais se destacavam o crescimento explosivo da população, o congestionamento do tráfego e consequente poluição ambiental e os assentamentos não autorizados devido à expansão. A realização do evento Olímpico previsto era a oportunidade de rever as leis de planeamento urbano com o objectivo de regenerar a malha urbana da cidade.

Para tal, a metrópole anfitriã optou por demolir favelas e parte das tradicionais casas coreanas – *hanoks* (figura 128) – para construir condomínios contemporâneos para um extracto social mais alto da cidade, na qual se incluía, igualmente, o programa Olímpico, medida que provocou

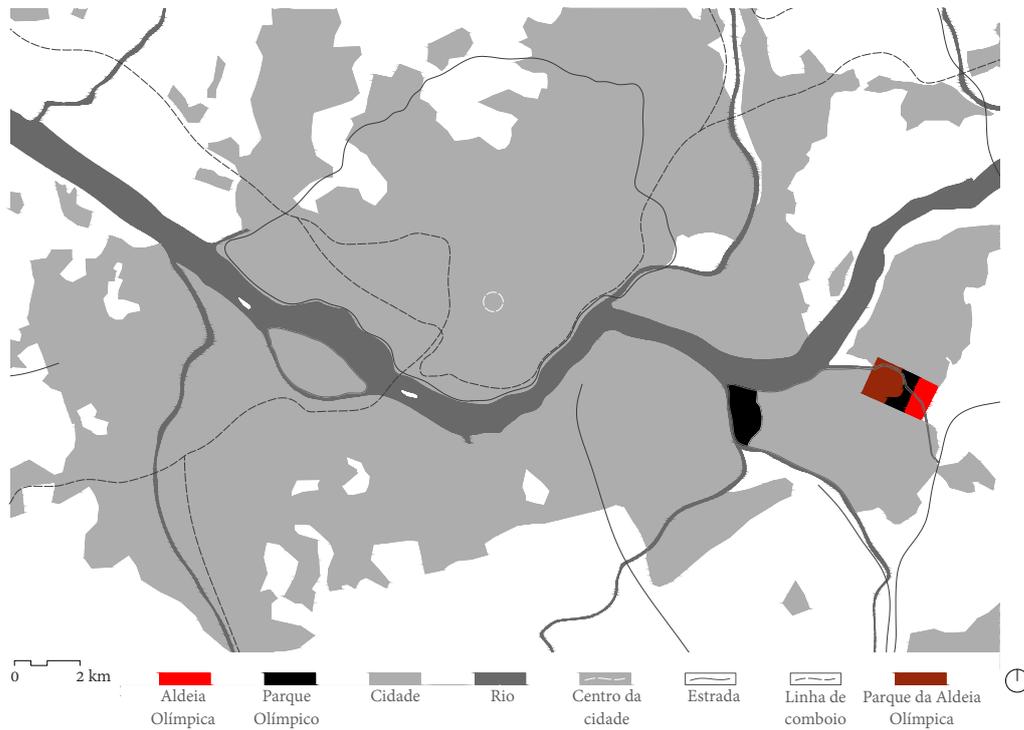


Figura 129 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Seul, em 1988.



Figura 130 - Vista do Parque da Aldeia Olímpica [actualmente].

bastante contestação dos habitantes e “[...] críticas internacionais por prestar mais atenção à forma urbana do que ao custo social.”⁷¹ (Gold & Gold, 2016, p.49). Não obstante terem sido implementados programas de requalificação de monumentos históricos e de melhoramento das ruas e dos espaços verdes, o facto é que a falta de habitação em Seul tornou-se um negócio rentável, acabando por transformar completamente a imagem da cidade. Se inicialmente a estrutura urbana era tradicional, após os Jogos tinha um cariz contemporâneo:

“[...] os Jogos envolveram uma abordagem decisiva para o crescimento urbano, mesmo que o crescimento fosse realizado dentro dos limites da própria cidade, substituindo o tecido urbano primário existente. O crescimento residencial fornecido pelas Aldeias Olímpicas foi excentricamente localizado, fortalecendo e desenvolvendo áreas relativamente suburbanas, ao mesmo tempo, produzindo um intenso processo de reabilitação do uso da terra em toda a cidade, o que basicamente afectou as infra-estruturas rodoviárias e de transporte.”⁷² (Millet, 1997, p.128)

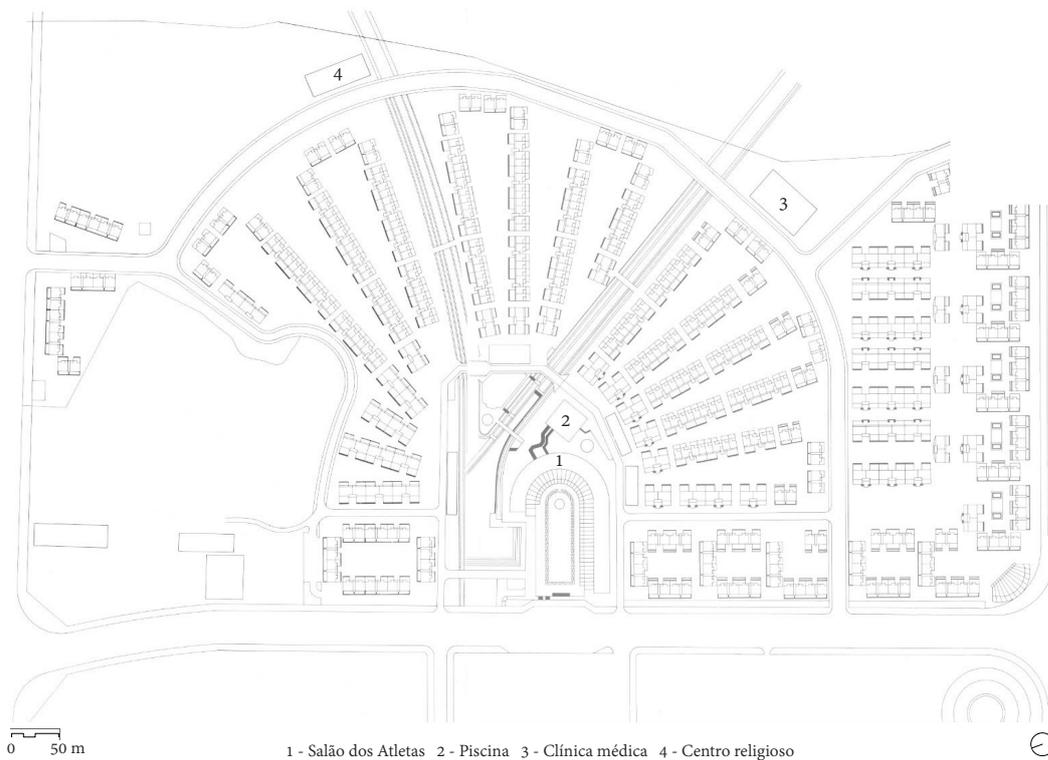
A área residencial foi implantada a 14 quilómetros a Sudeste da cidade (figura 129), na zona de Jamsil, numa região com problemas ambientais e facilmente inundável pelo rio Han. Adjacente a ela foi desenhada uma zona verde, que incorporava parte das infra-estruturas desportivas, ficando as restantes – o Estádio Olímpico incluído – a 5 quilómetros a Oeste. Em Setembro desse mesmo ano, o jornal *Washington Post*, descreve o local como sendo bem concebido e agradável (figura 130), com a sua lagoa que se prolongava por canais desde a Aldeia, e os trilhos que permitiam ao seu utilizador andar pelas colinas arborizadas, mesmo não havendo eventos desportivos (Forgey, 1988). Durante a construção do Parque constatou-se que as colinas na verdade faziam parte de um forte de terra – *Mongchontoseong* – com cerca de 1700 anos.

Os blocos habitacionais, da autoria de Kyu Sung Woo, “[...] estão esplendidamente distribuídos e ajardinados.”⁷³ (*ibidem*). Desenvolvem-se radialmente a partir da galeria central do

⁷¹ Tradução do autor da citação original: “[...] international criticism for paying greater attention to urban form than social cost.” (Gold & Gold, 2016, p.49).

⁷² Tradução do autor da citação original: “[...] the Games involved a decided approach to urban growth even if growth were to take place within the boundaries of the city itself by replacing the existing primary urban fabric. Residential growth provided by the Olympic Villages was eccentrically located, thus strengthening and developing relatively suburban areas yet, at the same time, producing an intense process of land-use re-qualification throughout the city which basically affected the road and transportation infrastructures.” (Millet, 1997, p.128).

⁷³ Tradução do autor da citação original: “[Whatever the merits or demerits of their individual buildings, both complexes] are splendidly laid out and landscaped.” (Forgey, 1988).



1 - Salão dos Atletas 2 - Piscina 3 - Clínica médica 4 - Centro religioso
Figura 131 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Seul.



Figura 132 - Atletas neozelandeses a observar a Aldeia Olímpica.



Figura 133 - Salão dos Atletas no centro do complexo residencial.

projecto – o Salão dos Atletas –, adaptando-se de forma perfeita à forma ligeiramente côncava do terreno (figura 131). Dos 122 edifícios construídos, somente 86 foram incorporados no programa Olímpico. As suas alturas aumentavam progressivamente a partir do centro, começando em seis pisos, indo até ao perímetro com vinte e quatro pisos. Tal planeamento urbano disponibilizava, às unidades de apartamentos, vistas para as montanhas e a criação de dinâmicas volumétricas no complexo (*ibidem*) (figura 132). Estes temas representavam ideais tradicionais do país na forma de pensar arquitectura, como a procura de “tranquilidade e a elegância modesta”⁷⁴ (Brandizzi citado por Muñoz, 1997, p.42).

Com o fim de evitar conflitos, o Comité Organizador optou por separar os atletas por raça, língua, costumes, religião e ideais políticos. Havia sete tipologias diferentes de habitação, com capacidade para acolher entre cinco a dezasseis pessoas.

O Salão dos Atletas (figura 133), com as paredes e tecto de vidro, remetia para os primeiros pavilhões das Exposições Universais, o que faziam dele um edifício com características intrínsecas ao ambiente festivo dos Jogos Olímpicos (Seoul Olympic Organizing Committee, 1989, p.570). Ao alojar grande parte dos serviços, permitia fácil acesso aos atletas, à excepção do centro religioso que se encontrava mais isolado, na periferia da zona residencial, criando um ambiente mais calmo e de recolhimento.

Após o fim do evento desportivo, foram retiradas estruturas temporárias que tinham sido utilizadas para compartimentar o espaço interior das habitações que foram vendidas antes do começo dos Jogos, para assim as devolver no seu estado original. Esta foi uma intervenção que estimulou a regeneração das frentes de água, assim como acontecerá em Barcelona.

Barcelona 1992

A cidade catalã, após libertar-se das muralhas da cidade medieval, edificou pela planície quarteirões, com a mesma cêrcea e cantos chanfrados, seguindo o projecto reticulado feito por Ildefons Cerdà, em 1859. Foi criado um conjunto de regras que permitiram que os quarteirões

⁷⁴ Tradução do autor da citação original: “[... the Korean architectural tradition, based on values like] tranquillity and modest elegance [...]” (Brandizzi citado por Muñoz, 1997, p.42).



Figura 134 - Bairro do Somorrostro, na zona da Aldeia Olímpica, antes da intervenção .



Figura 135 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Barcelona, em 1992.

fossem fechados, consistindo num tipo de urbanismo reformista e não progressista, visto que os pátios interiores eram privados.

Apesar da homogeneidade do conjunto construído, diferenças sociais apareciam à medida que nos deslocávamos para a periferia, na qual o sector industrial proliferou no final do século XIX, estabelecendo aí habitações operárias e a implantação de meios de transporte – caminhos-de-ferro e portos marítimos – para as servirem. Já na segunda metade do século XX, quando Espanha vivia sob o regime Franquista, assistiu-se a uma rápida migração da população rural para o meio urbano, o que levou Barcelona a enfrentar uma crise no seu modelo de crescimento urbano, com o surgimento de habitações de baixo custo e bairros de lata (Nel.lo, 1999, p.46) (figura 134).

Esta negligência do regime sobre a malha urbana, aliada à crise industrial e consequente abandono das instalações, que ocorreram após o falecimento de Franco, em 1975, provocaram profundas transformações sociais e políticas no modo de pensar a cidade. As intervenções concentraram-se na remodelação e criação de novos espaços públicos, como jardins, parques, praças e avenidas, inicialmente no centro histórico e, posteriormente, nas zonas periféricas. Havia necessidade de consolidar a cidade e recuperar os elementos de pequena escala, que as gerações anteriores tinham ignorado, para assim criar dinâmicas de valorização da malha urbana e da sociedade: “É fundamental entender que melhorar espaços públicos é relevante para resolver problemas sociais e económicos.”⁷⁵ (Maragall citado por Monclús, 2011, pp.274-275).

Barcelona foi a anfitriã dos Jogos Olímpicos, em 1992, dos quais resultaram propostas profundas para intervenção na cidade, porém esta não foi a primeira vez que se recorreu a eventos internacionais para intervir em grande escala na urbe. Em 1888, com a Exposição Universal projectou-se o *Parc de la Ciutadella*, a Este do centro medieval, e em 1929, através da Exposição Internacional, o conjunto urbano de *Montjuïc*, a Oeste.

Deste modo, quatro zonas da cidade foram cirurgicamente escolhidas para serem intervencionadas e acolherem programas Olímpicos, uma delas era a Aldeia Olímpica (figura 135). Como resultado foi necessário proceder a melhoramentos nos transportes e foi dado ênfase

⁷⁵Tradução do autor da citação original: “It is critical to understand that improving public spaces is relevant to solving social and economic problems.” (Maragall citado por Monclús, 2011, pp.274-275).



Figura 136 - Cofragem das colunas do *Cinturón de Ronda* durante a sua construção.



Figura 137 - Demolição das naves da fábrica Motor Ibérica, em 1988.

ao transporte privado com a construção da via circular à cidade – *El Cinturón de Ronda* (figura 136). Este era um projecto que, apesar de indispensável para os Jogos, já estava planeado há muito tempo e o evento Olímpico só veio acelerar o processo (Monclús, 2011, p.283).

A Aldeia Olímpica foi implantada numa área de 72 hectares, entre o *Parc de la Ciutadella* e o bairro *Poblenou*. Esta região, que atravessava um processo de desindustrialização, depois de ter constituído um dos maiores núcleos fabris da capital catalã, no final do século XIX, estava separada da cidade e do mar por duas linhas de caminho-de-ferro, o que propiciava a propagação da poluição ao longo da costa (*ibidem*, p.279). Procedeu-se à demolição de edifícios de diversas empresas e habitações (figura 137) com o objectivo de se criar um novo bairro para a cidade e de regenerar a frente de mar da Aldeia, transmitindo essa ideia ao restante litoral.

Este projecto representava uma consequência do urbanismo pontual dos espaços públicos, porém a uma escala maior (Bohigas, 1992, p.9). A extensão da malha de Cerdà era o melhor plano para a estabilização do tecido urbano, porém com adaptações ao panorama moderno das *supermanzanas*⁷⁶, construindo um bairro com carácter multifuncional:

“No caso concreto da arquitetura catalã, o realismo proporcionava: a fidelidade com a situação tecnológica real do lugar, a vontade de serviços com as necessidades sociais e a reconsideração da cidade como um conjunto portador de qualidades que se manifestam na sua estrutura tradicional de ruas, praças e quarteirões.”⁷⁷
(Montaner, 2001, p.108)

A equipa de arquitectos – Josep Martorell, Oriol Bohigas, David Mackay, Josep Puigdomènech –, incumbida do plano urbano, pretendia aplicar um tipo de urbanismo fechado “[...] que proporcionasse a segurança dos quarteirões históricos de Cerdà e se abrissem ao mesmo tempo para revelar os interiores [...]”⁷⁸ (Ingersoll, 1992, p.26). Com isto os pátios criados pelo edificado não eram coerentes, nem com as intervenções de pequena escala que tinham sido feitas anos antes na cidade, por terem, na sua maioria, “[...] colonizado e privatizado espaços com clara

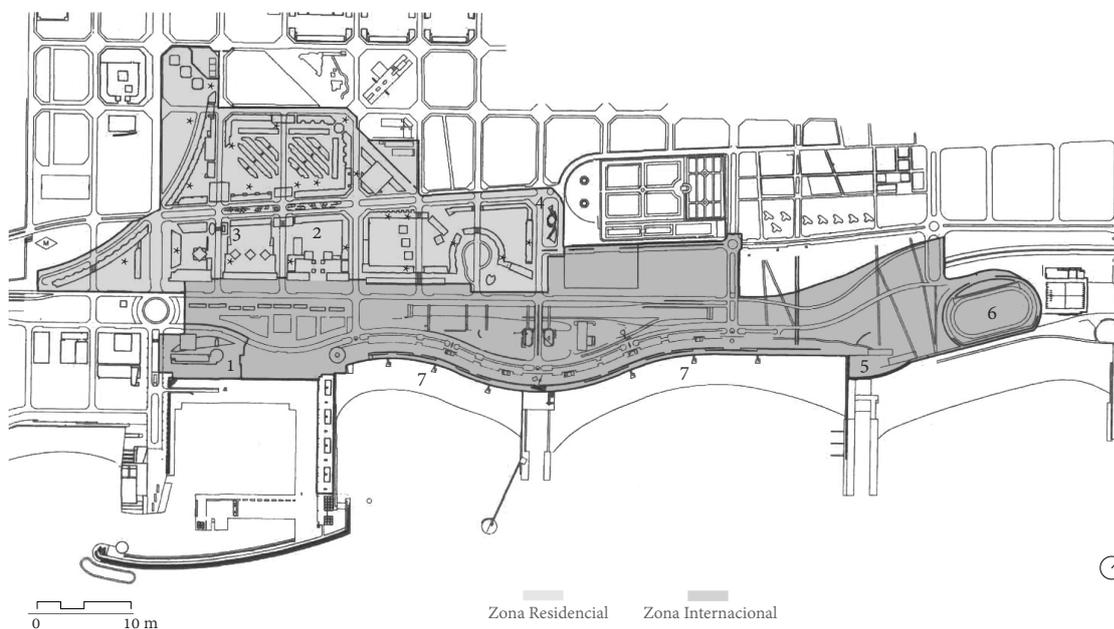
⁷⁶ *Manzana* é uma expressão espanhola que define o quarteirão. Por sua vez, a *supermanzana* de Barcelona compreende um conjunto de nove unidades de quarteirões do plano de Cerdà, atravessadas por ruas secundárias no seu interior.

⁷⁷ Citado da edição em Português do Brasil.

⁷⁸ Tradução do autor da citação original: “[En teoría, Bohigas quería producir en la Villa Olímpica un urbanismo que fuera simultáneamente abierto y cerrado:] que proporcionara la seguridad de las manzanas históricas de Cerdà y se abriera al mismo tiempo para revelar los interiores [...]” (Ingersoll, 1992, p.26).



Figura 138 - Blocos de habitação com o tijolo como revestimento comum.



* - Centro de residentes 1 - Centro de recepção 2 - Centro comercial e restaurante principal 3 - Policlínica 4 - Centro religioso
 5 - Discoteca 6 - Pista de atletismo 7 - Praias

Figura 139 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Barcelona.



Figura 140 - Vista aérea de parte do complexo residencial Olímpico.

vocação pública”⁷⁹ (Solà-Morales, 1992, p.31), nem com o estilo de vida actual, pois procuravam uma linguagem histórica nos equipamentos arquitectónicos.

O complexo residencial, que se situava a 1,5 quilómetros do centro da cidade e 4,5 quilómetros do Estádio Olímpico, foi projectado com base em duas decisões antagónicas. Por um lado, procurou-se encontrar uma homogeneidade no conjunto através: da utilização do tijolo (figura 138) – numa referência clara ao passado industrial –, da definição da mesma cércea; o primeiro piso era dedicado aos serviços; os espaços entre os edifícios eram dedicados ao relaxamento e as varandas não passavam a demarcação vertical das fachadas. Por outro lado, pretendia-se quebrar a monotonia arquitectónica de um sector habitacional com capacidade para 14000 pessoas e, por isso, diversos arquitectos, vencedores do prémio FAD, projectaram as habitações Olímpicas.

Os arquitectos fizeram adaptações urbanas à *manzana* de Cerdà (figura 139 e 140). Desde os edifícios avançarem por cima da estrada e alicerçarem-se em dois quarteirões, passando pelas diferentes reinterpretações da esquina original, até à materialização física das morfologias das ruas pré-existentes, os edifícios demonstram as “[...] tipologias residenciais modernas e de maior liberdade compositiva [...]”⁸⁰ (Bohigas, 1992, p.10) que estes dispunham.

Sendo que, anteriormente, as despesas ficavam a cargo de cada comité participante, em 1991, o COI alterou a Carta Olímpica ficando o total de gastos sob a responsabilidade do Comité Organizador:

“O COJO [Comité Organizador para os Jogos Olímpicos] deve suportar todas as despesas administrativas e de alojamento dos competidores, funcionários da equipa e outros funcionários da equipa na Aldeia Olímpica, bem como as despesas de transporte local.”⁸¹ (International Olympic Committee, 1991, p.42)

Consequentemente, pela primeira vez a estadia na zona residencial era gratuita para os atletas. Cada unidade alojava entre dois a doze desportistas e as cozinhas e lavandarias dos apartamentos não estavam acessíveis, porque esses dois serviços estavam disponíveis vinte e quatro horas por

⁷⁹ Tradução do autor da citação original: “[sorprende esta propuesta que] coloniza y privatiza espacios com clara vocación pública.” (Solà-Morales, 1992, p.31).

⁸⁰ Tradução do autor da citação original: “[...] tipologías residenciales modernas y de mayor libertad compositiva [...]” (Bohigas, 1992, p.10).

⁸¹ Tradução do autor da citação original: “The OCOG shall bear all expenses for board and lodging of competitors, team officials and other team personnel in the Olympic Village, as well as their local transportation expenses.” (International Olympic Committee, 1991, p.42).

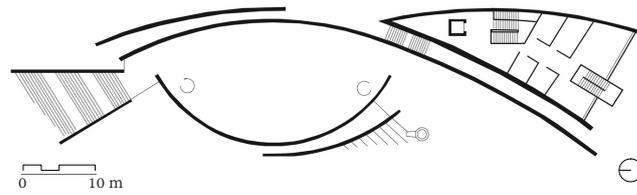
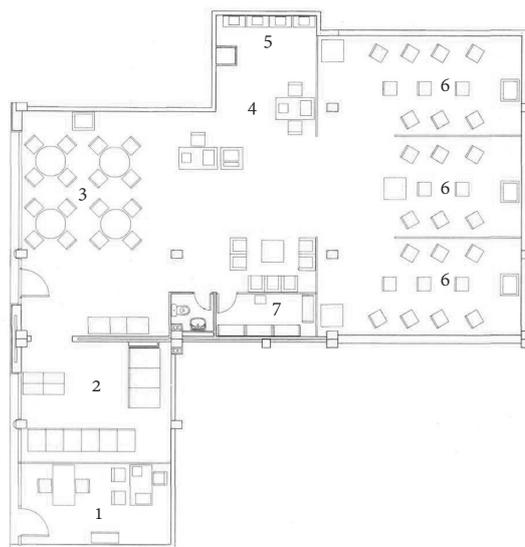


Figura 141 - Planta do Centro Ecumênico Abraão (em cima) e vista do seu interior (embaixo).



1 - Escritório do assistente 2 - Lavandaria 3 - Sala de estar 4 - Administração 5 - Telefones públicos 6 - Salas CA TV 7 - Arrumos

Figura 142 - Planta-tipo de um centro de residentes (em cima) e lavandaria disponível aos atletas (embaixo).

dia nos centros de residentes. Dos serviços disponíveis, destacavam-se dois pelo pioneirismo em Jogos: o centro de residentes e o centro religioso, para todas as religiões.

As paredes curvas do Centro Ecuménico Abraão (figura 141), desenhadas por Josep Benedito e Agustí Mateos, foram um dos exemplos arquitectónicos mais representativos dos ideais de Coubertin construídos para uns Jogos Olímpicos, muito “por causa da sua arquitectura invulgar e do simbolismo de coabitação de cinco religiões diferentes [...]”⁸² (Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92, 1992b, p.343): Budista, Católica, Islâmica, Judaica e Protestante.

Havia vinte e um centros de residentes espalhados pela Aldeia (figura 142), de modo a facilitar a interacção com os atletas, tanto ofereciam serviços domésticos aos atletas – lavandaria, manutenção, salas de televisão, etc. – como serviam de ponto de encontro e convívio. Com o objectivo de ajudar os atletas a mergulhar na atmosfera Olímpica de troca de ideias e experiências, foi uma experiência bem sucedida ao ponto que foi “[...] notado que muitas pessoas participavam nos eventos de lazer mais animados.”⁸³ (Carbonell, 1997, p.146). Já o restaurante, sendo um edifício da zona residencial, pela primeira vez fora permitido que não-residentes, aprovados para entrar na Aldeia, o pudessem utilizar, constituindo uma interface entre a zona residencial e internacional (Kittell, 1997, p.114).

Barcelona representa um regresso efectivo à cidade, as intervenções são asseguradas dentro dos limites da malha urbana, enquanto culminar dos discursos de anos anteriores sobre a reconstrução da cidade (Monclús, 2011, p.280). Neste projecto a malha de Cerdà não é utilizada como expansão, mas sim como regeneração e por esse motivo as leituras feitas não são as mesmas em relação às do século XIX, visto que nem todas as características do plano foram seguidas. Apesar disso, o caso barcelonês é um exemplo representativo para as organizações seguintes em termos de sucesso alcançado.

⁸² Tradução do autor da citação original: “Because of its unusual architecture and the symbolism of the cohabitation of five different religions [...]” (Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92, 1992b, p.343).

⁸³ Tradução do autor da citação original: “[It was also] noted that far more people were attending the livelier leisure events.” (Carbonell, 1997, p.146).

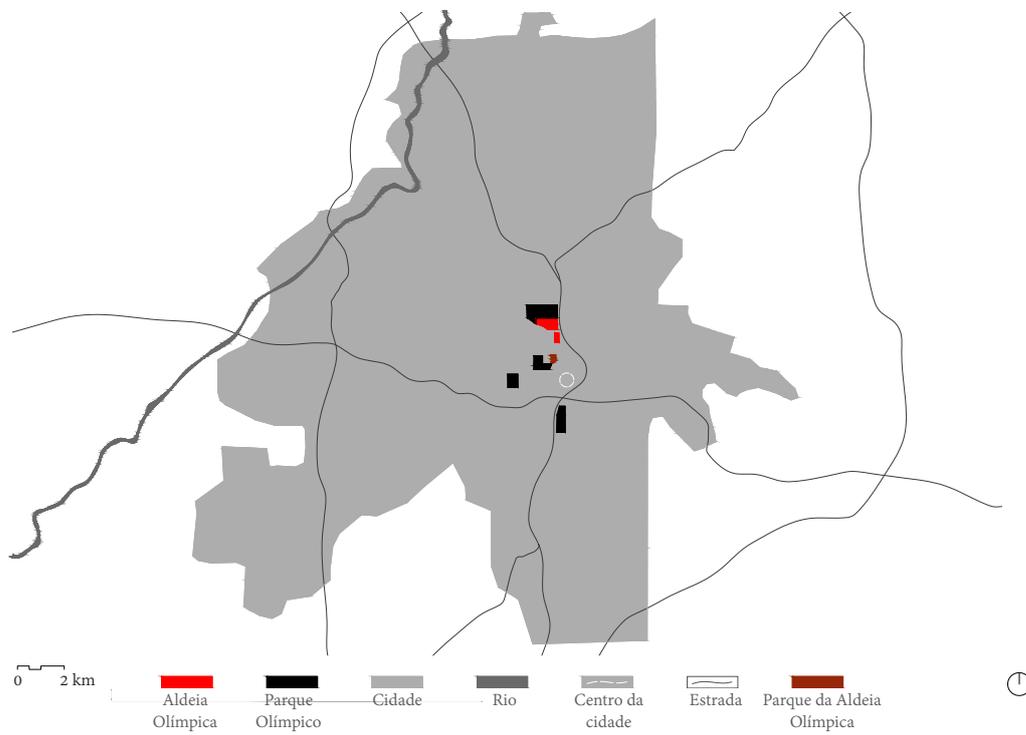


Figura 143 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Atlanta, em 1996.

Atlanta 1996

Os Jogos Olímpicos de 1996 seriam os Jogos do centenário e, após uma disputa intensa com mais cinco candidatos – Atenas, Belgrado, Manchester, Melbourne e Toronto – pela organização do evento Olímpico, coube a Atlanta ser a anfitriã. Para muitos parecia lógico este marco temporal ser celebrado no país fundador, o que levantou vozes críticas ao mínimo erro organizativo desta cidade norte-americana:

“Atlanta estava também debaixo da mira dos idealistas. Poucos lhe perdoavam ter retirado a Atenas os Jogos do Centenário. A verdade é que a organização pouco fez para não ser vergastada, do primeiro ao último dia.” (Redacção QuidNovi, 2004, p.183)

A aliar a estes factores, a festa Olímpica voltaria a ficar novamente marcada pelo terrorismo, que em pleno concerto, no Parque Olímpico do Centenário, fez detonar um engenho explosivo, que matou duas pessoas e feriu mais de uma centena. As autoridades nunca encontraram o culpado, provando que, apesar dos Estados Unidos condenarem países pelos seus actos terroristas, o país ainda tinha inimigos internos (*ibidem*, p.182).

Atlanta seguiu os mesmos moldes de Los Angeles, em 1984, ao recorrer a residências universitárias, pois disponibilizavam os alojamentos e instalações técnicas necessários para alojar a comunidade Olímpica. Devido à crescente necessidade tecnológica da sociedade, o Instituto de Tecnologia da Geórgia foi visto como o local mais propício a receber as instalações permanentes e temporárias (The Atlanta Committee for the Olympic Games, 1997, p.325).

A universidade situava-se dentro do Anel Olímpico – área com 3 quilómetros de diâmetro que compreendia mais de metade das instalações desportivas e habitacionais do evento –, a 1,5 quilómetros do centro da cidade, e tinha cerca de 110 hectares de área (figura 143). Esta grande concentração de infra-estruturas no coração da cidade colocou muita pressão no sistema de transportes públicos, que logisticamente não sofreu muitas alterações, o que prejudicou o tempo de transporte dos atletas e restantes equipas técnicas para os recintos desportivos.

A Aldeia Olímpica era uma associação de construção nova, com o intuito de perdurar no pós-evento para alojar estudantes, e de adaptações a residências já existentes, acelerando o plano de renovação das mesmas. Os edifícios construídos, a Sudeste do campus, apresentavam uma



Figura 144 - Blocos residenciais Olímpicos com o respectivo espaço exterior.

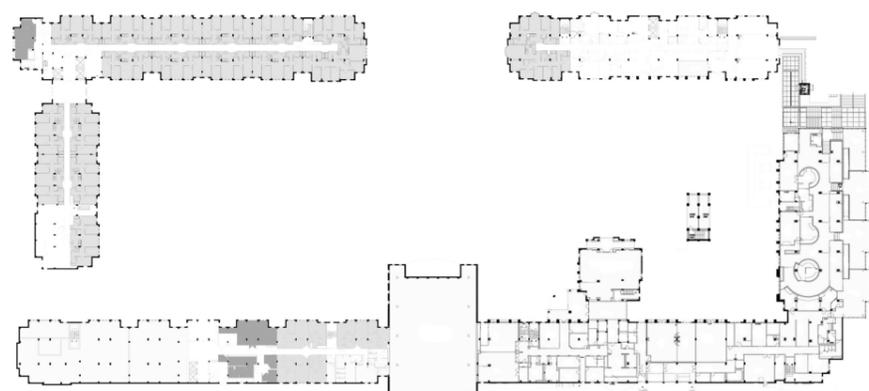


Figura 145 - Planta do piso térreo.

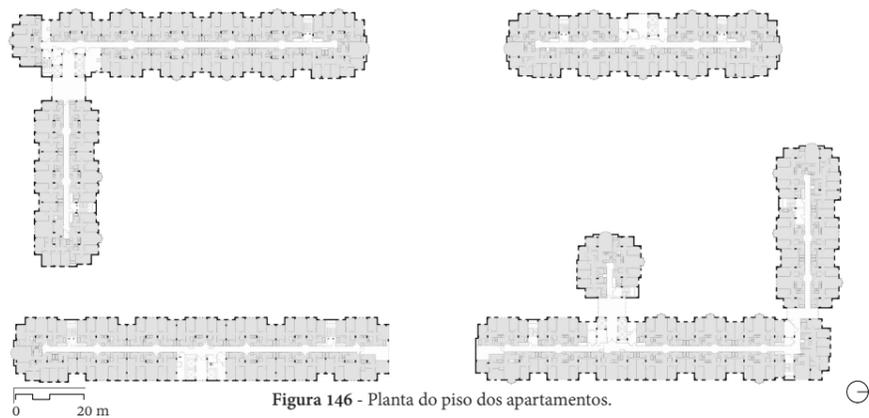


Figura 146 - Planta do piso dos apartamentos.



Figura 147 - Bow-window utilizada nos apartamentos da Aldeia Olímpica.



Figura 148 - Zona Internacional no campus universitário - Georgia Tech Plaza [Fotografia de Romeo Gacad].



Figura 149 - Parque Olímpico Centenário: antes (esq.) e depois da intervenção Olímpica (dir.).



Figura 150 - Planta do Parque Olímpico Centenário.



Figura 151 - Escultura *Tribute to Olympia*.

fusão entre “[...] o tradicional tijolo vermelho com um traçado moderno [...]”⁸⁴ (The Atlanta Committee for the Olympic Games, 1997, p.328) e a sua altura variava de seis a treze pisos. O espaço exterior criado pelos blocos de habitação, para além da separação automóvel e pedestre, estava estratificado em vários níveis, conferindo diferentes tipos de usufruto ao seu utilizador (figura 144). O complexo dispunha de serviços no piso térreo e de instalações desportivas, cuja posição central é dada ao ginásio (figura 145).

Quanto ao interior, a distribuição para os apartamentos era efectuada por um corredor central, com os acessos verticais localizados nas extremidades, no caso das escadas, e os elevadores a meio (figura 146). Os apartamentos acomodavam entre quatro a catorze atletas em quartos duplos e destaca-se o uso do tema da *bow-window* na maioria das salas de estar, tanto triangular como curva (figura 147), assim como, a introdução, em todos os compartimentos, do ar-condicionado, traduzindo-se numa inovação tecnológica neste sector.

O sector residencial era ainda complementado pela Zona Internacional, a Noroeste, e pelo Parque Olímpico Centenário, a Sul. A primeira, localizada no campus universitário, desenvolvia-se à volta da *Georgia Tech Plaza* (figura 148), com ênfase na tecnologia, através de terminais, onde era possível ler e enviar *e-mails*, consultar resultados da competição e ver a meteorologia. Por sua vez, para o Anel Olímpico proporcionar um local em que se pudesse vivenciar o espírito Olímpico (The Atlanta Committee for the Olympic Games, 1997, p.80) foi criado o Parque Olímpico Centenário. Concebido pelo atelier paisagista EDAW, tinha um desenho bastante geométrico, visto que os percursos criados derivavam de antigas ruas da cidade (*ibidem*, p.83) (figura 149 e 150) e estabelecia relações com a envolvente, através do uso do tijolo. Elementos celebrativos do centenário foram materializados pelo parque, desde esculturas, com destaque para a *Tribute to Olympia* (figura 151) – que representava três períodos de tempo (o atleta da Antiguidade, o primeiro Moderno e o do Centenário) – e a fonte *Fountain of Rings*, que pelas suas dimensões uniformes, de 100 metros de lado, evocava igualmente esta referência histórica.

Estes Jogos Olímpicos certamente desapontaram muitas pessoas que esperariam mais da comemoração do centésimo aniversário. Houve um investimento mínimo quanto às necessidades dos atletas, pois havia interesses maiores para os promotores (Sainsbury, 2016, p.194), contudo

⁸⁴ Tradução do autor da citação original: “[The architectural style of the Georgia Tech campus, which combines] traditional red brick with modern design [...]” (The Atlanta Committee for the Olympic Games, 1997, p.328).

princípios de reforma urbana foram apresentados com a construção do Parque Olímpico Centenário.

Conclusão sobre as Aldeias Regeneradoras

Neste período de doze anos, vimos um novo tipo de urbanismo Olímpico surgir. Com uma aproximação pós-modernista, feita pelos complexos residenciais Olímpicos, estes intervinham em sectores negligenciados da cidade, normalmente de antigas fábricas, com a finalidade de as coser com arquitectura necessária para a cidade.

Duas abordagens distintas, quanto à escala de intervenção, foram formuladas por estes casos, no âmbito das Aldeias *Regeneradoras*. Seul e Barcelona desenvolveram um urbanismo centrado na renovação urbana a grande escala e investimentos no transporte e na acessibilidade, com o objectivo de disseminação para as envolventes e consequente crescimento económico da cidade:

“[...] com a organização das Olimpíadas, ambas as cidades encontraram uma maneira de articular políticas que tendem a descongestionar e descentralizar, melhorando e adaptando a estrutura metropolitana.”⁸⁵ (Muñoz, 1997, p.45)

A cidade sul-coreana optou por uma operação mais agressiva, descaracterizando o traçado tradicional, dentro do limite urbano, ao mesmo tempo que viu implementada a renovação de parte da frente do rio. Barcelona, por sua vez, dá continuidade à abordagem que se vinha a fazer no centro da cidade, com um urbanismo contextualista, por meio da interpretação moderna da malha de Cerdà e respectiva restauração da linha de costa. Ambos tratam os edifícios com algum grau de uniformidade arquitectónica, porém com as devidas propostas para quebrar a monotonia. Seul através dos mesmos materiais e imagem exterior, mas com diferenças na altura e Barcelona através das regras volumétricas, mas com visões distintas. Isto é também suportado pelo facto de que no primeiro houve um único arquitecto e no segundo ter havido diversos arquitectos a pensar o edificado.

As cidades americanas, por outro lado, introduziram um novo conceito de alojamento Olímpico, pela efemeridade das residências, e a valorização do futuro habitante. A utilização dos *campi* universitários demonstrou a flexibilidade quanto à capacidade do alojamento oferecido

⁸⁵Tradução do autor da citação original: “[...] with the organisation of the Olympics, both cities found a way to articulate policies tending towards decongestion and decentralisation by improving and adapting the metropolitan structure.” (Muñoz, 1997, p.45).

e aos serviços pré-existentes, que, funcionando como contentores multifunções, permitiam o seu aproveitamento durante o evento:

“[...] a simulação urbana que eles [Los Angeles e Atlanta] representaram deve ser adicionada, do ponto de vista arquitectónico, à efemeridade como essência das operações.”⁸⁶ (Muñoz, 1997, p.43)

Ao contrário dos outros dois casos, estes produziram somente intervenções pontuais, não se traduzindo em programas específicos de acção urbana. Visto ter as infra-estruturas dos Jogos de 1932, Los Angeles não interveio formalmente na malha urbana e sim dentro dos complexos universitários, com o melhoramento das instalações e das acessibilidades. Já os Jogos de Atlanta assinalaram a sua actuação na cidade através da reconversão de parques de estacionamento e de fábricas, com pouca índole arquitectónica, em parque verde público.

Este modelo de Aldeia Olímpica, como moderador de acções regenerativas na malha urbana da urbe, faz com que o núcleo residencial e desportivo possa estar disperso pela cidade. Isto sucedeu nos casos americanos pela utilização de estruturas existentes, em Barcelona havia quatro zonas Olímpicas e em Seul, o caso mais compacto de todos, ainda que mais periférico, anexava as residências a grande parte dos pavilhões desportivos. Contudo, nenhum destes casos representou o nível de compactação visto na cidade de Munique.

Outro fundamento que ganhou espaço no contexto das Aldeias *Regeneradoras* foi a criação de espaços públicos para as cidades pós-olímpicas. A crescente necessidade que as cidades pós-industriais tinham por espaços verdes dentro da malha urbana, estava bem patente pelos inúmeros projectos realizados durante este período de tempo. As metrópoles já não necessitavam do crescimento habitacional expressivo para alojar as pessoas como se sucedeu após a Segunda Grande Guerra e, por isso, novos princípios de comodidade para a sociedade eram procurados.

A importância do pós-evento para a realização dos Jogos Olímpicos era cada vez mais relevante e esse facto reflectia-se na forma como estes eram planeados e financiados, representando o posicionamento dinamizador do desporto para as políticas de construção das cidades do final do século XX.

⁸⁶Tradução do autor da citação original: “[...] the urban simulation that they represented should be added, from an architectural point of view, to the ephemerality as the essence of the operations.” (Muñoz, 1997, p.43).

2.5. Contemporâneas: Aldeia Olímpica com uma visão mais sustentável

A melhoria das condições de vida da sociedade levou a um crescimento da população mundial, o que teve implicações directas no aumento da exploração de recursos naturais e no consequente desgaste do meio ambiente.

No sub-capítulo anterior, vimos as Aldeias Olímpicas que surgiram como tentativa de quebrar a incessante procura de uma utopia tecnológica. Agora é tempo de aliar a tecnologia disponível aos problemas ambientais que vão surgindo, de maneira a equilibrar cada um destes elementos, na sociedade contemporânea, para um desenvolvimento sustentável. A ‘máquina’ reaparece numa escala mais pequena, através de materiais com vertente ecológica, a desenvolverem as suas particularidades ao nível molecular, mas também em infra-estruturas que possibilitam a auto-sustentabilidade energética dos edifícios:

“A maioria dos objetos de desenho industrial estão desenvolvendo estas tendências. Os objetos a cada dia são menores, mais facilmente transportáveis, mais inteligentes, mais suaves, transparentes, dobráveis e manejáveis.” ⁸⁷ (Montaner, 2001, p.258)

A arquitectura começou assim a produzir espaços de fácil leitura, recorrendo a uma racionalidade de materiais e formas geométricas puras, com o objectivo de responder às exigências ambientais (*ibidem*, p.260). Estas convicções acabam por derivar da série de reuniões, realizadas nos anos noventa, sobre as mudanças climáticas, que culminaram, em 1997, com a assinatura do Protocolo de Quioto, assinado pela grande maioria dos países desenvolvidos, de forma a reduzir as emissões de gases poluentes. Já no contexto Olímpico, indo ao encontro destas preocupações contemporâneas, foi introduzida a terceira dimensão do Olimpismo – o meio ambiente – depois do desporto e da cultura, em 1994, no congresso do centenário dos Jogos Modernos.

Desta maneira, as candidaturas aos Jogos Olímpicos começam, no virar do milénio, a introduzir o planeamento do legado como elemento essencial numa fase preliminar. É necessário pensar o futuro no presente e reflectir como os Parques e as Aldeias Olímpicas podem complementar-se, de modo a oferecerem uma herança sustentável à cidade anfitriã, o que será abordado no âmbito das Aldeias *Contemporâneas*.

⁸⁷ Citado da edição em Português do Brasil.



Figura 152 - Fábrica Union Carbide em Rhodes, adjacente a Homebush Bay, na década de 1960.

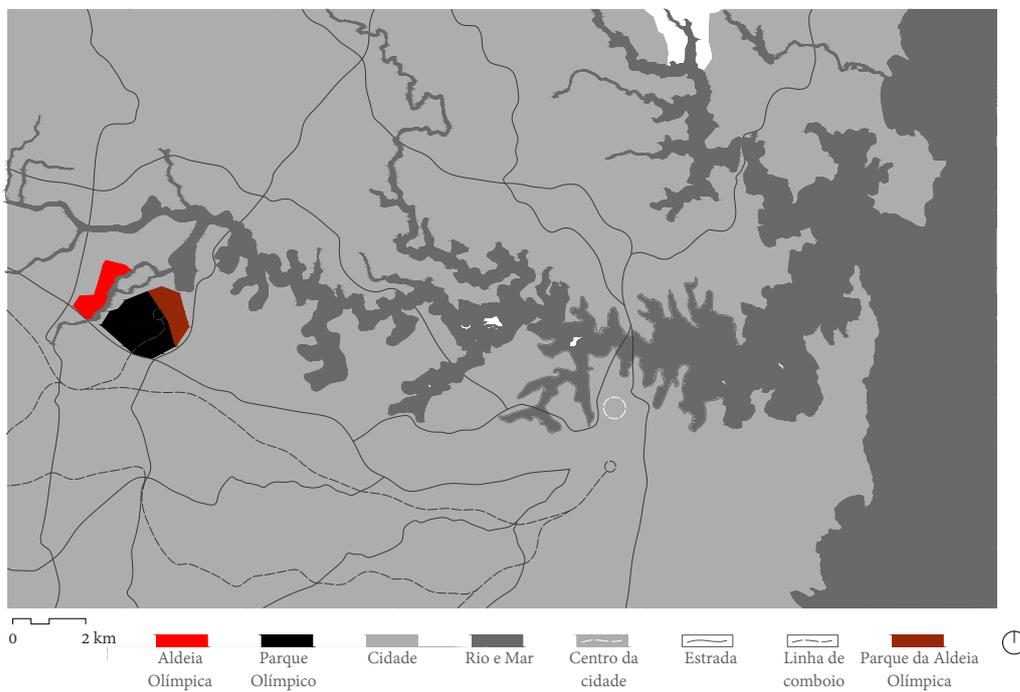


Figura 153 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Sydney, em 2000.



Figura 154 - Vista aérea da Aldeia Olímpica e do Parque Olímpico em segundo plano.

Sydney 2000

Sydney candidatava-se ao acolhimento dos Jogos Olímpicos desde 1960. Nas diversas candidaturas feitas, tinha como plano construir as infra-estruturas necessárias na zona de Homebush Bay – cerca de 14 quilómetros a Oeste do centro da cidade. Porém esta era uma zona de indústrias de armamento e matadouros e, por esse motivo, os problemas de poluição eram uma constante: “Havia áreas significativas de terras baixas e propensas a inundações, condições geotécnicas precárias e extensos aterros, que tinham sido supervisionados inadequadamente e incluíam dioxina, amianto e outros materiais perigosos.”⁸⁸ (Freestone & Gunasekara, 2016, p.321) (figura 152). Para se ser eficaz na candidatura Olímpica, estas contrariedades teriam que ser solucionadas primeiro. Os trabalhos de reabilitação do território começaram em 1973, com o objectivo de acolher os Jogos de 1988, contudo só em 1993 a cidade australiana foi escolhida para ser a anfitriã dos segundos Jogos Olímpicos realizados no hemisfério Sul, no ano 2000.

Do ponto de vista urbano, a área de Homebush Bay continuava a ser a ideal para a implantação, quer do Parque, quer da Aldeia Olímpica, por funcionar como transição entre o centro metropolitano e os subúrbios de expansão da cidade para Oeste (*ibidem*, p.320) (figura 153), o que permitia um aumento do número de habitações disponíveis para a cidade e uma maior coesão entre o núcleo e a periferia. Topograficamente, a Aldeia apresentava um ligeiro declive para o Parque Olímpico, situado 1 quilómetro a Este, o que possibilitava que os atletas, estando no recinto residencial, imergissem no ambiente competitivo dos estádios (Sydney Organising Committee for the Olympic Games, 2001, p.70) (figura 154).

Sydney tinha assim o ambientalismo como base da proposta e foram inúmeras as medidas utilizadas, sacrificando, desta maneira, a utopia verde criada pelas últimas Aldeias Olímpicas, por um paisagismo mais pragmático (Thalis & Cantrill citados por Freestone & Gunasekara, 2016, p.323). Aquando das demolições do pré-existente, 90% dos materiais retirados foram reciclados e, grande parte, reintroduzidos no projecto, o que libertava espaço nos aterros – destino inevitável destes elementos – e diminuía a dependência de recursos naturais novos: “Os cortes de madeira [...] foram reutilizados como manta no paisagismo. Fábricas especiais de reciclagem de

⁸⁸Tradução do autor da citação original: “There were significant areas of low lying flood-prone land, poor geotechnical conditions, and extensive landfill that had been inadequately supervised and included dioxin, asbestos and other hazardous materials.” (Freestone & Gunasekara, 2016, p.321).



Figura 155 - Zonas húmidas utilizadas como meio de reciclagem natural da água.



Figura 156 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Sydney.



Figura 157 - Edifícios de habitação com as respectivas estruturas arquitectónicas de controlo da temperatura [Fotografia de Nick Wilson].



Figura 158 - Contentor portátil de metal como estrutura temporária no jardim das moradias.

betão e tijolo forneceram material para a base da estrada ou enchimento da paisagem.”⁸⁹ (Taylor, 2000). A componente inovadora, que se destaca no projecto da Aldeia, é o sistema de reciclagem de água, através de dupla-tubagem. A água utilizada pelas cozinhas, banhos e lavandarias das habitações seguia para estações de filtração, posteriormente para as zonas húmidas adjacentes e depois era reutilizada, passando por mais uma filtração, nas descargas sanitárias e na rega de jardins (*ibidem*) (figura 155). Este mecanismo permitiu que o sistema urbano artificial e o natural trabalhassem em conjunto como se de um único ecossistema se tratasse.

A Aldeia Olímpica, com 84 hectares de área, estava dividida em três núcleos residenciais bastante densos de apartamentos e moradias, onde uma estrada central os aglutinava numa só estrutura, conjuntamente com os três espaços públicos associados a cada um (figura 156). Em cada edifício, projectados pelos ateliers de arquitectos PTW Architects, Cox Richardson e Mirvac Design, foram colocados doze painéis fotovoltaicos e um colector solar para aquecimento da água. Estrategicamente, também foram inseridas pérgulas nas volumetrias dinâmicas das habitações e *brise soleils* na larga maioria das janelas, para controlo da temperatura interior (figura 157).

Pela primeira vez os atletas de todas as modalidades ficaram alojados num único complexo residencial Olímpico. As principais habitações eram permanentes, com três ou quatro quartos duplos, contudo algumas soluções temporárias foram postas em prática nas moradias, de modo a aumentar a capacidade durante o evento. Foram colocadas, no lote das casas, contentores portáteis de metal, com dois quartos nas extremidades e casa de banho a meio e as garagens estavam também adaptadas de igual forma (figura 158). Esta opção de providenciar garagens para os futuros habitantes foi bastante criticada pela Greenpeace, por promover a utilização do automóvel ao invés do transporte público (*ibidem*).

Visto tratar-se de um subúrbio da cidade, era necessário que alguns serviços existissem após os Jogos e, desta maneira, alguns dos módulos de serviços foram convertidos em novos programas, exemplo disso foi a modificação da clínica médica para centro escolar. Ainda assim, algumas situações do ponto de vista urbano ficaram por resolver, através da separação física entre o bairro e a malha urbana existente a Oeste. Analisando a malha urbana, verifica-se a possibilidade de

⁸⁹ Tradução do autor da citação original: “Timber off-cuts [...] were reused as mulch in the landscaping. Special concrete and brick recycling plants provided base material for road underlays or landscape fill.” (Taylor, 2000).



Figura 159 - Aldeia Olímpica com a envolvente industrial a Oeste, em segundo plano [Fotografia de Pool JO Sydney 2000].

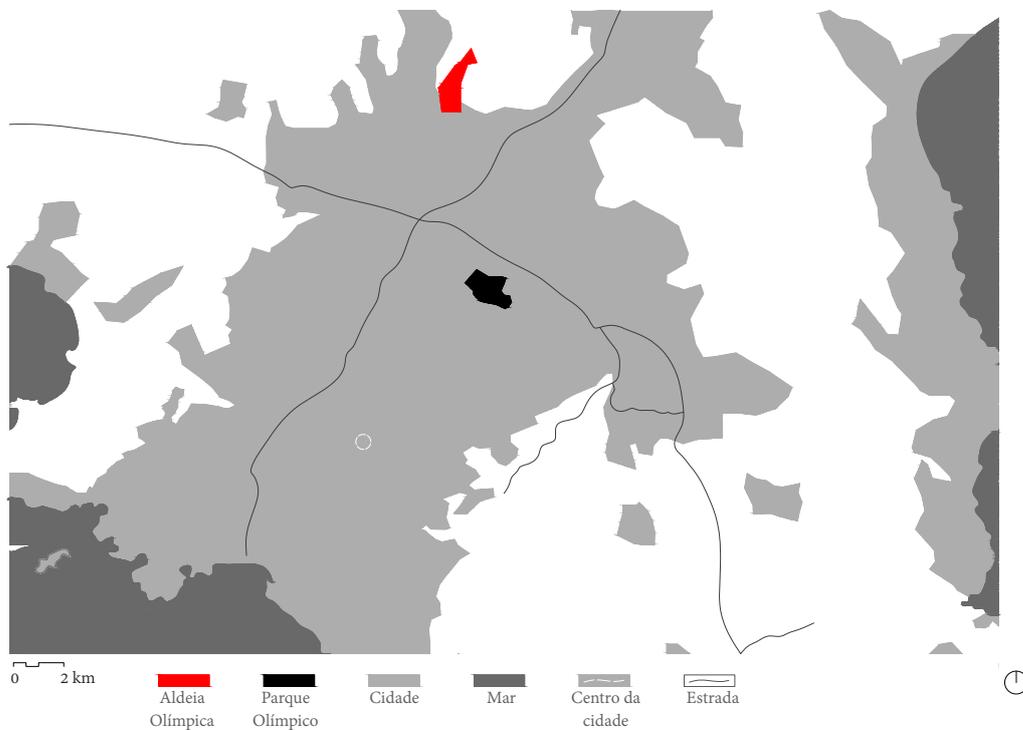


Figura 160 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Atenas, em 2004.

ligação entre as duas zonas, no futuro, pelo espaço deixado para a construção das vias, contudo somente quando a área anexa deixar de ser industrial (Cox Architecture, s.d.) (figura 159).

Em suma, por constituir um projecto de grande escala, a construção deste complexo, incentivou os fornecedores a utilizar materiais com cariz mais ecológico, que, se não fosse o âmbito dos Jogos, dificilmente seriam aplicados, para efeitos comerciais, em modelos de habitação individual (Taylor, 2000). A par disso, foram reintroduzidas espécies de animais e plantas nas reservas naturais de Homebush Bay, sendo possível a sua coabitação com a metrópole. Estes factores serviram para consciencializar os habitantes para práticas sustentáveis, criando um legado a ser seguido no futuro.

Atenas 2004

Os Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, foram os primeiros do novo milénio e, após a capital helénica ter perdido a realização dos Jogos do Centenário para Atlanta, receberam a compensação de acolher estes. Este regresso ao país fundador era visto pelos gregos, como uma forma de cortar com o passado de cariz político que os Jogos Olímpicos herdaram dos anos de Guerra Fria, orientando-os no rumo dos ideais originais do evento Olímpico. À semelhança dos Jogos de 1896, estes foram também motivo para devolver o espírito grego aos cidadãos, após largos anos de instabilidade política e de conflitos armados com países vizinhos: “Os Gregos consideraram as Olimpíadas para ajudar a nação a recuperar a sua alma; ligando o antigo e o moderno de forma significativa e contemporânea para o século XXI.”⁹⁰ (Gold, 2016, p.335).

Em termos de legado físico tinham como objectivo intervir em percursos para ligar o património arqueológico para beneficiar o turismo, desenvolver as infra-estruturas desportivas do país e resolver alguns problemas urbanos que surgiram com o grande crescimento populacional descontrolado dos anos sessenta e setenta (Gold, 2016, p.335).

O município de Acharnes foi o local escolhido para acolher a Aldeia Olímpica, no qual o governo já detinha metade do terreno. Localizava-se a 21 quilómetros da cidade e a 7,5 quilómetros do Parque Olímpico (figura 160) – a Norte de ambos –, no limite dos subúrbios

⁹⁰ Tradução do autor da citação original: “The Greeks looked to the Olympics to help the nation recapture its soul; linking the ancient and modern in a meaningful and contemporary way for the twenty-first century.” (Gold, 2016, p.335).



Figura 161 - Vista aérea da Aldeia Olímpica.



Figura 162 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Atenas.

da cidade, no sopé do Monte Parnitha. Dadas as distâncias referidas, foram implementados projectos de melhoramento rodoviário e no aeroporto existente, assim como, novas linhas de metro e um novo aeroporto foram construídos, com a esperança de melhorar a qualidade do ar, pelo menor congestionamento do trânsito (“Athens 2004 fails”, 2005).

A candidatura grega previa seguir a linha iniciada por Sydney no campo do ambientalismo, através da obtenção de energia pelo sol, sistemas de gestão da água, a criação de um parque ecológico, como zona verde associada à Aldeia Olímpica e, dado a falta de cultura de reciclagem de resíduos, pretendia-se utilizar a exposição do complexo residencial para promover esta prática na população (*ibidem*). Porém, atrasos nas construções das instalações para os Jogos levaram à não concretização destas propostas ambientais, o que fez suscitar vozes críticas de diversos grupos ambientalistas – Greenpeace e World Wide Fund For Nature (WWF)⁹¹ –, referindo que houve falta de atenção dada à componente ambiental do projecto:

“Infelizmente, o ambiente nunca figurou como uma prioridade no planeamento dos Jogos Olímpicos de Atenas. Enquanto o COI chama o meio ambiente o seu terceiro pilar do Olimpismo, foi feito muito pouco para que isso não desmoronasse sob o peso de outras prioridades [...]”⁹² (Demetres Karavellas citado por “No gold medal”, 2004)

O complexo residencial, desenhado pelo atelier francês Architecture-Studio, era, tanto ao nível tecnológico como urbanístico, bastante rudimentar em comparação com os casos precedentes. Os 366 blocos de habitação de baixo perfil – dois a quatro pisos – caracterizavam-se pela diversidade tipológica com dezanove variações e os quartos variavam de três a cinco por unidade. Por sua vez, a simplicidade arquitectónica das habitações reflecte a forma acelerada com que tiveram de construir o complexo, de maneira a terminar a obra a tempo do evento (figura 161).

Os edifícios organizavam-se numa malha reticulada com uma ligeira orientação Nordeste-Sudoeste e os quarteirões principais subdividiam-se noutros de menor escala (figura 162), todavia os edifícios estavam dispersos numa extensão de terreno com 124 hectares de área – a maior área de sempre para uma Aldeia – o que não beneficiava o sector, enquanto conjunto de apoio aos atletas:

⁹¹ Organização Não Governamental fundada em 1961, com o nome original World Wildlife Fund.

⁹² Tradução do autor da citação original: “Unfortunately, the environment never figured as a priority in the planning of the Athens Olympic Games. While the IOC calls the environment its third pillar of Olympism, it has done very little to keep this from crumbling under the weight of other priorities [...]” (Demetres Karavellas citado por “No gold medal”, 2004).



Figura 163 - Vestígios do aqueduto romano de Adriano encontrados durante a construção da Aldeia.

“Todas as instalações principais estavam localizadas numa extremidade e a escolha era, ou aguardar o sistema de transporte na aldeia para percorrer o local, ou caminhar no auge do calor opressivo do Verão grego.”⁹³ (Sainsbury, 2016, p.196)

Atenas não trouxe qualquer tipo de inovação, nem para o programa, nem para a construção das habitações Olímpicas, contudo importa destacar a flexibilidade que demonstrou ao adaptar o plano original com a descoberta de vestígios do aqueduto romano de Adriano (figura 163), no momento em que iniciaram as escavações para a edificação dos edifícios. “Os achados arqueológicos [...] foram protegidos e incorporados de forma proeminente na paisagem”⁹⁴ (Athens 2004 Organising Committee for the Olympic Games, 2005, p.161) e na vida da comunidade. O sector libertado, com dimensões de 120 por 1200 metros, dividia a área residencial em duas partes, o que veio intensificar ainda mais as distâncias a ser percorridas dentro da Aldeia.

Este complexo residencial terá sido o caso com piores resultados obtidos, quer a nível do evento, quer do pós-evento, não só pelo pouco que oferecia, mas, principalmente, com o que a candidatura prometeu, em termos ambientais, e que não se conseguiu realizar. Deixaram a população com falta de serviços e com défice de meios de transporte, encontrando-se metade do recinto ao abandono e com falta de manutenção (Sainsbury, 2016, p.196).

Pequim 2008

A Guerra Civil Chinesa terminou com um período de mais de vinte e dois anos de conflitos e com a proclamação da República Popular da China, em 1949. O Partido Comunista Chinês ascendeu ao poder, liderado por Mao Tsé-Tung, e adoptou o maoísmo como doutrina política e económica, uma adaptação do modelo soviético. Ainda que oficialmente o maoísmo continue a ser a ideologia do país, na prática tem um papel meramente decorativo. Em 1976, após a morte do líder político Mao Tsé-Tung, adoptou-se o modelo de desenvolvimento baseado nas ideias de Deng Xiaoping, o que possibilitou a entrada de mercados externos capitalistas, com o objectivo

⁹³ Tradução do autor da citação original: “All main facilities were located at one end and the choice then was to either wait for the in-Village transport system to get around the site or walk in the height of the oppressive Greek summer heat.” (Sainsbury, 2016, p.196).

⁹⁴ Tradução do autor da citação original: “The archaeological findings [...] were protected and were prominently incorporated in the landscape.” (Athens 2004 Organising Committee for the Olympic Games, 2005, p.161).



Figura 164 - Momento em que um cidadão bloqueia o caminho a vários tanques, durante o massacre de Tiananmen.



Figura 165 - Estádio Olímpico com céu limpo e com céu poluído [Fotografia de Jeffrey Kesler].

de modernizar os sectores da agricultura, indústria, defesa, ciência e tecnologia deste país asiático (Cook & Miles, 2016, p.361).

Ao longo da segunda metade do século XX, a sociedade chinesa passou por diversas transformações culturais e, em particular, Pequim cresceu exponencialmente no sector industrial, o que provocou nos últimos anos o desejo de mudar a estrutura económica da cidade: “A cidade afastar-se-ia de ser uma cidade produtora para ser uma cidade de consumo, de actividades baseadas no conhecimento e uma cidade com um perfil internacional aprimorado.”⁹⁵ (*ibidem*, p.366).

Da mesma forma que outros estados comunistas, a China pretendia utilizar o desporto como grande impulsionador do país a nível mundial (*ibidem*, p.364) e, por isso, candidatou-se aos Jogos Olímpicos de 2000, perdendo na última votação, por alegadas violações dos direitos humanos, com o massacre provocado pelos tanques na Praça Tiananmen, em 1989, e por problemas de poluição ambiental (figura 164 e 165):

“Pequim deu ênfase à indústria pesada à custa da indústria leve, que estava subdesenvolvida. A indústria pesada excessiva criou uma escassez de água, electricidade e capacidade de transporte, piorando a poluição ambiental.”⁹⁶ (Zhou citado por Cook & Miles, 2016, p.363)

Uma das primeiras medidas, de combate à poluição, a ser implementada, planeada já desde 1958 e que teria maior grau de impacto, quer ao nível social, quer em termos de espaço utilizado, foi a intenção de criar cinturas verdes à volta da cidade. A primeira tinha como objectivo separar a área urbana da zona rural, disponibilizando mais espaços verdes à cidade, porém, desde cedo, o plano começou a falhar.

A transformação de terrenos agrícolas existentes em prol das áreas verdes e a má previsão do crescimento demográfico – aumento natural da população e migração de pessoas de outras regiões da China, dadas as oportunidades de trabalho na cidade – fizeram com que a capital tivesse dificuldades em responder à procura (Yang, 2007, pp.293-294). Por esse motivo, a única solução era expandir a cidade, modificando o projecto das cinturas verdes diversas vezes:

⁹⁵ Tradução do autor da citação original: “The city would move away from being a producer city towards being a city of consumption, of knowledge-based activities, and a city with an enhanced international profile.” (Cook & Miles, 2016, p.366).

⁹⁶ Tradução do autor da citação original: “Beijing put undue emphasis on heavy industry at the expense of light industry, which was underdeveloped. The excessive heavy industry created a shortage of water, electricity and transport capacity, and worsened environmental pollution.” (Zhou citado por Cook & Miles, 2016, p.363).

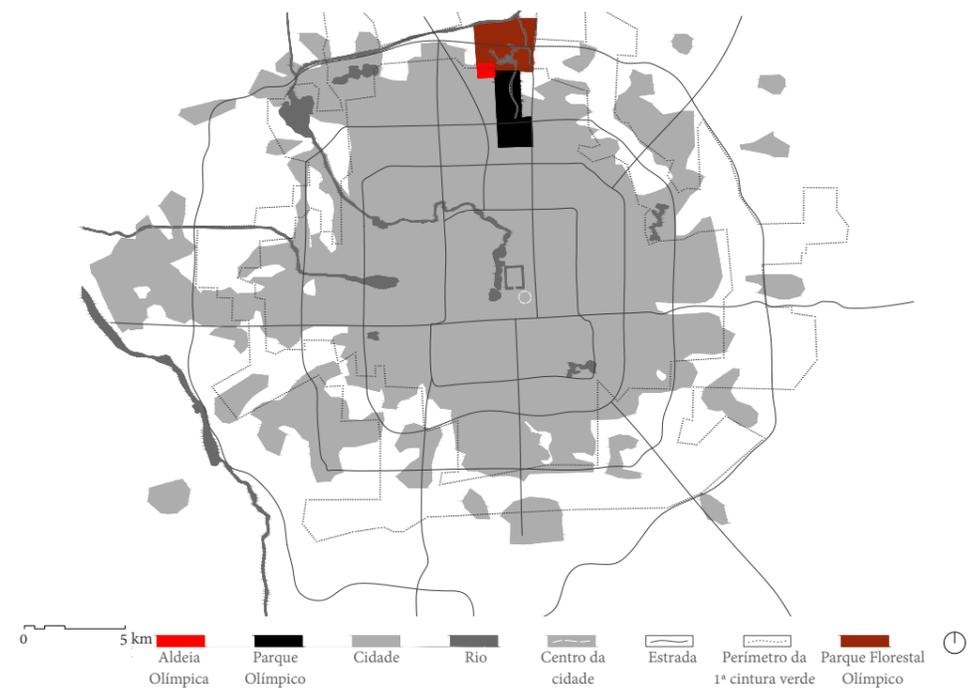
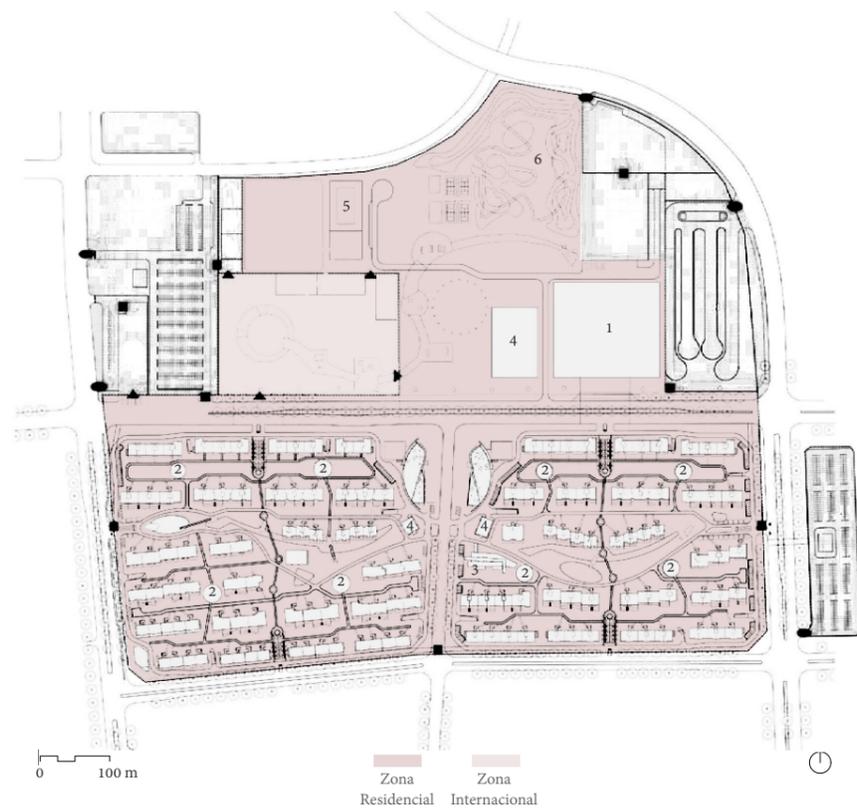


Figura 166 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Pequim, em 2008.



1 - Restaurante 2 - Centro de residentes 3 - Policlínica 4 - Centro de entretenimento 5 - Piscina 6 - Pista de jogging

Figura 167 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Pequim.



Figura 168 - Espaços exteriores dentro da zona residencial.

“A cintura verde é uma fronteira arbitrária, não uma barreira física real, e foi facilmente assumida pelo novo desenvolvimento.”⁹⁷ (Yang, 2007, p.294).

Em 2001, Pequim foi a cidade escolhida para hospedar a comemoração Olímpica e, devido a esse factor, mais acções foram introduzidas, tais como o controlo das emissões poluentes das fábricas e veículos e o desenvolvimento de mais linhas de metropolitano, de forma a diminuir a dependência dos transportes individuais. Ainda que, em 2005, tivesse mais dias de céu limpo, mais árvores plantadas e mais áreas verdes, a cidade era considerada a mais poluída do mundo (Cook & Miles, 2016, p.369).

O projecto Olímpico foi localizado a 11 quilómetros da cidade, no extremo Norte do seu eixo principal, que passa pela Praça Tiananmen e a Cidade Proibida e que termina no Parque Florestal construído para o evento Olímpico, como que uma metáfora para uma China com visões mais ecológicas (figura 166). O projecto veio preencher uma fracção da cintura verde, contudo demolições de habitações foram efectuadas, lembrando “[...] que a questão dos direitos humanos se [recusava] a desaparecer.”⁹⁸ (*ibidem*, p.370).

A Aldeia Olímpica (figura 167), com os seus 66 hectares, da autoria do atelier Beijing Tianhong Yuanfang Architectural Design, localizava-se a Sudoeste do Parque Florestal e a Noroeste do Parque Olímpico, possibilitando aos atletas deslocarem-se a pé. Por sua vez, a Zona Internacional e parte dos recintos de treino encontravam-se a Norte, englobados no Parque Florestal. O complexo residencial consistia em vinte e dois edifícios com seis pisos e vinte edifícios com nove pisos. Com três tipologias diferentes, os núcleos de habitação eram compostos desde dois a quatro quartos. A Aldeia representava um bom exemplo de densidade urbana, porém não eram só blocos de betão espalhados na malha urbana. Estes estavam imersos numa manta verde, com elementos de água e esculturas, em que os espaços eram bastante utilizados pelos atletas para relaxarem e se focarem nas provas (Sainsbury, 2016, pp.196-197) (figura 168).

De igual modo a Sydney, a implementação de acções e tecnologias sustentáveis estavam na essência do projecto da área residencial. Muitas foram as novas tecnologias utilizadas, destacando-

⁹⁷ Tradução do autor da citação original: “The greenbelt is an arbitrary boundary, not a real physical barrier, and it was easily taken over by new development.” (Yang, 2007, p.294).

⁹⁸ Tradução do autor da citação original: “[Nevertheless, the question of population displacement is a reminder] that the issue of human rights refuses to disappear.” (Cook & Miles, 2016, p.370).



Figura 169 - Fachada de um dos edifícios de habitação [Fotografia de Bloomberg].

-se: a utilização de iluminação LED; a aplicação de janelas de vidro duplo LOW-E ⁹⁹; a filtragem da água dos esgotos por métodos biológicos, para utilizar nos ar-condicionado dos edifícios; a recolha de água da chuva, nos pavimentos exteriores, por meio de tijolos permeáveis, para regar, através de micro-irrigação, os espaços verdes (Beijing Organizing Committee for the Games of the XXIX Olympiad, 2010b, pp.231-232). Já nas fachadas dos edifícios aplicaram-se tijolos e elementos, de metal e de plástico, reciclados, numa fusão entre arquitectura e cultura (figura 169):

“As fachadas dos edifícios estavam cobertas com tijolos cinzentos comumente usados em moradias de Pequim, enquanto as varandas estavam decoradas com tintas e tábuas brancas, criando um efeito exclusivo da pintura tradicional chinesa [Sumi-ê].” ¹⁰⁰ (Beijing Organizing Committee for the Games of the XXIX Olympiad, 2010a, p.213)

Mesmo que o evento tenha durado só duas semanas, permaneceu na sociedade chinesa o legado positivo criado pelo projecto, com estas perspectivas mais ecológicas de olhar para a cidade. Novas áreas verdes foram criadas e favorecendo um aumento da preocupação ambiental na China, mostrou ao mundo uma China renovada, apesar de conter ainda problemas de direitos humanos. Acima de tudo, “[...] os Jogos proporcionaram uma oportunidade para treinar o povo chinês para um mundo globalizado.” ¹⁰¹ (Cook & Miles, 2016, p.377).

Londres 2012

No ano de 2005, a cidade londrina ganhava o direito de acolher os Jogos Olímpicos pela terceira vez na história do evento. Em 1948, Londres tomou a iniciativa de organizar os Jogos, mesmo tendo sido bastante afectada pela Segunda Guerra Mundial, disponibilizando as suas instalações públicas para os alojamentos dos atletas e, em 1908, foi a primeira vez que o evento, sendo fora da Grécia, não estava integrado como componente desportiva das Exposições Universais.

⁹⁹ As janelas de vidro duplo LOW-E diferem de janelas de vidro duplo comuns através da camada metálica, no interior da janela exterior, que bloqueia de forma mais eficaz a radiação ultravioleta e infravermelha, sem comprometer a quantidade de luz visível que é transmitida pelo sol.

¹⁰⁰ Tradução do autor da citação original: “The facades of the buildings were covered with grey bricks that are commonly used in Beijing dwellings, while the balconies were decorated with white paint and boards, creating a unique effect of the Chinese Ink Wash Painting.” (Beijing Organizing Committee for the Games of the XXIX Olympiad, 2010a, p.213).

¹⁰¹ Tradução do autor da citação original: “[...] the Games provided an opportunity to train Chinese people for a globalizing world.” (Cook & Miles, 2016, p.377).



Figura 170 - Indústrias e portos abandonados ao longo dos rios Tamisa e Lea, em 1992 [Fotografias de Peter Marshall].

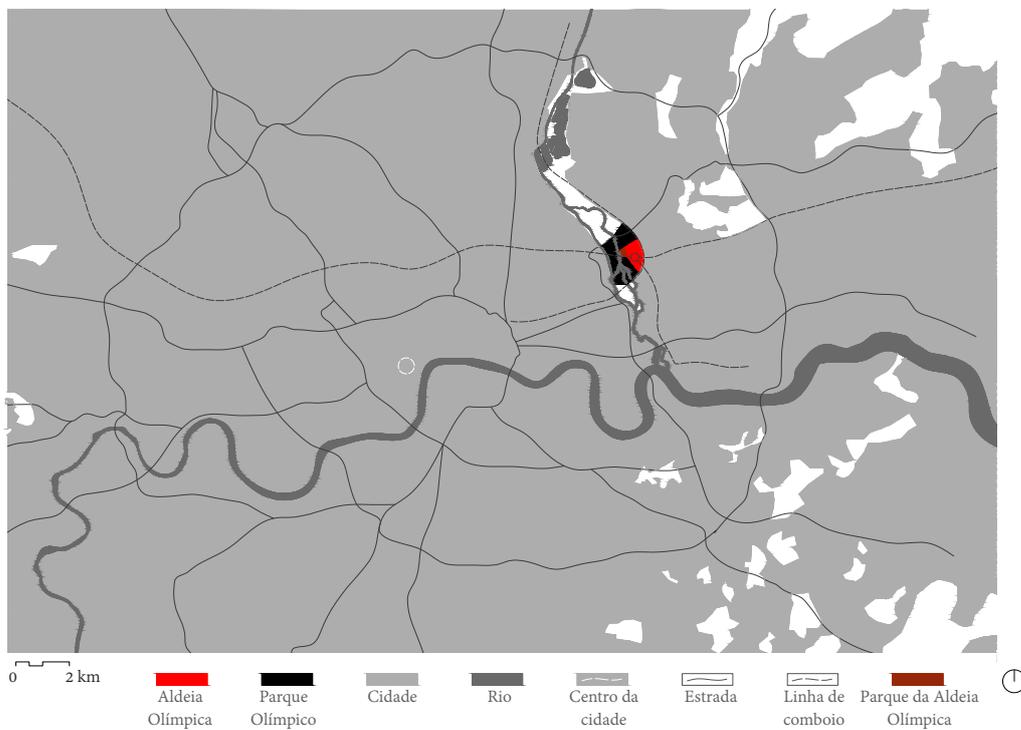


Figura 171 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Londres, em 2012.

Um dia após a declaração do local dos Jogos Olímpicos de 2012, uma série de ataques terroristas assolou o coração da cidade e fez levantar o alerta para as questões de segurança que hoje em dia o evento envolve. Muitos londrinos começaram a perguntar-se se este acontecimento desportivo era realmente necessário, dada a importância turística e financeira que a cidade já tinha a nível mundial (Burdett, 2012, p.15). A verdade é que havia uma enorme desigualdade socioeconómica no tecido da cidade, à qual os Jogos iriam tentar responder. Durante os anos de crise económica global, a construção do evento possibilitou que a economia não estagnasse, havendo dinamismo no sector da construção e evitando o despedimento de muitos trabalhadores (*ibidem*, p.17).

Londres estava a crescer demograficamente e na impossibilidade de expandir a malha urbana, a única solução seria reabilitar espaços devolutos e construir blocos compactos de habitação, aumentando a densidade urbana das zonas pré-existentes (Buchanan, 2012, p.20). A região a Este de Londres era das zonas mais pobres, tanto da cidade como do país, sendo bastante discriminada em comparação com a zona Oeste da cidade. A zona, com uma população predominantemente multicultural, tinha falta de espaços públicos e de infra-estruturas educativas, desportivas e de saúde e, devido ao passado da Revolução Industrial inglesa, tinha muitas indústrias que acabaram rejeitadas pela sociedade contemporânea, às quais se associavam problemas de poluição dos solos (figura 170):

“Fileiras de modestas casas geminadas habitadas por vários grupos étnicos estão localizadas ao lado de blocos sociais da década de 1970, em mau estado, e ruas comerciais com lojas, estabelecimentos de comida rápida ou restaurantes indianos. Uma rede de canais e vias navegáveis que se ramificam ao longo de uma paisagem pós-industrial áspera caracterizada pela presença de recorrentes tanques de gás cilíndricos e hangares ferroviários.”¹⁰² (Burdett, 2012, p.15)

O local escolhido foi Lower Lea Valley (figura 171), em Stratford, a 9 quilómetros da cidade, pela grande extensão de terreno que permitia a anexação entre o Parque Olímpico e a Aldeia Olímpica e dispunha de vias de transporte já existentes que, com alguma intervenção, iriam possibilitar rápido acesso, tanto à cidade, como para fora, factores que agradavam o COI, pois

¹⁰² Tradução do autor da citação original: “Hileras de decorosas casas adosadas habitadas por grupos étnicos diversos se emplazan junto a bloques sociales de la década de 1970, en mal estado, y calles comerciales con tiendas, establecimientos de comida rápida o restaurantes indios. Una red de canales y de vías fluviales se desmadeja a lo largo de un áspero paisaje postindustrial caracterizado por la presencia recurrente de depósitos cilíndricos de gas y tinglados ferroviarios.” (Burdett, 2012, p.15).



Figura 172 - Relação da Aldeia Olímpica com o Parque da Aldeia Olímpica e o Parque Olímpico.



Figura 173 - Espaços verdes do Parque Olímpico.



1 - Restaurante 2 - Centro de residentes 3 - *International Plaza* 4 - Pista de jogging
5 - Estação Internacional de Stratford 6 - Centro Comercial 7 - Pavilhão de Basquetebol 8 - Velódromo

Figura 174 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Londres.

viabilizavam a integração futura do projecto na vida da cidade (Gold & Gold, 2016, p.59).

O Parque Olímpico, pelas suas acções de cunho ambiental e dada a proximidade à Aldeia Olímpica, merece especial destaque em relação aos casos anteriores. No plano geral (figura 172), projectado pela firma AECOM, os recintos desportivos estavam integrados de forma harmoniosa com o terreno e, exceptuando o Estádio Olímpico, as Piscinas Olímpicas, o Pavilhão de Andebol e o Velódromo, todos os restantes pavilhões eram temporários, tendo sido os seus materiais reciclados, após o evento. Por este motivo, Buchanan (2012, p.21) considera que estes têm uma arquitectura pobre, para a ampla quantia de dinheiro investido no projecto Olímpico, porém esta opção foi resultado das preocupações contemporâneas sobre o ambiente.

Por sua vez, a componente mais orgânica do Parque Olímpico foi desenhada pelo arquitecto paisagista norte-americano George Hargreaves, que desenvolveu um parque linear com o objectivo de reabilitar o ecossistema das margens do rio Lea, onde os percursos pedonais não são interrompidos pelos dos transportes, devido à separação por níveis, fazendo assim a ligação entre os pavilhões e as residências Olímpicas (figura 173):

“Uma rede de passeios, pontes e passarelas volta a ligar ao parque com a sua envolvente, tanto a Este como a Oeste, organizando os fluxos em diferentes níveis de complexidade e entrelaçando-se entre os carris e as estradas que rodeiam o parque.”

¹⁰³ (Burdett, 2012, p.17)

O complexo residencial organizava-se em torno de dois eixos principais, o eixo que partia do centro comercial, desenvolvido no âmbito dos Jogos, para Norte e um outro no sentido Sudoeste-Nordeste. O plano geral (figura 174) foi desenvolvido por duas empresas australianas, uma ficou com a componente habitacional e a outra com o lote do centro comercial. Os 37 hectares de área, que tinham como objectivo funcionarem como cidade integrada numa só, acabaram separados desde o início, por causa da construção da Estação Internacional de Stratford (Wainwright, 2012). Apesar desta contrariedade, esta estação ferroviária foi importante pelas ligações metropolitanas que disponibilizava aos atletas bem no centro da Aldeia, para se deslocarem ao centro da cidade, assim como ligações de comboio de alta-velocidade para a Europa.

¹⁰³ Tradução do autor da citação original: “Una red de paseos, puentes y pasarelas vuelve a conectar al parque con sus alrededores, tanto al este como al oeste, organizando los flujos en distintos niveles de complejidad, y entrelazándose entre las vías de ferrocarril y las carreteras que rodean al parque.” (Burdett, 2012, p.17).



Figura 175 - Espaços exteriores da Aldeia Olímpica e pátios interiores dos blocos de habitação.



Figura 176 - Diferentes fachadas dos edifícios de habitação.

O espaço era pontuado por onze blocos de habitação, estes seguiram um modelo-base compacto e variavam entre oito a dez pisos (figura 175). Os blocos consistiam numa plataforma que continha comércio e, nos pisos superiores, cada bloco subdividia-se em seis edifícios, que se conectavam somente através do piso térreo, ou através de jardins de Inverno envidraçados, à volta de um pátio interior. O fragmento maior fazia frente com a rua principal e o conjunto ia-se desfragmentando com a hierarquização das ruas.

Posteriormente o revestimento das fachadas foi entregue a diversos ateliers de arquitectos¹⁰⁴, porém, na fase de projecto das respostas, a *Olympic Delivery Authority* (ODA) teve que intervir com receio que o conjunto ficasse demasiado heterogéneo, apontando o betão pré-fabricado como requisito essencial a ser utilizado. Mesmo assim, dentro dos requisitos e através dos detalhes, surgiram diferentes interpretações de fachadas (figura 176):

“Andando pela Aldeia, é fascinante ver como as diferentes práticas responderam a esta situação curiosa, algumas conseguindo moldar as regras mais do que outras. Os edifícios mais bem-sucedidos abraçaram as realidades contundentes, transformando o que poderia ser um compromisso relutante em algo que celebra as circunstâncias peculiares.”¹⁰⁵ (Wainwright, 2012)

Quanto a medidas de dimensão ambiental foram introduzidos o conceito das coberturas verdes nos edifícios e a instalação de uma central de biomassa para produzir energia para um sistema de aquecimento do bairro Olímpico.

A Aldeia Olímpica fixou-se na zona Este de Londres com o intuito de promover iniciativas de renovação da envolvente. Porém, na altura da sua construção, verificou-se a gentrificação, acabando por não resolver a discrepância de níveis de vida entre as diferentes áreas da cidade e nem mesmo com a disponibilização de 30% das casas com preços mais acessíveis, pois essas continuavam a ser demasiado elevadas, em termos monetários, para a população local (Evans & Edizel, 2016, p.394). Apesar disso, o Parque Olímpico – um dos maiores espaços verdes

¹⁰⁴ Arquitectos intervenientes: Allford Hall Monaghan Morris, CF Moller, Denton Corker Marshall, De Rijke Marsh, Morgan, DSDHA Eric Parry Architects, Glenn Howells, Lifschutz Davidson Sandilands, Niall McLaughlin, Panter Hudspith, Patel Taylor, Penoyre Prasad, Piercy Connor. Additional designers: Arup (Infra-estruturas), Vogt Landscape Architects and Applied Landscape Design, com o suporte de Fletcher Priest (domínio público) (International Olympic Committee, 2017, p.71).

¹⁰⁵ Tradução do autor da citação original: “Walking around the village, it is fascinating to see how the different practices have responded to this curious situation, some managing to bend the rules more than others. The more successful buildings have embraced the blunt realities, turning what could be a reluctant compromise into something that celebrates the peculiar circumstances.” (Wainwright, 2012).

construídos nos últimos anos na Europa – deixou um legado sustentável bastante importante para a envolvente, em termos de espaços habitacionais, recreativos e biodiversidade, mudando a imagem da zona.

Conclusão sobre as Aldeias Contemporâneas

Contemporâneas surge como continuação das Aldeias Olímpicas do sub-capítulo anterior, que regeneravam pólos industriais e poluídos das cidades anfitriãs, mas também, como visto ao longo dos casos expostos, foram introduzidos mecanismos de auto-sustentabilidade dos seus edifícios, quer durante o evento, quer depois do mesmo.

A organização mundial Greenpeace monitorizou os Jogos de 2000, quanto às abordagens ambientais e os seus resultados, e em Setembro desse ano lançou o guia intitulado *Greenpeace Olympic Environmental Guidelines - A Guide to Sustainable Events* com o objectivo de disponibilizar ao COI um conjunto de regras que poderiam ser adoptadas pela Carta Olímpica, para guiar futuras candidaturas Olímpicas, que quisessem ter um tratamento com pouco impacto ambiental, e de forma a “[...] garantir que os Jogos Verdes de Sydney não fossem um esforço único.”¹⁰⁶ (Greenpeace, 2000).

Sydney e Londres operaram nestes moldes de descontaminação de áreas localizadas nas cidades e substituição do tipo de uso do solo, de industrial para habitacional e recreativo. Por sua vez, Pequim, devido à poluição atmosférica que se verificava a nível geral na cidade, teve que intervir sobretudo com a criação de novos espaços verdes, concentrando-os na cintura verde que já vinha a ser construída antes dos Jogos, de modo a inverter os níveis de gases poluentes no ar. Já Atenas, como visto previamente, planeava criar medidas ambientais, como o seu antecessor – Sydney –, às quais não conseguiu obter respostas em tempo útil para os Jogos.

Quanto ao raio de intervenção, o Movimento Olímpico, com base no caso de Sydney, salientou a importância da proximidade dos complexos habitacionais aos desportivos (Gold & Gold, 2016. p.54) e, esse grau de compactação, voltou a ocorrer em Pequim e Londres – 1,5 quilómetros e 0,7 quilómetros respectivamente –, ao contrário de Atenas que, por tencionar criar um subúrbio da cidade, não soube responder de forma adequada a este tipo de abordagem, distanciando muito os

¹⁰⁶ Tradução do autor da citação original: “[...] ensure Sydney’s Green Games are not a once-only effort.” (Greenpeace, 2000).

dois programas e criando contratempos logísticos quanto aos transportes dos atletas.

O conceito de Parque das Aldeias Olímpicas, iniciado com as Aldeias *Condensadoras*, mais uma vez esteve presente. Neste sub-capítulo, todos os casos, excepto Atenas, restauraram um ecossistema rico em fauna e flora, que devido à poluição local, tinha deixado de existir. Em Sydney, por ter sido criado nos subúrbios, tinha um carácter mais natural, não tanto para os seus cidadãos, mas sim para o já referido ecossistema, dada a presença de alguns trilhos em vez de percursos pavimentados. Pequim construiu um Parque Florestal que, mesmo com os seus 760 hectares de área, estava perto do coração da cidade e, por isso, tinha características mais citadinas com praças para observação do espaço envolvente. Em Londres, o Parque serpenteia pelos espaços internos aos pavilhões desportivos e à Aldeia Olímpica e com semblante de jardim urbano do século XXI, tem áreas mais abertas em comparação com Pequim e foi construído para oferecer zonas verdes ao lado Este da cidade.

As Aldeias *Contemporâneas* ficaram marcadas pela falta de investimento privado na participação dos orçamentos para a realização dos Jogos. Em Sydney, o Estado, o Governo Federal e a cidade de Sydney foram os principais financiadores do programa e as casas foram pré-vendidas, pois, para o sector privado, havia risco de investimento, dada a distância para os grandes centros (Freestone & Gunasekara, 2016, p.324). Nos mesmos moldes da cidade australiana, em Atenas, o sector privado tinha falta de interesse nesse investimento e, assim, a construção da Aldeia Olímpica ficou a cargo da Organização de Habitação Social, que era subsidiada pelo Estado. No caso da capital chinesa, o governo investiu essencialmente em medidas de melhoramento ambiental, enquanto na cidade londrina, devido à crise económica de 2008 e aos valores adicionais gastos em segurança, houve necessidade de recorrer a fundos públicos e a uma subida de impostos dos seus cidadãos.

Os casos de estudo expostos responderam de forma eficaz, nuns casos mais do que noutros, aos problemas contemporâneos que afectam as sociedades e acima de tudo o planeta no século XXI. A introdução de diversos mecanismos de obtenção de energia e reciclagem de água, assim como o uso de materiais reciclados, formam uma boa base de princípios para as Aldeias Olímpicas futuras desenvolverem, em que a questão do legado deverá continuar a ser o foco principal do projecto Olímpico, como estes casos o demonstraram.

**3. Sistematização dos desenvolvimentos ocorridos nas Aldeias Olímpicas e
reflexão final sobre o espaço pós-evento**

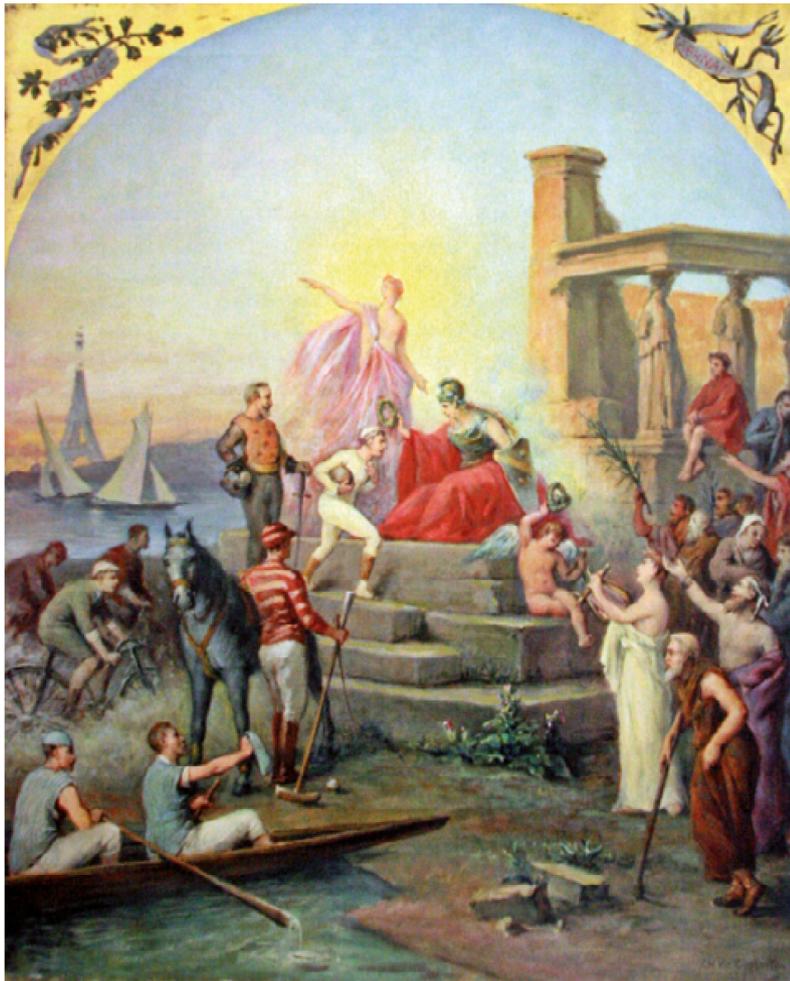


Figura 177 - Reintrodução dos Jogos Olímpicos - Alegoria do Desporto, Charles de Coubertin, 1896.

Ao longo da dissertação analisou-se o processo de desenvolvimento das Aldeias Olímpicas com o objectivo de adquirir conteúdos e material gráfico para conferir uma resposta rigorosa e informada à nossa questão inicial. A conclusão surge agora como processo natural de reflexão final sobre o trabalho de investigação.

A pintura, *Reintrodução dos Jogos Olímpicos - Alegoria do Desporto*¹⁰⁷ (figura 177), realizada por Charles de Coubertin, pai do fundador dos Jogos Olímpicos Modernos, em 1896, é aqui apresentada pela diversidade de significados que se absorvem da tela e por ser elemento caracterizador da ligação entre os Jogos Olímpicos da Antiguidade e os Modernos e, de certa forma, do nascimento das Aldeias Olímpicas.

Ao centro vemos entronizada a Deusa Atena a coroar um atleta da Era Moderna do evento. A coroa de flores é encarada como a ponte de ligação entre os dois tempos, que, de forma metafórica, simboliza o legado do povo grego transmitido ao Movimento Olímpico. O lado direito da tela representa, desta forma, o passado dos Jogos, através dos cidadãos de Atenas e das ruínas do Erecteion, como pano de fundo. Por sua vez, o lado esquerdo espelha o novo mundo desportivo, com os respectivos atletas, devidamente rematado com a Torre Eiffel, em segundo plano. Aqui o papel da Torre, como peça de engenharia, ganha particular importância – mesmo que não de forma intencional –, não só pela enfatização da ligação anunciada com a Antiguidade, mas, também, porque Paris foi o lugar onde as Aldeias Olímpicas nasceram.

Desta forma, esta obra sintetiza, alegoricamente, a pluralidade da matéria analisada no primeiro capítulo. Como referido, a implementação dos Jogos Olímpicos Modernos derivou de um processo complexo de alicerçamento da prática desportiva na sociedade contemporânea, que tinha a intenção de estabelecer novos contactos, com novas culturas e, por isso, recorreu-se inicialmente às Exposições Universais como meio de promoção do evento.

Quanto às Aldeias Olímpica foi concluído, de forma generalizada, que são um conjunto residencial construído com o objectivo de oferecer alojamento e serviços temporários à estadia dos atletas durante o evento, reunindo serviços e condições potencialmente ideais à sua realização.

¹⁰⁷ Como artigo de referência para uma interpretação mais aprofundada da pintura ver: Wilant, N. C. (2016). *Art Works as Sources for Sport History Research: The Example of 'Sports Allegory/The Crowning of the Athletes' by Charles Louis Frédy de Coubertin*.

As Aldeias iniciais disponibilizavam apenas as condições essenciais à estadia do atleta. Os restaurantes foram os que apresentaram mais metamorfoses, se no início estavam numa só estrutura com uma equipa de serviço, posteriormente fragmentaram-se por cada nação participante, depois em cantinas por regiões geográficas até que, actualmente, voltou-se à tipologia de um só espaço com diferentes ofertas alimentares, visto que os hábitos alimentares dos atletas de alto rendimento são cada vez mais uniformes. Quanto aos treinos, inicialmente utilizavam exclusivamente as infra-estruturas municipais, com implicação nas distâncias a serem percorridas pelos atletas, até que começaram a ser oferecidos, em Berlim, recintos dentro da Aldeia Olímpica, como complemento às zonas de treino oficiais da cidade. Já a criação da *International Plaza*, em Melbourne 1956, como ponto de encontro de atletas e disponibilização de serviços comerciais pode ser encarado como uma resposta encontrada para a mistura de género no complexo residencial Olímpico.

Neste campo, a utilização de infra-estruturas temporárias para acolher determinados programas das Aldeias ganha particular importância, porque, nem seria lógico, realizar acções de forma permanente nos edifícios que devem ser efémeros, pelo seu eventual uso limitado depois do evento. Este conceito foi-nos apresentado desde cedo em diversos serviços – nas Aldeias *Catalisadoras* – e desde a década de oitenta até aos dias de hoje, com excepção dos *campi* universitários americanos e do período das Aldeias *Condensadoras*, onde a sua materialização permanente foi efectiva, adquirindo os mais diversos programas depois dos Jogos.

Ao nível urbano, os complexos habitacionais Olímpicos realçaram duas situações: se os programas Olímpicos forem descentralizados uns em relação aos outros ou mesmo com a cidade, implica um maior investimento nas infra-estruturas de transporte rodoviário e ferroviário, de modo a possibilitar uma eficaz rede de ligações, tanto para o evento, como para o futuro da cidade – como se verificou, principalmente, a partir da década de sessenta; se tiverem uma condição mais central implicam que haja um bom entrosamento entre a nova construção e a malha da cidade existente. Para que isto aconteça, é essencial que um plano urbano definido pela cidade anfitriã exista previamente e o projecto Olímpico seja projectado de acordo com esse traçado.

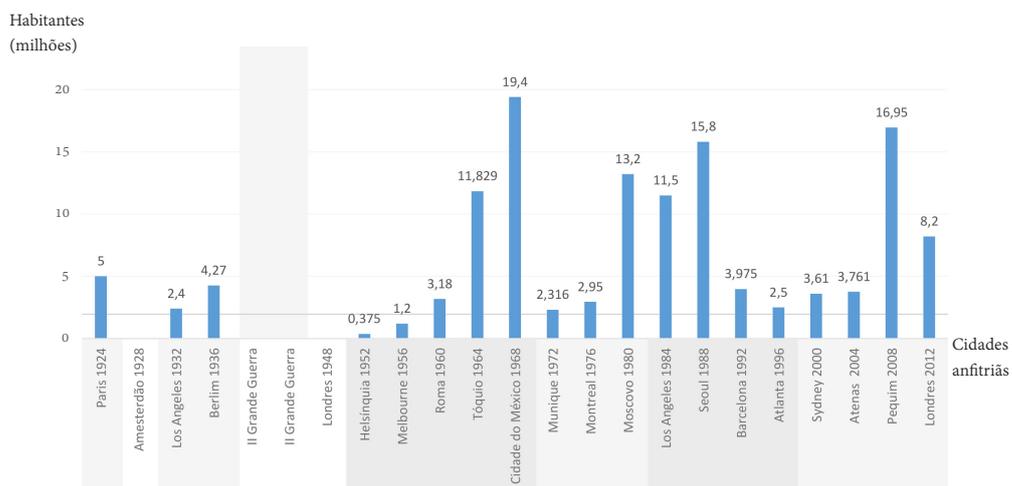


Figura 178 - Gráfico do número de habitantes das cidades anfitriãs.

Os Jogos Olímpicos acabam por tecer diferentes texturas da cidade que estavam desagregadas umas das outras. Por este motivo e pela exposição mediática do evento, que faz atrair grandes investimentos públicos e privados, que de outra forma não seriam possíveis de obter, os Jogos são cada vez mais um estimulante para as cidades, que pretendem regenerar a malha urbana. Todavia, pela experiência das cidades anfitriãs a partir dos anos sessenta do século XX, verifica-se que só as metrópoles com, pelo menos, dois milhões de habitantes justificam o investimento feito em infra-estruturas necessárias, tanto desportivas como habitacionais, pois só essas conseguem absorver o impacto das despesas efectuadas, no pós-evento (figura 178).

O evento Olímpico tem o desafio de responder, numa primeira instância, às necessidades dos atletas e conseqüentemente dos utilizadores permanentes, pelo que os Jogos têm que estar ao serviço da cidade e não a cidade para os Jogos, já que eles são efémeros e as cidades são permanentes. Conclui-se assim que este acontecimento terá um papel importante no desenvolvimento futuro das urbes, na qual a projecção de um bom legado é essencial.

Se com o Segundo Pós-Guerra, as Aldeias Olímpicas eram edificadas pela necessidade inerente das cidades para alojar as pessoas afectadas pelo conflito, a formulação do conceito de legado e a consciência de que era essencial pensar nestes complexos com uso posterior, enquanto sectores com dupla função, só floresceu no seio dos Comitês Organizadores no fim dos anos sessenta e início de setenta, com as Aldeias da Cidade do México e de Munique. A cidade mexicana fracassou, enquanto modelo residencial futuro, pela falta de serviços e ligações de transporte, ao passo que o complexo alemão foi projectado, em parte, para alojar estudantes e, na outra, para acomodar uma nova comunidade de famílias. Posto isto, actualmente, verificamos uma tendência para o investimento no sector habitacional para a classe média e alta. Parte das casas vendidas são postas no mercado a preços mais acessíveis, contudo esse valor é demasiado elevado para a grande maioria das populações, que por vezes chegam a ser expropriadas das suas habitações e terrenos, para assim dar lugar a estes complexos. Outra parte segue para arrendamento, constituindo um ponto importante, pois possibilita a manutenção dos edifícios de forma mais frequente.

Igualmente, a partir da década de setenta, no domínio das Aldeias *Condensadoras*, vimos nascer o conceito do Parque da Aldeia Olímpica. Este surgiu pela necessidade de espaços

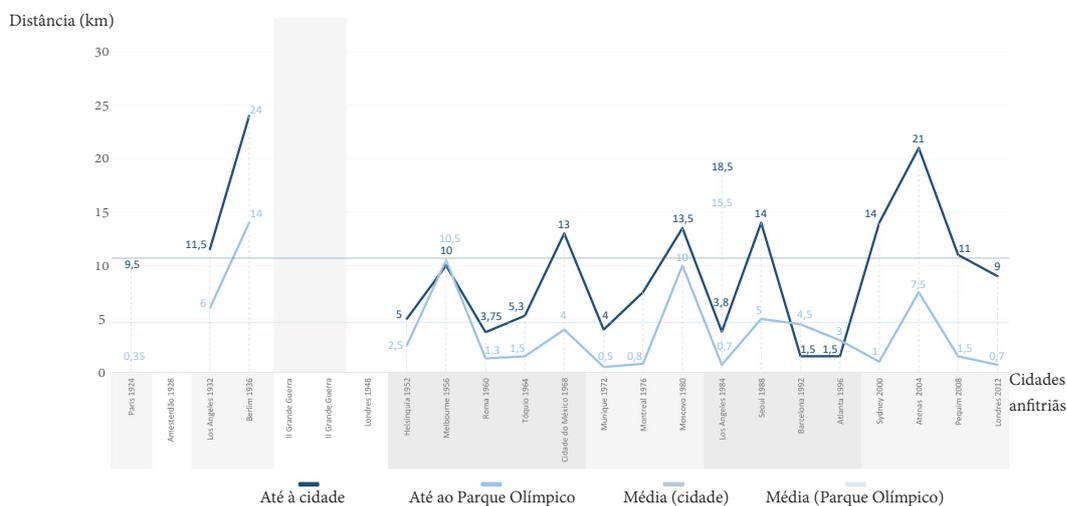


Figura 179 - Gráfico das distâncias desde a Aldeia Olímpica até à cidade anfitriã e Parque Olímpico.

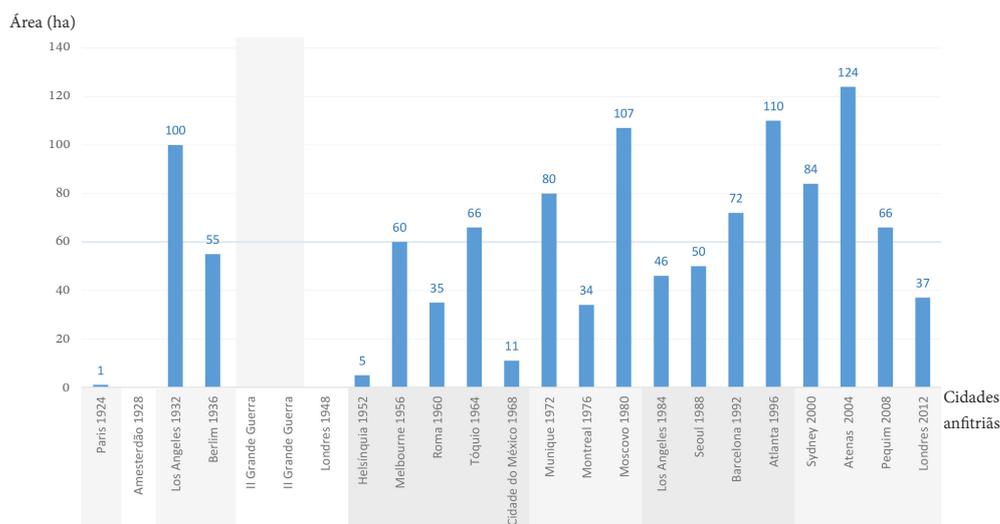


Figura 180 - Gráfico das áreas das Aldeias Olímpicas.

verdes públicos inseridos no programa das residências Olímpicas como nas cidades, após o fim do evento. Este foi um programa que, aliado às preocupações ambientais da sociedade contemporânea, ajudou a consciencializar o Movimento Olímpico para o dever, enquanto evento de grande exposição mediática, de implementar soluções ecológicas para as suas habitações e recintos desportivos, as quais se têm verificado nas Aldeias *Contemporâneas*.

Inicialmente, o desenvolvimento do programa Olímpico incidiu no aperfeiçoamento dos serviços providenciados aos atletas dentro da Aldeia Olímpica, disponibilizando ao mesmo tempo um maior número de habitações à sociedade. Posteriormente, numa época onde a prioridade era regenerar as cidades, procedeu-se a uma promoção do programa Olímpico mais na relação com a cidade anfitriã, libertando-a dos tecidos fabris e dos consequentes problemas de poluição a si associados, no período pós-industrial.

O trabalho manifestou ser um meio para uma reflexão sobre a arquitectura depois do movimento moderno e como o modelo das Aldeias Olímpicas foi resgatar temas propostos pelas vanguardas, suas contemporâneas, adaptando-as ao programa particular que os complexos habitacionais Olímpicos representam, bem como a cada contexto local e ao tipo de atleta que o habita. Ao longo do desenvolvimento da dissertação a pergunta *Existe um modelo de Aldeia ideal?* foi emergindo. Na verdade, não se pode dizer que haja uma tipologia de Aldeia ideal, cada cidade tem a sua história, que é produto de uma sociedade em particular, na qual cada modelo de Aldeia tem de se adaptar ao contexto em que se insere. A arquitectura actual tem o dever de pensar o futuro no presente, sem esquecer o passado.

Apesar disso, após cada edição dos Jogos Olímpicos, o conceito de Aldeia Olímpica sai reforçado com novas visões e concepções. Com o aumento de sucesso do evento, os serviços ficaram mais diversos e o planeamento e as funções de diferentes programas do complexo evoluíram, acabando por ser possível estabelecer-se alguns padrões: a partir de Helsínquia a tendência da Aldeia foi ficar mais próxima do Parque Olímpico, com a distância média – à data de escrita do trabalho – a fixar-se nos 4,59 quilómetros e com a distância à cidade a ser 10,78 quilómetros (figura 179). Já na área das Aldeias Olímpicas (figura 180) verifica-se uma alteração da média das áreas necessárias, com eixo de mudança em Munique. Até 1972, a média rondava os 41,6 hectares, passando a 67 hectares a partir dessa data. Podemos entender esta alteração

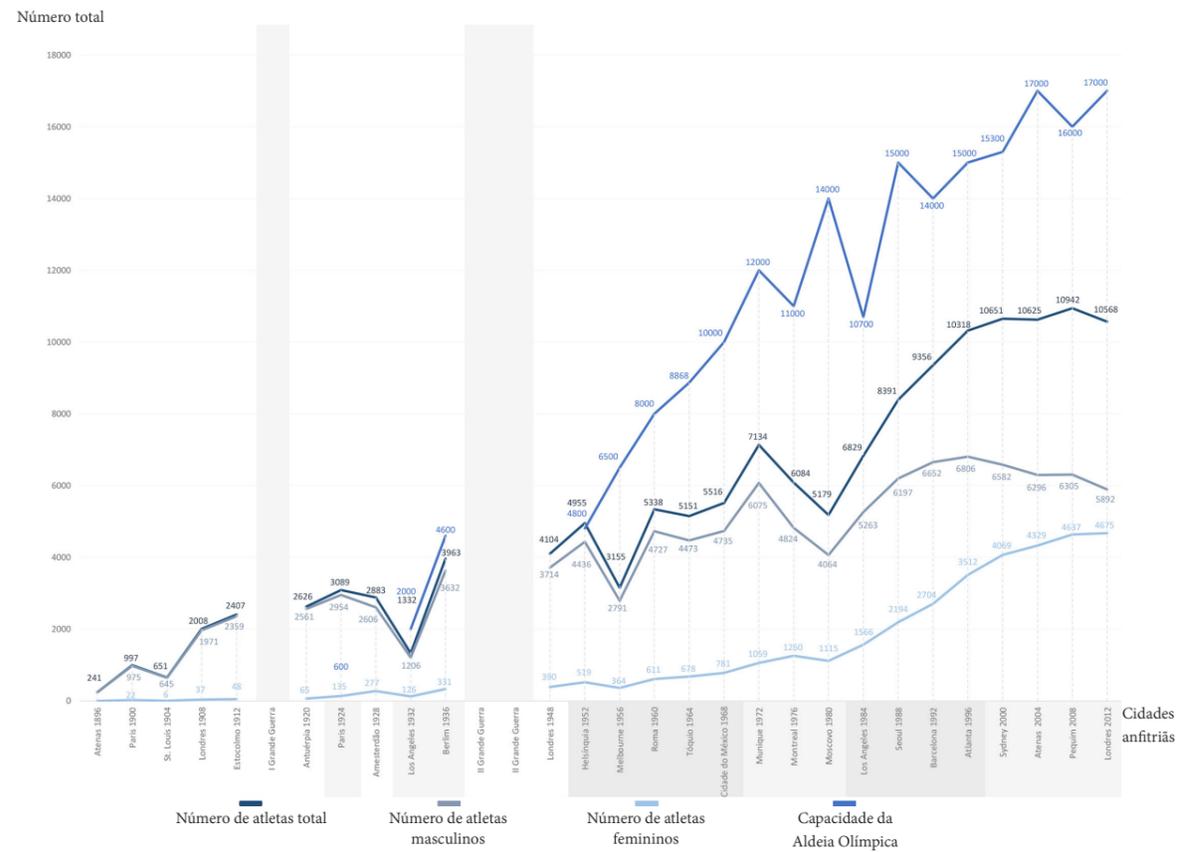


Figura 181 - Gráfico do número de atletas participantes, o seu total e a capacidade das Aldeias Olímpicas.

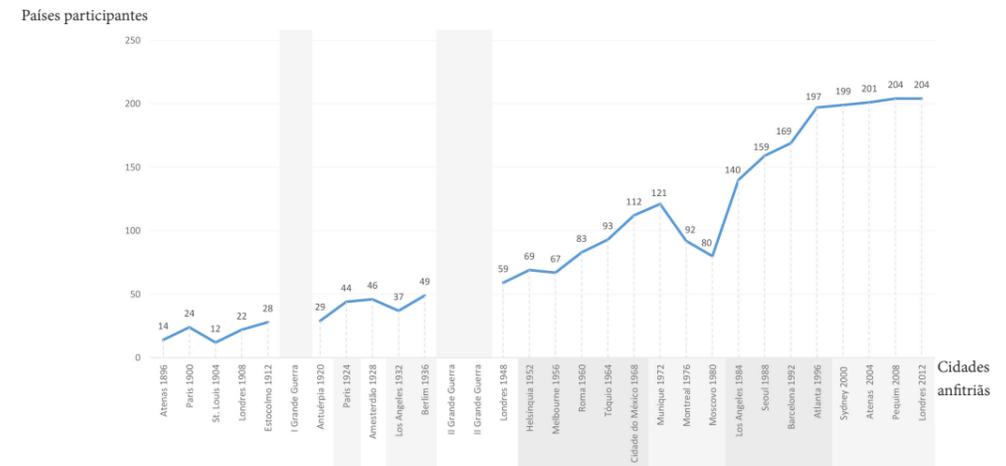


Figura 182 - Gráfico do número países participantes.

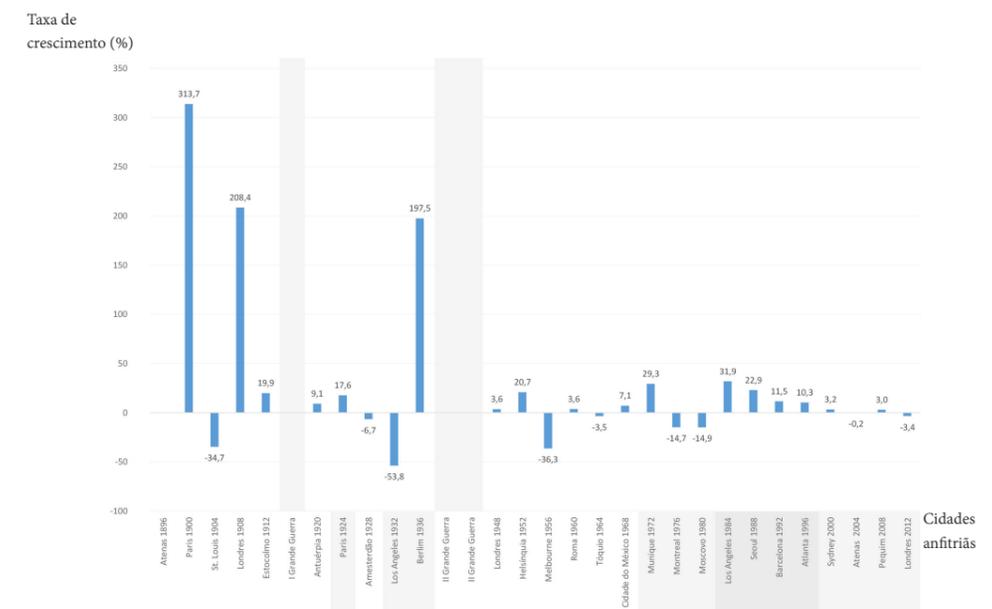


Figura 183 - Gráfico da taxa de crescimento do número de atletas.

pelo crescimento verificado na oferta de serviços a partir dessa data e do consequente aumento do número de pessoas a ser alojado no complexo residencial. Sob outra perspectiva, a variação não foi maior, pois os núcleos residenciais foram compactados em edifícios mais altos e com maior capacidade habitacional. A média global é aproximadamente 60 hectares, sendo este o valor de referência imposto aos países anfitriões, actualmente.

Estas condicionantes económicas, sociais, políticas e geográficas afectaram pontualmente o número de países e atletas participantes. Através da análise do gráfico dos atletas participantes (figura 181) verificamos que o número de atletas femininas cresce substancialmente a partir da década de oitenta, aproximando-se do número total de atletas masculinos, decerto em consequência do papel mais activo da mulher na sociedade e consequentemente no mundo do desporto. No que se refere à capacidade das áreas residenciais (figura 181) constata-se uma grande evolução em relação ao número total de atletas, em virtude do número de serviços disponíveis aos atletas e da importância dos meios de comunicação social ter aumentado a partir da Segunda Guerra, o que amplificou, por seu turno, o número de trabalhadores a ser alojado. Quanto ao número de países participantes (figura 182) percebemos que existiu uma grande queda no número total de países participantes durante a Guerra Fria: primeiro com a grave crise energética mundial, em 1976, a afectar os Jogos de Montreal, e, de seguida, os Jogos de Moscovo, onde houve um grande número de países capitalistas a boicotar o evento a pedido dos EUA, devido à invasão do Afeganistão, por parte da URSS.

Ao longo dos anos a taxa de crescimento do número de atletas (figura 183) foi sofrendo numerosas subidas e descidas pelos diferentes tipos de contexto. À já mencionada queda, durante a segunda metade da década de setenta, acrescem quebras em conjunturas geográficas mais afastadas: St. Louis em 1908, Los Angeles em 1932 – na qual se junta a grave crise económica mundial – e Melbourne em 1956. Subidas foram vistas em momentos-chave da história dos Jogos, com a junção do evento Olímpico às Exposições Universais em 1900, com a posterior separação em 1908 e devido à construção da primeira Aldeia Olímpica permanente, em Berlim. A partir de 1984, com a diminuição dos boicotes internacionais a grande escala e com o consequente aumento do número de habitantes, as dinâmicas de alteração às taxas de crescimento já não são tão desmesuráveis, diminuindo para valores inferiores a cinco pontos percentuais, o que nos

leva a crer que o número máximo de capacidade, nos moldes actuais do evento e das Aldeias Olímpicas, está a ser atingindo ¹⁰⁸. O nome do complexo residencial, num sentido metafórico, já se extinguiu há muito. Para se hospedar mais de 15000 pessoas não é possível construir-se uma 'Aldeia', mas sim uma 'Cidade' e se este número de participantes continuar a crescer será necessário repensar a Aldeia Olímpica, ou mesmo a estratégia dos Jogos, de forma a hospedar todos os participantes.

Em suma, da respectiva análise aos casos de estudo, retira-se que a evolução vista no planeamento dos modelos de residências Olímpicas e nas decisões arquitectónicas, quanto ao desenho dos espaços, correspondem, por um lado, ao perfil do atleta que o utiliza e, por outro, à pluralidade de contextos onde os Jogos Olímpicos foram implementados. O atleta evoluiu de um desportista primário, no que diz respeito aos hábitos alimentares e regimes de treino, para um atleta de alto rendimento, onde serviços direccionados ao lazer e relaxamento eram disponibilizados. Primeiro foram estes que se adaptaram às condições oferecidas pelas Aldeias e depois foram estas a moldar-se às necessidades dos desportistas. Já o alargado arco temporal impôs que elementos como a economia local e mundial, a política e as relações entre nações, a cultura de um país e os problemas ambientais, tanto atmosféricos como dos solos, se espelhassem em diferentes níveis de resposta ao programa por parte de cada país anfitrião.

O tema das Aldeias Olímpicas é ainda pouco explorado academicamente, porém é extremamente rico em conteúdos, que importam ser aprofundados e estudados. Esta dissertação não pretende encerrar o estudo desta temática, mas inspirar o início de novos estudos, até porque novas questões serão levantadas e novas vanguardas de arquitectura surgirão. Este tema está sujeito a uma evolução constante.

Devem as Aldeias Olímpicas futuras ter um papel mais activo no sector da sociedade mais desfavorecido? Como? É contraditório haver demolições e expropriações e argumentar-se que se interveio no sector mais pobre da cidade, pois a parte pobre não é o edificado, mas sim o sector da população que não se encontra integrado na sociedade. Ao retirá-lo do local não se resolve o problema, simplesmente se adia. Estas são questões deixadas em aberto pelos diversos organizadores ao longo dos últimos anos e que necessitam de uma resposta efectiva no futuro.

¹⁰⁸ A capacidade do complexo residencial Olímpico, no Rio de Janeiro, em 2016, foi 18000 pessoas.

Para finalizar, recordando a epígrafe deste trabalho, a Aldeia Olímpica apresenta-nos um novo modelo de habitar, onde o Comité Olímpico Internacional impõe normas, porém dá liberdade a cada país organizador de desenvolver novas ideias. A história da humanidade será sempre lembrada pelas guerras e conflitos, que sucedem em todas as gerações, porém, apesar das dissidências ilustradas ao longo do trabalho, a vivência conjunta de pessoas de diferentes nações, raças, religiões e culturas é possível, não existindo outro modelo de habitação igual, o que confere um carácter extraordinário à Aldeia Olímpica. Esta, mais que um mero produto de arquitectura, do seu tempo e contexto, surgiu para aperfeiçoar o Homem e estes são os elementos que constituem o referido *acto criativo*.

Referências Bibliográficas

Livros, documentos publicados e Teses de Doutoramento

- Barke, M. (2016). Mexico City 1968. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.287-300). London: Routledge.
- Carbonell, J. (1997). The Barcelona'92 Olympic Village. In M. de Moragas Spà, M. Llinés & B. Kidd (Eds.). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences: International Symposium on Olympic Villages, Lausanne 1996*. (pp.141-147). Lausanne: International Olympic Committee.
- Cook, I. G. & Miles, S. (2016). Beijing 2008. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.359-377). London: Routledge.
- Evans, G. & Edizel, Ö. (2016). London 2012. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.378-399). London: Routledge.
- Felli, G. (1997). IOC Requirements for Olympic Villages. In M. de Moragas Spà, M. Llinés & B. Kidd (Eds.). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences: International Symposium on Olympic Villages, Lausanne 1996*. (pp.205-213). Lausanne: International Olympic Committee.
- Ferreira, C. (2005). *A Expo'98 e os imaginários do Portugal contemporâneo: cultura, celebração e políticas de representação*. Tese de doutoramento em Sociologia do Desenvolvimento e da Transformação Social, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Freestone, R. & Gunasekara, S. (2016). Sydney 2000. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.317-332). London: Routledge.
- Games of the XXI Olympiad Montréal 1976: Guide to Olympic Village*. (s.d.). Documento enviado pelo Sr. Raynald Lepage, da McGill University Library, através do contacto directo do autor.
- Gold, J. R. & Gold, M. M. (2016). The Enduring Enterprise: The Summer Olympics, 1896-2012. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.21-63). London: Routledge.
- Gold, M. M. (2016). Athens 2004. In J. R. Gold & M. M. Gold (Eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.333-358). London: Routledge.
- Grande, N. (2009). *Arquitecturas da cultura: política, debate, espaço: génese dos grandes equipamentos culturais da contemporaneidade portuguesa*. Tese de doutoramento em Arquitectura, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Indovina, F. (1999). Os grandes eventos e a cidade ocasional. In V. M. Ferreira & F. Indovina (Org.). *A cidade da EXPO'98: uma reconversão na Frente Ribeirinha de Lisboa?*. (pp.126-143). Lisboa: Editorial Bizâncio.

- Kassens-Noor, E. (2016). Olympic Transport. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.253-265). London: Routledge.
- Kittell, S. (1997). The Olympic Village of Sydney 2000. In M. de Moragas Spà, M. Llinés & B. Kidd (Eds.). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences: International Symposium on Olympic Villages, Lausanne 1996*. (pp.111-119). Lausanne: International Olympic Committee.
- Latouche, D. (2011). Montreal 1976. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2016*. (pp.247-267). London: Routledge.
- Meyer, M. (2016). Munich 1972. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.301-316). London: Routledge.
- Millet, L. (1997). Olympic Villages after the Games. In M. de Moragas Spà, M. Llinés & B. Kidd (Eds.). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences: International Symposium on Olympic Villages, Lausanne 1996*. (pp.123-129). Lausanne: International Olympic Committee.
- Monclús, F. J. (2011). Barcelona 1992. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2016*. (pp.268-286). London: Routledge.
- Montaner, J. M. (2001). *Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX* (M. B. C. Mattos, Trad.). Barcelona: Gustavo Gili.
- Müller, N. & Todt, N. S. (Eds.). (2015). *Pierre de Coubertin, 1863-1937: Olimpismo, Seleção de textos* (L. C. Bombassaro, Trad.). Porto Alegre: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, EdiPUCRS. Obra original publicada em 1986.
- Muñoz, F. M. (1997). Historic Evolution and Urban Planning Typology of Olympic Villages. In M. de Moragas Spà, M. Llinés & B. Kidd (Eds.). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences: International Symposium on Olympic Villages, Lausanne 1996*. (pp.27-51). Lausanne: International Olympic Committee.
- Nel.lo, O. (1999). A transformação da frente de mar de Barcelona: Cidade Olímpica, Diagonal Mar e Besòs. In V. M. Ferreira & F. Indovina (Org.). *A cidade da EXPO'98: uma reconversão na Frente Ribeirinha de Lisboa?*. (pp.41-62). Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Pinto, P. M. (2013). O lugar: Olímpia, o santuário-estádio. In Jesus, C. A. M., Franco, J., Brás, J. G. V., Serra, J. P., Sérgio, M., ... Garcia, R. P. *Olímpico: Os jogos num percurso de valores e significados*. (pp. 15-22). Porto: Edições Afrontamento.
- Redacção QuidNovi. (2004). *Jogos Olímpicos: 1896 Atenas 2004*. Revisão de Luís Lopes. Matosinhos: Quidnovi.

- Sainsbury, T. (2016). Olympic Villages. In J. R. Gold & M. M. Gold (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2020*. (pp.180-202). London: Routledge.
- The Olympic Village*. (s.d.). Documento enviado pelo Sr. Raynald Lepage, da McGill University Library, através do contacto directo do autor.
- Yaloris, N. (1997). The City of Elis. The Primordial Olympic Village. In M. de Moragas Spà, M. Llinés & B. Kidd (Eds.). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences: International Symposium on Olympic Villages, Lausanne 1996*. (pp.23-26). Lausanne: International Olympic Committee.

Artigos de revistas e documentos electrónicos

- Athens 2004 fails to live up to 'green' expectations*. (2005). Disponível em: <https://www.euractiv.com/section/sports/news/athens-2004-fails-to-live-up-to-green-expectations/>. Consultado a: 17 de Julho de 2017.
- Balducci, F. (2014). *Villaggio Olimpico: Vittorio Cafiero, Adalberto Libera, Amedeo Luccichenti, Vincenzo Monaco, Luigi Moretti*. Disponível em: <http://www.archidiap.com/opera/villaggio-olimpico/>. Consultado a: 9 de Fevereiro de 2017.
- Bohigas, O. (1992). Una nueva Barcelona. Reflexiones sobre los últimos diez años. *Monografías de Arquitectura y Vivienda*, 37, 6-11.
- Bortolotti, M. (2009). *The origins of the Olympic Village: Los Angeles 1932 and Berlin 1936*. Retirado de: <https://www.researchgate.net/publication/307653981>. Consultado a: 3 de Dezembro de 2016.
- Buchanan, P. (2012). 'Livingstone, supongo': La arquitectura de los Juegos, un legado en claroscuro. *Arquitectura Viva*, 143, 20-25.
- Burdett, R. (2012). 'Gran Salto hacia el Este: Los Juegos Olímpicos, una oportunidad para Londres. *Arquitectura Viva*, 143, 15-19.
- Buxton, P. (2012). *Julian Lewis's inspiration: the 1960 Olympic Village, Rome*. Disponível em: <http://www.bdonline.co.uk/julian-lewis%E2%80%99s-inspiration-the-1960-olympic-village-rome/5031371.article>. Consultado a: 1 de Dezembro de 2016.
- Clotet, L. & Paricio, I. (1992). La cara del orden: Unidad de proyecto 7.5. *Monografías de Arquitectura y Vivienda*, 37, 70-73.
- Cox Architecture (s.d.). *Website do atelier*. Disponível em: <http://www.coxarchitecture.com.au/project/newington-olympic-village/>. Consultado a: 14 de Julho de 2017.
- Forgey, B. (1988). *Seoul's Olympic inspiration*. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1988/09/17/seouls-olympic-inspiration/d916e101-5867-4218-8dbe-51875690f055/?utm_term=.7a16e2f052e7. Consultado a: 27 de Junho de 2017.

- Gonsales, C. H. C. (2014). Ofício, arte e ornamento na arquitetura moderna. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.172/5300>. Consultado a: 25 de Julho de 2017.
- Greenpeace. (2000). *Greenpeace Olympic Environmental Guidelines: A Guide to Sustainable Events*. Retirado de: <http://www.greenpeace.org/eastasia/PageFiles/301173/guideline.pdf>. Consultado a: 21 de Julho de 2017.
- Ingersoll, R. (1992). Arquitecturas de la Barcelona olímpica. Diario de un crítico poscolombino. *Monografías de Arquitectura y Vivienda*, 37, 18-27.
- Knapp, C. (2013). *Por que é hora de abandonar a pré-fabricação?*. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-163194/por-que-e-hora-de-abandonar-a-pre-fabricacao>. Consultado a: 25 de Julho de 2017.
- No gold medal for the environment in the Athens Olympics*. (2004). Disponível em: <https://www.wwf.org.uk/updates/no-gold-medal-environment-athens-olympics>. Consultado a: 18 de Julho de 2017.
- Rivas, C. & Sarhandi, D. (2005). This is 1968... This is Mexico. *Eye*, nº 56, Verão 2005. Disponível em: <http://www.eyemagazine.com/feature/article/this-is-1968-this-is-mexico>. Consultado a: 9 de Maio de 2017.
- Salastie, R., Karisto, M., Ahvenainen H. & Lähteenmäki, N. (2015). *Kisakylän Korjaustapaohje*. Retirado de: http://www.hel.fi/hel2/ksv/julkaisut/aos_2015-3.pdf. Consultado a: 11 de Maio de 2017.
- Salvo, S. (2012). A vila olímpica de roma 1960-2011: por um reconhecimento histórico-crítico (B.M. Kühl, Trad.). *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP* v. 19, n. 31, 2012, 210-230. Retirado de: <http://www.revistas.usp.br/posfau/issue/view/3949/showToc>. Consultado a: 12 de Fevereiro de 2017.
- Solà-Morales, I. (1992). Uso y abuso de la ciudad histórica: La Villa Olímpica de Barcelona. *Monografías de Arquitectura y Vivienda*, 37, 28-32.
- Taylor, E. (2000). *Our green Olympic Village*. Disponível em: <http://www.abc.net.au/science/slab/olympics/>. Consultado a: 14 de Julho de 2017.
- Tostões, A. (2004). *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. Retirado de: http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf. Consultado a: 8 de Maio de 2017.
- Tusquets, Ó. & Díaz, C. (1992). El lenguaje de la tradición: Unidad de proyecto 7.7 litoral. *Monografías de Arquitectura y Vivienda*, 37, 74-77.
- Wainwright, O. (2012). *London 2012 Athletes' Village*. Disponível em: <http://www.bdonline.co.uk/london-2012-athletes'-village/5030937.article>. Consultado a: 1 de Dezembro de 2016.
- White, J. (2002). "The Los Angeles Way of Doing Things:" *The Olympic Village and the Practice of Boosterism in 1932*. Retirado de: http://library.la84.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika_2002/olympika1101d.pdf. Consultado a: 23 de Janeiro de 2017.

Wilant, N. C. (2016). *Art Works as Sources for Sport History Research: The Example of 'Sports Allegory/ The Crowning of the Athletes' by Charles Louis Frédy de Coubertin*. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/loi/fhsp20>.

Yang, J. (2007). *The failure and success of greenbelt program in Beijing*. Retirado de: <https://www.researchgate.net/publication/223517003>. Consultado a: 21 de Julho de 2017.

Documentos do Comité Olímpico Internacional

Comité International Olympique. (1924). *Règlements et protocole de la célébration des Olympiades Modernes et des Jeux Olympiques Quadriennaux*. Retirado de: <https://www.olympic.org/olympic-studies-entre/collections/official-publications/olympic-charters>. Consultado a: 12 de Abril de 2017.

International Olympic Committee. (1991). *Olympic Charter*. Retirado de: <https://www.olympic.org/olympic-studies-centre/collections/official-publications/olympic-charters>. Consultado a: 25 de Março de 2017.

International Olympic Committee. (1997). IOC Olympic Village Guidelines. In M. de Moragas Spà, M. Llinés & B. Kidd (Eds.). *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences: International Symposium on Olympic Villages, Lausanne 1996*. (pp.215-270). Lausanne: International Olympic Committee.

International Olympic Committee. (2005). *Technical Manual on Olympic Village*. Retirado de: http://www.gamesmonitor.org.uk/files/Technical_Manual_on_Olympic_Village.pdf. Consultado a: 30 de Março de 2017.

International Olympic Committee. (2016). *Olympic Charter*. Retirado de: <https://www.olympic.org/olympic-studies-centre/collections/official-publications/olympic-charters>. Consultado a: 25 de Março de 2017.

International Olympic Committee. (2017). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*. Retirado de: <https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/161899/>. Consultado a: 23 de Maio de 2017.

Relatórios Oficiais dos Comités Nacionais

Athens 2004 Organising Committee for the Olympic Games. (2005). *Official Report of the XXVIII Olympiad* (Vol. 1). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2004/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.

- Beijing Organizing Committee for the Games of the XXIX Olympiad. (2010a). *Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games* (Vol. 2). Retirado de: [http://library.la84.org/6oic/Official Reports/2008/](http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2008/). Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Beijing Organizing Committee for the Games of the XXIX Olympiad. (2010b). *Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games* (Vol. 3). Retirado de: [http://library.la84.org/6oic/Official Reports/2008/](http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2008/). Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Comité Olympique Français. (1924). *Les Jeux de la VIII Olympiade: Paris 1924*. Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1924/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Comité d'Organisation Jeux Olympiques 76 (1978). *Montréal 1976: Games of the XXI Olympiad Montreal 1976: Official Report* (Vol. 1). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1976/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92. (1992a). *Official Report of the Games of the XXV Olympiad Barcelona 1992* (Vol. 3). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1992/>. Consultado a: 8 de Dezembro de 2016.
- Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92. (1992b). *Official Report of the Games of the XXV Olympiad Barcelona 1992* (Vol. 4). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1992/>. Consultado a: 8 de Dezembro de 2016.
- Lambros, SP. P. & Polites, N. G. (1896). The Olympic Games in Ancient Times. In SP. P. Lambros & N. G. Polites. *The Olympic Games B.C. 776 - A.D. 1896*. (pp.1-107). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1896/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Los Angeles Olympic Organizing Committee. (1985). *Official Report of the Games of the XXIIIrd Olympiad Los Angeles, 1984* (Vol. 1). Retirado de: [http://library.la84.org/6oic/Official Reports/1984/](http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1984/). Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade. (1974a). *Die Spiele: The Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XX Olympiad Munich 1972* (Vol. 1). Retirado de: [http://library.la84.org/6oic/ OfficialReports/1972/](http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1972/). Consultado a: 8 de Dezembro de 2016.
- Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade. (1974b). *Die Spiele: The Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XX Olympiad Munich 1972* (Vol. 2). Retirado de: [http://library.la84.org/6oic/ OfficialReports/1972/](http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1972/). Consultado a: 8 de Dezembro de 2016.
- Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936. (1937). *The Eleventh Olympiad, Berlin 1936: Official Report* (Vol. 1, pp.1-640). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1936/>. Consultado a: 4 de Dezembro de 2016.

- Organising Committee of the 1980 Olympic Games in Moscow. (1981). *Games of the XXII Olympiad: Official Report of the Organising Committee of the Games of the XXII Olympiad, Moscow, 1980* (Vol 2.). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1980/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Organizing Committee for the Games of the XVIII Olympiad. (1966). *The Games of the XVIII Olympiad, Tokyo 1964: The Official Report of the Organizing Committee* (Vol. 1). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1964/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Organizing Committee of the Games of the XIX Olympiad. (1969). *The Official Report 1968* (Vol. 2). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1968/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Organizing Committee of the Games of the XVII Olympiad. (1960). *The Games of the XVII Olympiad Rome 1960: the official report of the Organizing Committee* (Vol. 1). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1960/>. Consultado a: 8 de Dezembro de 2016.
- Seoul Olympic Organizing Committee. (1989). *The Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XXIVth Olympiad Seoul 1988* (Vol. 1). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1988/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- Sydney Organising Committee for the Olympic Games. (2001). *Official Report of the XXVII Olympiad* (Vol. 1). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/2000/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- The Atlanta Committee for the Olympic Games. (1997). *The Official Report of the Centennial Olympic Games* (Vol. 1). Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1996/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- The Organising Committee for the XV Olympiad Helsinki 1952. (1952). *The Official Report of the Organising Committee for the Games of the XV Olympiad*. Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1952/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- The Organizing Committee of the XVI Olympiad, Melbourne, 1956. (1958). *The Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XVI Olympiad, Melbourne 1956*. Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1956/>. Consultado a: 21 de Fevereiro de 2017.
- The Xth Olympiad Committee of the Games of Los Angeles (ed.) (1933). *The Games of the Xth Olympiad Los Angeles 1932: official report*. Retirado de: <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1932/>. Consultado a: 8 de Dezembro de 2016.
- Thompson, R. (s.d.). Report on VIII Olympiad, Paris, France, 1924. Retirado de: http://library.la84.org/6oic/USOC_Reports/1924/USOCReport1924.pdf. Consultado a: 13 de Abril de 2017.

Filmografia

- Gezza1967. (2012, Junho 5). *Olympic Village at Heidelberg 1956* [Ficheiro de vídeo]. Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=xup5STpunTs>
- Olympic. (2015, Julho 22). Melbourne 1956 Olympic Games - Official Olympic Film | Olympic History [Ficheiro de vídeo]. Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=EDA5BvvtDsM&t=1984s>
- Riefenstahl, L. (Director). (1938a). *Olympia 1. Teil - Fest der Völker* [Ficheiro de vídeo]. Retirado de: <https://archive.org/details/LeniRiefenstahlOlympiaFestDerVolker1936>
- Riefenstahl, L. (Director). (1938b). *Olympia 2. Teil - Fest der Schönheit* [Ficheiro de vídeo]. Retirado de: <https://archive.org/details/LeniRiefenstahlOlympiaDasFestDerSchnheit1936>

- Figura 1 - Tabela com os Jogos Olímpicos realizados, com as abordagens estudadas das Aldeias Olímpicas.
Tabela realizada pelo autor.
- Figura 2 - Santuário de Olímpia na Antiguidade, por Heinrich Gärtner.
http://www.midi-miti-mici.it/imago/435px-Heinrich_Gartner_-_Die_Altis_von_Olympia.jpg
- Figura 3 - Exposição Universal no Crystal Palace, Londres, 1851.
http://archexpo.net/sites/default/files/crystalpalace_victorians109-wl_0.jpg?slideshow=true&slideshowAuto=false&slideshowSpeed=4000&speed=350&transition=fade
- Figura 4 - Estádio Panatenaico nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896.
<http://www.greece.org/blogs/scholars/wp-content/uploads/2016/04/Oly-Panathenaic.jpg>
- Figura 5 - Corrida de Balões de ar quente nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900.
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/1f/77/d9/1f77d9e928c39a4e00171652cb5192cc.jpg>
- Figura 6 - Atletas da Equipa Olímpica Americana a treinar a bordo do navio S.S. *Finland*, em 1912 .
<http://usfencingresults.org/history/olympic/photos/?dir=1912&page=all>
- Figura 7 - Entrada da Aldeia Olímpica de Paris, em 1924.
<http://www.insidethegames.biz/articles/1038893/a-history-of-athletes-villages-at-an-olympic-games-from-1924-to-2016>
- Figura 8 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Paris, em 1924.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 9 - Planta de implantação da Aldeia Olímpica de Paris.
(Comité Olympique Français, 1924, p.51) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 10 - Dois atletas japoneses no quarto da Aldeia Olímpica.
(International Olympic Committee, 2017, p.6)
- Figura 11 - Rua e praça no interior da Aldeia Olímpica.
(Comité Olympique Français, 1924, p.60)
- Figura 12 - Vista superior da Aldeia Olímpica, desde a ponte que cruzava a avenida Valmy.
(Comité Olympique Français, 1924, p.60)
- Figura 13 - Americanos após o *crash* da Bolsa correram aos bancos para salvar as suas economias.
<https://theunwrittenrecord.files.wordpress.com/2014/10/banks-1.jpg>
- Figura 14 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Los Angeles, em 1932.
Planta realizada pelo autor
- Figura 15 - Vista aérea da Aldeia Olímpica e da área circundante.
https://cdn.vox-cdn.com/uploads/chorus_asset/file/4841213/aerial_20olympic_20village.0.jpg
- Figura 16 - Trabalhos de colocação das fundações dos edifícios.
<http://jpg1.lapl.org/00098/00098682.jpg>
- Figura 17 - Transporte das peças pré-fabricadas das cabanas da Aldeia Olímpica.
<http://jpg2.lapl.org/pics29/00049030.jpg>
- Figura 18 - Planta e alçados da cabana de habitação.
Planta realizada pelo autor através da interpretação de diversos textos e fotografias.
- Figura 19 - Fotografias do interior dos quartos.
Sequência de fotografias extraídas da publicação “Olympic - Official publication of the Organizing Committee Games of the Xth Olympiad Los Angeles” recebida pelo autor através do contacto directo com a LA84 Foundation.
- Figura 20 - Atletas a treinar junto às habitações.
<https://www.theguardian.com/science/the-h-word/2016/aug/09/medicine-olympics-a-bluffers-guide-to-120-years-of-medical-history#img-4>

- Figura 21 - Atletas a jogar um jogo tradicional indiano.
http://photobucket.com/gallery/http://s1165.photobucket.com/user/Goalie48/media/Westside/1932%20Olympics/Whatgamearetheyplaying_zps4e49404c.jpg.html
- Figura 22 - Cantinas em segundo plano.
 (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.272)
- Figura 23 - Interior de uma sala de jantar.
 (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.259)
- Figura 24 - Atletas americanos a fazer corrida de manutenção na Aldeia Olímpica.
 (The Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, 1933, p.284)
- Figura 25 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Berlim, em 1936.
 Planta realizada pelo autor
- Figura 26 - Planta de implantação da Aldeia Olímpica de Berlim.
<https://i.pinimg.com/736x/3f/b1/fe/3fb1fe5af81e5ee1b9802a4b8e90f890---olympics-berlin-olympics.jpg>
- Figura 27 - Fresco a ser pintado, representando o mercado principal de Nuremberga.
http://blog.ullsteinbild.de/gallery/olympisches-dorf-bei-berlin-1936/#!http://blog.ullsteinbild.de/wp-content/uploads/2016/01/ullstein_low_00327027.jpg
- Figura 28 - Fauna presente no complexo habitacional.
 (Riefenstahl, 1938b).
- Figura 29 - Transplante de uma árvore na construção da Aldeia Olímpica.
<https://books.google.pt/books?id=3CpzDQAAQBAJ&lpg=PA503&dq=olympische%20dorf%20berlin%20grundrisse&hl=pt-PT&pg=PA503#v=onepage&q&f=false>
- Figura 30 - Exterior de um dos edifícios de habitação.
http://blog.ullsteinbild.de/gallery/olympisches-dorf-bei-berlin-1936/#!http://blog.ullsteinbild.de/wp-content/uploads/2016/01/ullstein_low_00326763.jpg
- Figura 31 - Edifício de habitação [actualmente].
<http://www.polarwelten.de/include.php?path=content/articles.php&contentid=705&PHPKITSID=4233f7a69db13115b486200950a4c732>
- Figura 32 - Plantas dos edifícios de habitação.
<https://books.google.pt/books?id=3CpzDQAAQBAJ&lpg=PA503&dq=olympische%20dorf%20berlin%20grundrisse&hl=pt-PT&pg=PA503#v=onepage&q&f=false>
- Figura 33 - Atletas junto ao terraço das habitações.
 (Riefenstahl, 1938b).
- Figura 34 - Interior do quarto [actualmente].
https://hautevitrine.files.wordpress.com/2011/08/06-leslie-hossack_jesse-owens-room-meissen-house-1936-olympic-village.jpg
- Figura 35 - Vista do pátio interior do edifício central.
<https://www.berlinjournal.biz/wp-content/uploads/2016/08/Olympisches-Dorf-Elstal-Speisehaus-der-Nationen.jpeg>
- Figura 36 - Interior de uma sala de jantar.
http://blog.ullsteinbild.de/wp-content/uploads/2016/01/ullstein_low_01015183.jpg
- Figura 37 - Jesse Owens a treinar na pista de atletismo.
http://blog.ullsteinbild.de/wp-content/uploads/2016/01/ullstein_low_00307191.jpg
- Figura 38 - Interior da piscina [actualmente].
https://www.flickr.com/photos/captain_die/32134842263/
- Figura 39 - Envidraçado no interior do ginásio [actualmente].
http://media1.faz.net/ppmedia/aktuell/reise/1188533664/1.4325195/article_multimedia_overview/was-vom-olympischen-dorf.jpg

- Figura 40 - Implantação da Sauna junto ao lago *Waldsee*.
(Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936, 1937, p.175)
- Figura 41 - Um dos alojamentos para os Jogos Olímpicos de 1948.
http://news.bbc.co.uk/local/london/hi/people_and_places/2012/newsid_8846000/8846979.stm
- Figura 42 - Complexo residencial construído para os Jogos Olímpicos de 1940.
<https://www.pinterest.pt/pin/543809723735794913/>
- Figura 43 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Helsínquia, em 1952.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 44 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Helsínquia.
(Salastie, Karisto, Ahvenainen & Lähteenmäki, 2015, p.7) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 45 - Planta do piso térreo de um dos blocos de habitação.
(Salastie, Karisto, Ahvenainen & Lähteenmäki, 2015, p.39)
- Figura 46 - Atletas americanos nas varandas das residências.
<http://www.gettyimages.pt/fotos/olympic-village-helsinki?phrase=olympic%20village%20helsinki&excludenudity=false&sort=best#license> [Fotografia de Mark Kauffman]
- Figura 47 - Paletes de tijolos para a construção dos edifícios.
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c9/Building_Kisakyl%C3%A4_in_K%C3%A4pyl%C3%A4_1951.jpg
- Figura 48 - Fachada de um dos edifícios pintada com uma das cores do logótipo Olímpico [actualmente].
(Salastie, Karisto, Ahvenainen & Lähteenmäki, 2015, p.1)
- Figura 49 - Pórtico de entrada na Aldeia Olímpica.
<http://www.gettyimages.pt/fotos/olympic-village-helsinki?excludenudity=false&phrase=olympic%20village%20helsinki&sort=best#license>
[Fotografia de Popperfoto]
- Figura 50 - Interior da cantina.
(The Organising Committee for the XV Olympiad Helsinki 1952, 1952, p.99)
- Figura 51 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Melbourne, em 1956.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 52 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Melbourne.
(The Organizing Committee of the XVI Olympiad, Melbourne, 1956, 1958, p.131) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 53 - Vista aérea da *International Plaza*.
<http://cdn.newsapi.com.au/image/v1/46ada534ff3a98e45f06cd84c94284c5?width=650>
- Figura 54 - Atleta americano a falar com uma atleta italiana através da vedação.
(Olympic, 2015)
- Figura 55 - Em segundo plano vemos os dois tipos de blocos habitacionais.
(Gezza1967, 2012)
- Figura 56 - Campo de refugiados, no Campo Parioli, a Norte da cidade de Roma.
http://www.leolimpiadiditalia.it/images/villaggio_come_era.jpg
- Figura 57 - Traçado já construído do projecto de Claudio Longo.
(Salvo, 2012, p.213)
- Figura 58 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Roma, em 1960.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 59 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Roma.
(Organizing Committee of the Games of the XVII Olympiad, 1960, p.229) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 60 - Atletas debaixo do viaduto *Corso di Francia*.
<http://www.gettyimages.fr/detail/photo-d'actualit%C3%A9/olympic-village-photo-d'actualit%C3%A9/50559822#olympic-village-picture-id50559822> [Fotografia de James Whitmore]

- Figura 61 - Plantas das diferentes tipologias das habitações da Aldeia Olímpica.
(Salvo, 2012, p.216); <http://www.housingprototypes.org/images/olyvil10.gif> e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 62 - Praças, pátios e zonas de iluminação e de acessos criados pela diversidade arquitectónica do complexo [actualmente].
http://luz.it/sites/default/files/features/true-spirit-olympic-games/11h01780397_0.jpg
http://www.bdonline.co.uk/pictures/300xAny/3/0/5/1714305_Rome_Olympics_web_10.jpg
http://www.bdonline.co.uk/pictures/300xAny/3/0/3/1714303_Rome_Olympics_web_8.jpg
- Figura 63 - Materialidade das fachadas das residências Olímpicas [actualmente].
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/6a/93/c9/6a93c9718ad80d32feaa79d4971999c0--olympic-village-roma.jpg>
- Figura 64 - Atletas a dançar na sala de convívio.
<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/cuople-of-athletes-dancing-at-the-olympic-fotografia-de-not%C3%ADcias/141565183#cuople-of-athletes-dancing-at-the-olympic-village-rome-1960-picture-id141565183> [Fotografia de Mondadori Portfolio]
- Figura 65 - Atletas a ver televisão no exterior, debaixo das habitações.
<http://www.gettyimages.co.uk/detail/news-photo/rome-olympics-games-1960-italie-jeux-olympiques-de-rome-news-photo/166484852#rome-olympics-games-1960-08091960-italie-jeux-olympiques-de-rome-et-picture-id166484852> [Fotografia de Garofalo Jack]
- Figura 66 - Familiares de militares norte-americanos a abandonar as habitações em Washington Heights.
<https://www.pinterest.pt/pin/248612841912620316/>
- Figura 67 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Tóquio, em 1964.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 68 - Construção da rede rodoviária baseada na estratificação das vias.
http://i.huffpost.com/gadgets/slideshows/455232/slide_455232_6113202_free.jpg
- Figura 69 - Desenvolvimento do sistema de transporte público *monorail*.
http://i.huffpost.com/gadgets/slideshows/454062/slide_454062_6091356_free.jpg?1443155681015
- Figura 70 - Atletas a encontrarem-se junto à vedação que separa o sector masculino do feminino.
<http://www.gettyimages.pt/evento/tokyo-olympic-163790945#athletes-compete-in-the-womens-80m-hurdle-final-during-the-tokyo-at-picture-id164485881> [Fotografia de The Asahi Shimbun]
- Figura 71 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Tóquio.
(Organizing Committee for the Games of the XVIII Olympiad, 1966, pp.348-349) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 72 - Edifícios de habitação da Aldeia Olímpica e respectivas plantas.
[Plantas]
https://theolympians64to20.files.wordpress.com/2017/04/one-story-wooden-house-dorm_xviii-olympiad-bulletin-no12.jpg?w=940
https://theolympians64to20.files.wordpress.com/2017/04/two-story-wooden-house-dorm_xviii-olympiad-bulletin-no12.jpg?w=940
https://theolympians64to20.files.wordpress.com/2017/04/ferro-concrete-four-story-dorm_xviii-olympiad-bulletin-no12.jpg
[Fotografias]
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/95/Washington_Heights_in_Tokyo.JPG
(Organizing Committee for the Games of the XVIII Olympiad, 1966, p.330)
- Figura 73 - Planta do Clube Internacional.
<https://www.flickr.com>
- Figura 74 - Piscina no Clube Internacional.
(Organizing Committee for the Games of the XVIII Olympiad, 1966, p.352)

- Figura 75 - Supressão do protesto anti-governo dias antes ao começo dos Jogos Olímpicos.
<https://theolympians64to20.files.wordpress.com/2016/05/tlatelolco-massacre-1.jpg?w=940>
- Figura 76 - Vista aérea da Aldeia Olímpica Miguel Hidalgo.
<https://i.pinimg.com/736x/7d/a8/fd/7da8fdde7814ceaf9388b53a50531ccf--mexico--mexico-city.jpg>
- Figura 77 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a Cidade do México, em 1968.
 Planta realizada pelo autor.
- Figura 78 - Planta geral da Aldeia Olímpica da Cidade do México.
http://www.sideso.cdmx.gob.mx/documentos/ut/TLP_12-077-1_C.pdf e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 79 - Diferentes fases da construção do complexo habitacional Olímpico.
 (Organizing Committee of the Games of the XIX Olympiad, 1969, p.191).
- Figura 80 - Atletas a relaxar nos espaços exteriores junto ao Clube Internacional.
<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/an-athlete-sunbathing-in-the-olympic-village-fotografia-de-not%C3%ADcias/3419636#7th-october-1968-an-athlete-sunbathing-in-the-olympic-village-before-picture-id3419636> [Fotografia Keystone]
<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/the-larger-of-the-two-swimming-pools-of-the-fotografia-de-not%C3%ADcias/470653058#the-larger-of-the-two-swimming-pools-of-the-olympic-village-miguel-picture-id470653058> [Fotografia de Mondadori Portfolio]
- Figura 81 - Pirâmide pré-hispânica junto ao teatro ao ar livre.
 (Organizing Committee of the Games of the XIX Olympiad, 1969, p.214).
 (Organizing Committee of the Games of the XIX Olympiad, 1969, p.232).
- Figura 82 - Esculturas distribuídas pelos espaços exteriores.
<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/the-italian-gymnast-franco-menichelli-fotografia-de-not%C3%ADcias/470653038#the-italian-gymnast-franco-menichelli-photographs-his-wife-gabriella-picture-id470653038> [Fotografia de Mondadori Portfolio]
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/c5/ec/b8/c5ecb83c1502e6057c6aac7407b51855.jpg>
- Figura 83 - Viaduto Corso di Francia.
<http://www.leolimpiadiditalia.it/roma-cambia-1.html>
- Figura 84 - Vias rápidas construídas na cidade e comboio de alta-velocidade *Shinkansen*.
http://m.cdn.blog.hu/ri/ritkanlathatotortenelem/image/Napi/166/1964_oktober_1_az_elso_nagysebessegu_sinkanzen_vonat_uzembe_helyezese_japanban.jpeg
- Figura 85 - Auto-estrada *Ruta de la Amistad*.
http://www.arquine.com/wp-content/uploads/2013/05/ra_7.jpg
- Figura 86 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Munique, em 1972.
 Planta realizada pelo autor.
- Figura 87 - Relação da Aldeia Olímpica com o Parque da Aldeia Olímpica e o Parque Olímpico.
 (Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974a, p.128) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 88 - Campo militar de *Oberwiesenfeld*, em 1924.
http://www.forgottenairfields.com/uploads/airfields/germany/bavaria/upper_bavaria/oberwiesenfeld/800px-Suedbremse_1924.jpg
- Figura 89 - Colinas moldadas do Parque Olímpico [actualmente].
http://www.la-fauth.de/wp-content/uploads/2015/01/HMR4_2015_03_03_Olympiaberg.jpg
- Figura 90 - Parque Olímpico com as pontes de ligação para a Aldeia Olímpica [actualmente].
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/32/7e/6c/327e6c9f2eba92bd982913a23627b84a.jpg>
- Figura 91 - Escadas de acesso à área pedestre na Aldeia Olímpica.
 (Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974b, p.107)
- Figura 92 - Espaço pedestre para os atletas Olímpicos.
http://www.heinlewischerpartner.de/uploads/pics/muenchen_olymp_image_2_3k_01.jpg

- Figura 93 - Atletas a jogar xadrez na Aldeia Olímpica.
<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/athletes-relax-over-chess-in-olympic-village-fotografia-de-not%C3%ADcias/50625282#athletes-relax-over-chess-in-olympic-village-picture-id50625282> [Fotografia de Rich Clarkson]
- Figura 94 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Munique.
http://www.heinlewischerpartner.de/uploads/pics/muenchen_olymp.dorf_lageplan_01.jpg e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 95 - Tubos que guiavam os atletas, pela Aldeia, desde a *plaza* central.
https://1.bp.blogspot.com/-0j9HM_E-OqY/VpPNafBJLeI/AAAAAAAAAEsk/gdF8zhRpFdI/w1200-h630-p-k-no-nu/063_MEDIA_LINES_12.jpg_projectimage.jpg
(Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974b, p.104)
- Figura 96 - Vista do sector residencial masculino.
<http://bse.sci-lib.com/pictures/16/13/200894492.jpg>
- Figura 97 - Terraços dos edifícios de habitação dos atletas masculinos.
(Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974b, p.103)
- Figura 98 - Tipologias das habitações femininas: Planta e corte dos *bungalows* (esq.) e planta do quarto, no edifício com 20 pisos (dir.).
(Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974b, p.110)
<http://www.db-bauzeitung.de/wp-content/uploads/3/3/3307690-565x448.jpg>
- Figura 99 - Vista aérea do sector residencial feminino.
<http://www.fotocommunity.de/photo/olympiapark-005-brunterm/35893933>
- Figura 100 - Área de estar e serviços do *bungalow*.
(Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974a, p.131)
- Figura 101 - Quarto do *bungalow*.
(Organisationskomitee für die Spiele der XX. Olympiade, 1974a, p.131)
- Figura 102 - Um dos terroristas do ataque do Setembro Negro (esq.) e dois polícias da Alemanha Ocidental (dir.).
<http://www.gettyimages.pt/evento/athens-2004-olympian-archive-50945951#mandatory-credit-allsport-hultonarchive-picture-id1242027> [Fotografia de Keystone]
<http://historythings.com/wp-content/uploads/2016/09/1972-munich-olympic-terrorist-attack.jpg>
- Figura 103 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Montreal, em 1976.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 104 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Montreal.
(Comité d'Organisation Jeux Olympiques 76, 1978, p.259) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 105 - Bloco de habitação como barreira visual e física [actualmente].
https://i.redditmedia.com/V4UuuBTVwiev0iu3nZouEZidxavorepKWrG6j_dO7Ts.jpg?w=1000&s=88573176d06b8d8e7aac93855e5a8fd2
- Figura 106 - Iconografia representativa da distribuição dos serviços pelos diferentes pisos.
(Comité d'Organisation Jeux Olympiques 76, 1978, p.260) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 107 - Plantas parciais de três diferentes pisos.
("The Olympic Village", s.d., pp.6-7)
- Figura 108 - Plantas das diferentes tipologias dos apartamentos.
("Games of the XXI Olympiad", (s.d.). pp.48-52)
- Figura 109 - Atletas femininas num dos quartos.
(Comité d'Organisation Jeux Olympiques 76, 1978, p.342)
- Figura 110 - Cartoon alusivo ao boicote decretado pelos EUA à participação nos Jogos Olímpicos.
<http://adst.org/wp-content/uploads/2014/02/olympics-comic.bmp>
- Figura 111 - Típica paisagem das construções de habitação social soviética.
<http://images.adsttc.com/media/images/58ed/028a/e58e/ce8f/0300/029f/slideshow/AVD43440.jpg?1491927682>

- Figura 112 - Aldeia Olímpica de Moscovo.
http://c.pastvu.com/_p/d/c/a/7/ca77ecd155f17ab7258d520c2c8f7e72.jpg
- Figura 113 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Moscovo, em 1980.
 Planta realizada pelo autor.
- Figura 114 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Moscovo.
 (Organising Committee of the 1980 Olympic Games in Moscow, 1981, p.132) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 115 - Área exterior formada pelos blocos de habitação.
<http://moscowwalks.ru/2012/olimpdervnya/image53.jpg>
- Figura 116 - Planta de um dos blocos de habitação.
 (Organising Committee of the 1980 Olympic Games in Moscow, 1981, p.135) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 117 - Interior das habitações: hall de entrada (esq.) e quarto duplo (dir.).
 (Organising Committee of the 1980 Olympic Games in Moscow, 1981, pp.311-312)
- Figura 118 - Parque da Aldeia Olímpica em primeiro plano, adjacente às instalações de treino.
https://img-fotki.yandex.ru/get/66316/123177916.369/0_12c911_a19a5fa7_orig
- Figura 119 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Los Angeles, em 1984.
 Planta realizada pelo autor.
- Figura 120 - Estruturas efémeras que conectavam todos os recintos dos Jogos Olímpicos.
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/2c/7e/ce/2c7eceb02634d768b0d1b247a8bf76b3---summer-olympics-wave-design.jpg>
<https://i.pinimg.com/564x/92/99/c0/9299c0e411f584bd4913b9acc5cc0c36.jpg>
- Figura 121 - Pórticos a marcar a entrada nas Aldeias Olímpicas.
 (International Olympic Committee, 2017, p.44)
- Figura 122 - Discoteca e cafetaria edificadas na UCLA.
 (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.172)
- Figura 123 - Planta geral da Aldeia Olímpica na USC, Los Angeles.
 (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.166) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 124 - Planta ao nível dos quartos, no alojamento tipo apartamento.
 (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.167) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 125 - Planta geral da Aldeia Olímpica na UCLA, Los Angeles.
 (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.173) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 126 - Planta ao nível dos quartos, no alojamento tipo residência.
 (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.172) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 127 - *Main Street* na USC.
 (Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1985, p.163)
- Figura 128 - Tradicionais casas coreanas - *Hanoks*.
<https://static1.squarespace.com/static/55ab4afce4b06df5b4612325/59753a0dd2b85704bb56a867/59753a0e59cc6804bf00745c/>
- Figura 129 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Seul, em 1988.
 Planta realizada pelo autor.
- Figura 130 - Vista do Parque da Aldeia Olímpica [actualmente].
<http://www.korea108.com/2016/02/mongchon-fortress.html>
- Figura 131 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Seul.
 (Seoul Olympic Organizing Committee, 1989, pp.532-533)
- Figura 132 - Atletas neozelandeses a observar a Aldeia Olímpica.
https://c2.staticflickr.com/4/3622/3584284391_7ba6da584b_b.jpg
- Figura 133 - Salão dos Atletas no centro do complexo residencial.
 (Seoul Olympic Organizing Committee, 1989, pp.568-569)

- Figura 134 - Bairro do Somorrostro, na zona da Aldeia Olímpica, antes da intervenção .
<http://www.dicasdeumacarioca.rio/wp-content/uploads/2015/12/somorrostro-chabolas-zona-hospital-del-mar-hasta-villa-olimpica-1950-1.jpg>
- Figura 135 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Barcelona, em 1992.
 Planta realizada pelo autor.
- Figura 136 - Cofragem das colunas do *Cinturón de Ronda* durante a sua construção.
<http://bcn87-92.tempusfugitvisual.com/fot-doc/la-construccion-de-la-ronda-litoral/>
- Figura 137 - Demolição das naves da fábrica Motor Ibérica, em 1988.
http://bcn87-92.tempusfugitvisual.com/wp-content/uploads/2013/07/07_Derribos_1988-10_04-150-bn_043.jpg
- Figura 138 - Blocos de habitação com o tijolo como revestimento comum.
 (Clotet & Paricio, 1992, p.73)
 (Tusquets & Díaz, 1992, p.76)
- Figura 139 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Barcelona.
 (Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92, 1992a, p.188) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 140 - Vista aérea de parte do complexo residencial Olímpico.
<http://www.dicasdeumacarioca.rio/wp-content/uploads/2015/12/vila-1.jpg>
- Figura 141 - Planta do Centro Ecuménico Abraão (em cima) e vista do seu interior (embaixo).
<https://www.architectural-review.com/buildings/abraham-ecumenical-centre-in-barcelona-by-josep-benedito-and-agusti-mateos/10005607.article>
 (Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92, 1992b, p.343)
- Figura 142 - Planta-tipo de um centro de residentes (em cima) e lavandaria disponível aos atletas (embaixo).
 (Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92, 1992a, p.188) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
 (Comitè Organitzador de les Olimpíades de Barcelona 92, 1992a, p.196)
- Figura 143 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Atlanta, em 1996.
 Planta realizada pelo autor.
- Figura 144 - Blocos residenciais Olímpicos com o respectivo espaço exterior.
https://c.o0bg.com/rf/image_1920w/Boston/2011-2020/2014/08/01/BostonGlobe.com/Metro/Images/OLYvillage01A.jpg
- Figura 145 - Planta do piso térreo.
<http://housing.gatech.edu/housing-options> e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 146 - Planta do piso dos apartamentos.
<http://housing.gatech.edu/housing-options> e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 147 - Bow-window utilizada nos apartamentos da Aldeia Olímpica.
 (International Olympic Committee, 2017, p.59).
- Figura 148 - Zona Internacional no campus universitário - *Georgia Tech Plaza*.
<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/uniformed-employees-of-nationsbank-a-sponsor-of-fotografia-de-not%C3%ADcias/51979933#uniformed-employees-of-nationsbank-a-sponsor-of-the-1996-olympic-sit-picture-id51979933> [Fotografia de Romeo Gacad].
- Figura 149 - Parque Olímpico Centenário: antes (esq.) e depois da intervenção Olímpica (dir.).
<https://saportareport.com/cherishing-atlantas-1996-olympics-legacy-before-it-has-all-disappeared/>
- Figura 150 - Planta do Parque Olímpico Centenário.
 (The Atlanta Committee for the Olympic Games, 1997, p.82).
- Figura 151 - Escultura *Tribute to Olympia*.
http://mytourguide.com/Content/users/u_68e8f38b-687c-42bb-95f7-a193faaf823e/Content/c8.jpg
- Figura 152 - Fábrica Union Carbide em Rhodes, adjacente a Homebush Bay, na década de 1960.
<https://cdn.theconversation.com/files/18402/area14mp/5c2vc79t-1354769487.jpg>

- Figura 153 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Sydney, em 2000.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 154 - Vista aérea da Aldeia Olímpica e do Parque Olímpico em segundo plano.
<http://beta.stayover.com.au/sites/default/files/imagecache/popup/project/images/Olympic-Village.gif>
- Figura 155 - Zonas húmidas utilizadas como meio de reciclagem natural da água.
<http://www.abc.net.au/science/slab/olympics/img/wetlands2.jpg>
- Figura 156 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Sydney.
http://www.coxarchitecture.com.au/wp-content/uploads/2015/12/294105_00_N6_medium.jpg
- Figura 157 - Edifícios de habitação com as respectivas estruturas arquitectónicas de controlo da temperatura.
<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/general-view-of-the-athletes-village-before-the-fotografia-de-not%C3%ADcias/1182608#sep-2000-general-view-of-the-athletes-village-before-the-sydney-2000-picture-id1182608> [Fotografia de Nick Wilson]
- Figura 158 - Contentor portátil de metal como estrutura temporária no jardim das moradias.
<http://beta.stayover.com.au/project/2000-olympic-village>
- Figura 159 - Aldeia Olímpica com a envolvente industrial a Oeste, em segundo plano.
<http://media.gettyimages.com/photos/the-olympic-center-in-sydney-australia-on-september-13-2000-the-picture-id115126934?s=612x612> [Fotografia de Pool JO Sydney 2000]
- Figura 160 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Atenas, em 2004.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 161 - Vista aérea da Aldeia Olímpica.
<http://www.decathlon.gr/en/projects/master-plan-for-the-olympic-village/>
- Figura 162 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Atenas.
http://www.apada.com/2004/map_files/1_600_Olympic_Village_Masterplan_GR.jpg
- Figura 163 - Vestígios do aqueduto romano de Adriano encontrados durante a construção da Aldeia.
http://www.romanaqueducts.info/aquasite/foto/IMG_8150.jpg
- Figura 164 - Momento em que um cidadão bloqueia o caminho a vários tanques, durante o massacre de Tiananmen.
[https://fthmb.tqn.com/dGF6whnNQbhRgkJsYALU0dPxfgs=/768x0/filters:no_upscale\(\)/about/030-56a040383df78cafdaa0adf6.JPG](https://fthmb.tqn.com/dGF6whnNQbhRgkJsYALU0dPxfgs=/768x0/filters:no_upscale()/about/030-56a040383df78cafdaa0adf6.JPG)
- Figura 165 - Estádio Olímpico com céu limpo e com céu poluído.
http://www.huffingtonpost.com/2014/11/10/beijing-pollution-photo-a_n_6134204.html [Fotografia de Jeffrey Kesler].
- Figura 166 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Pequim, em 2008.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 167 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Pequim.
(International Olympic Committee, 2005, p.61) e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 168 - Espaços exteriores dentro da zona residencial.
http://i2.letvimg.com/lc02_sms/201606/29/11/56/news772901019/169.jpg
http://b3-q.mafengwo.net/s5/M00/D5/D4/wKgB21APXSK_8QdHAAwWm7OCdUA67.jpeg?imageView2%2F2%2Fw%2F600%2Fh%2F600%2Fq%2F90
<http://www.bjthyf.com/UpLoadFiles/Image/2012071955758953.jpg>
- Figura 169 - Fachada de um dos edifícios de habitação.
<http://www.gettyimages.co.uk/detail/news-photo/general-view-of-the-olympic-village-where-the-athletes-will-news-photo/94872160#general-view-of-the-olympic-village-where-the-athletes-will-stay-picture-id94872160> [Fotografia de Bloomberg].
- Figura 170 - Indústrias e portos abandonados ao longo dos rios Tamisa e Lea, em 1992.
<http://river-lea.co.uk/80bwlea-bow02.htm>
<http://river-lea.co.uk/80bwlea-bow03.htm> [Fotografias de Peter Marshall].

- Figura 171 - Planta de relação da Aldeia Olímpica entre o Parque Olímpico e a cidade de Londres, em 2012.
Planta realizada pelo autor.
- Figura 172 - Relação da Aldeia Olímpica com o Parque da Aldeia Olímpica e o Parque Olímpico.
https://www.bdonline.co.uk/Pictures/web/i/a/t/olympic-park-pla_459.jpg e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 173 - Espaços verdes do Parque Olímpico.
http://www.aecom.com/ie/wp-content/uploads/2015/10/Europe_Sports_MegaEvents_London2012_10-356x531.jpg
<http://www.landezine.com/index.php/2016/07/queen-elizabeth-olympic-park-by-hargreaves-associates/>
- Figura 174 - Planta geral da Aldeia Olímpica de Londres.
<https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/30862> e, posteriormente, trabalhada pelo autor.
- Figura 175 - Espaços exteriores da Aldeia Olímpica e pátios interiores dos blocos de habitação.
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Olympic_Village%2C_London%2C_16_April_2012.jpg
http://www.idesignarch.com/wp-content/uploads/London-2012-Olympic-Athletes-Village_3.jpg
http://3.bp.blogspot.com/-qn_tnl54jM/UEP9v-M5kiI/AAAAAAAAEY4/wlITKOFBbNs/s1600/olyvillage_576.jpg
http://www.glenform.com/images/olympic_athletes500x300.gif
<http://www.gettyimages.pt/evento/east-village-opens-in-the-olympic-park-477161949#general-view-of-a-courtyard-at-the-newly-transformed-east-village-picture-id476949233> [Fotografia de Dan Kitwood]
- Figura 176 - Diferentes fachadas dos edifícios de habitação.
http://www.cityam.com/assets/uploads/main-image/cam_standard_article_main_image/east-village-opens-in-the-olympic-park-476949179-58c12b373fe3d.jpg
<http://i2.cdn.cnn.com/cnnnext/dam/assets/120127023628-olympic-village-interior-27-1-12-horizontal-large-gallery.jpg>
http://www.cityam.com/assets/uploads/main-image/cam_standard_article_main_image/east-village-opens-in-the-olympic-park-476949175-573c0994e7727.jpg
- Figura 177 - Reintrodução dos Jogos Olímpicos - Alegoria do Desporto, Charles de Coubertin, 1896.
(Müller & Todt, 2015, p.236)
- Figura 178 - Gráfico do número de habitantes das cidades anfitriãs.
Gráfico realizado pelo autor.
- Figura 179 - Gráfico das distâncias desde a Aldeia Olímpica até à cidade anfitriã e Parque Olímpico.
Gráfico realizado pelo autor.
- Figura 180 - Gráfico das áreas das Aldeias Olímpicas.
Gráfico realizado pelo autor.
- Figura 181 - Gráfico do número de atletas participantes, o seu total e a capacidade das Aldeias Olímpicas.
Gráfico realizado pelo autor.
- Figura 182 - Gráfico do número países participantes.
Gráfico realizado pelo autor.
- Figura 183 - Gráfico da taxa de crescimento do número de atletas.
Gráfico realizado pelo autor.

Último acesso aos endereços de *internet* no dia 30 de Agosto de 2017.